UNIVERSIDADE AbERTA www.univ-ab.pt

Departamento de Educação e Ensino à Distância

Mestrado em Arte e Educação

Um olhar sobre o perfil na orientação de práticas em Expressão Dramática: Um estudo de Investigação-Ação na Escola Superior de Educação de Viseu

PORTEFÓLIO

Leandro Ricardo Nogueira Cavadas

/nº. 803275

Lisboa, 2011

ÍNDICE

Apresentação 5

A sala de drama 7

Cronograma da ação 9

Sessão 1 13
Sessão 2 19
Sessão 3 25
Sessão 4 29
Sessão 5 35
Sessão 6 41
Sessão 7 47
Sessão 8 57
Sessão 9 67
Sessão 10 77
Sessão 11 89
Sessão 12 105
Sessão 13 115
Sessão 14 125
Sessão 15 137

Bibliografia de apoio 149

Anexos 151

Anexo I: Programa do Módulo de *Introdução à Expressão Dramática* 153

Anexo II: Documento: *Notas sobre a escrita do registo* 161

APRESENTAÇÃO

O portefólio que aqui apresento descreve todo o processo de lecionação realizado por mim enquanto docente na área da Expressão Dramática. Faz parte integrante de um estudo que teve como objetivo analisar e refletir sobre o meu perfil enquanto docente desta área artística.

Acompanhou um período de lecionação compreendido entre os meses de outubro, de 2010, a fevereiro de 2011.

As sessões descrevidas acompanharam o processo de operacionalização do programa do módulo de *Introdução à Expressão Dramática* inserido na Unidade Curricular *Oficina das Artes I* no 1º. Semestre do 1º. ano do 1º. Ciclo de estudos do curso de Animação Cultural, na Escola Superior de Educação de Viseu.

No total foram concebidas e orientadas 15 sessões, com a duração de 2 horas semanais cada uma.

Em primeiro lugar é caracterizado o contexto físico onde o processo letivo ocorreu.
Em segundo é apresentado o cronograma que dá a panorâmica global dos temas abordados em cada sessão e a sua distribuição ao longo do semestre. É igualmente atribuída uma codificação de cor que define o conjunto de sessões que compreendem os momentos que se consideraram como chave, aqui denominados de ciclos de investigação-ação.
Em terceiro lugar são descritas as sessões. Cada sessão está organizada a partir de uma planificação onde são apresentados os elementos que a constituíram. É igualmente estabelecida uma ordem cronológica dos eventos. Há, assim, a planificação (onde é descrito o plano de cada sessão), a memória descritiva (composta por: considerações antes da ação, a descrição da ação, a reflexão após a ação, a reflexão depois da ação) e a memória visual (onde é apresentada a seleção das imagens mais ilustrativas do processo ocorrido em cada sessão).
Por último, são anexados os documentos usados no processo.

A SALA DE DRAMA

O espaço destinado à lecionação do módulo apresenta condições técnicas e estruturais que considero excelentes. A dimensão da sala permite a prática de atividades onde o indivíduo tem ao seu dispor equipamentos técnicos como: PC, leitor de DVD, TV, sistema de som e possibilidade de regulação da luz artificial. A par deste apetrecho técnico a sala oferece condições estruturais tais como: chão em madeira com proteção em linóleo, ar condicionado, boas entradas de luz, espelhos móveis e colchões.

A sua colocação física relativamente ao edifício da instituição permite que seja um local calmo e sem perturbações.





Num espaço contíguo à sala de drama existem igualmente balneários de apoio às aulas, onde é dada a possibilidade aos discentes de troca de roupa para algo mais prático e apropriado para a dinâmica das atividades. Existe igualmente um suporte para a colocação do calçado usado no exterior da sala. Assim, a presença neste espaço implica o uso de vestuário e calçado apropriado.

CRONOGRAMA DA AÇÃO

OUTUBRO	Sessão 1	Tema	Apresentação
		Conteúdos	*- Programa curricular* *- Jornal de bordo* *- Avaliação*
	Sessão 2	Tema	O grupo encontra-se
		Conteúdos	*- O colectivo* *- Socialização* *- Conhecimento de si e do outro*
	Sessão 3	Tema	O individual no colectivo
		Conteúdos	*- O colectivo* *- O corpo*
	Sessão 4	Tema	A primeira expressão. O jornal das emoções
		Conteúdos	*- O corpo*
NOVEMBRO	Sessão 5	Tema	O objeto como mediador da expressão/ comunicação
		Conteúdos	*- O corpo* *- O movimento* *- O espaço*
	Sessão 6	Tema	Balanço da prática. A primeira definição
		Conteúdos	*Avaliação*
	Sessão 7	Tema	O meu objecto
		Conteúdos	*- Relacionamento intrapessoal* *- O jogo como expressão/ comunicação* *- O jogo dramático*
	Sessão 8	Tema	O *Eu* e o objecto
		Conteúdos	*- O corpo* *- O jogo como expressão/ comunicação: o jogo mímico*

DEZEMBRO	Sessão 9	Tema	O percurso
		Conteúdos	*- O corpo* *- O espaço* *- O movimento*
	Sessão 10	Tema	*Eu* e o meu percurso. O presente do meu passado
		Conteúdos	*- O corpo* *- O movimento*
JANEIRO	Sessão 11	Tema	A cadeira. O meu elemento de expressão/ comunicação
		Conteúdos	*O jogo como expressão/ comunicação: o jogo dramático*
	Sessão 12	Tema	A voz e o espaço
		Conteúdos	*- O corpo como elemento sonoro* *- O espaço*
	Sessão 13	Tema	O que não vejo, sinto. Ou, o que vejo com o meu corpo
		Conteúdos	*- O espaço* *- O corpo*
	Sessão 14	Tema	A Improvisação
		Conteúdos	*- O jogo como expressão/ comunicação: o jogo dramático*
FEVEREIRO	Sessão 15	Tema	A Dramatização
		Conteúdos	*- O jogo como expressão/ comunicação: o jogo dramático*

Legenda:

1º. Ciclo de Investigação-Ação

2º. Ciclo de Investigação-Ação

3º. Ciclo de Investigação-Ação

4º. Ciclo de Investigação-Ação

SESSÕES

PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 1	**Tema**: Apresentação	7 Out.
Sumário: Apresentação. Exposição do programa do módulo e dos elementos de avaliação. Apresentação dos pressupostos para a escrita do *Diário de Bordo*.		
Conteúdos: - Programa curricular; - Jornal de Bordo - Avaliação.		
Competências: - Compreende o vocabulário específico do módulo; - Compreende os objectivos curriculares.		
Proposta de atividade: Dar a conhecer o módulo bem como a estruturas de funcionamento das sessões.		
Descrição da proposta: - Diálogo com os discentes sobre as propostas do programa; - Debate sobre os objectivos do módulo; - Esclarecimento sobre a estrutura das sessões; - Apresentação dos pressupostos e da estrutura da escrita do registo.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: Programa da unidade curricular; Documento : *Notas sobre a escrita do registo:* '**O diário de bordo'**.		

Memória descritiva
Primeira sessão. Para esta primeira sessão vou dar a conhecer o programa do módulo e, se possível, fazer um primeiro exercício para conhecer o grupo e, do mesmo modo, o grupo conhecer a sala e ter o primeiro contacto com os colegas. A primeira aula é sempre importante. As primeiras impressões são sempre marcantes. Não querendo dizer que são impressões definitivas, mas como o tempo passa muito depressa é sempre salutar querer começar da melhor forma. Daí, querer deixar uma primeira uma impressão que funcione como marca para as sessões seguintes. Está a chegar a hora de começo e a verdade é que não tenho qualquer ideia de como é o grupo. Quantos rapazes e raparigas, as espectativas que eles têm sobre a Expressão Dramática, as experiências que já tiveram e de onde vêm, são pormenores que procuro saber nas primeiras sessões. Também não deixa de ser importante que os discentes conhecem estes pormenores dos colegas. Por vezes, é aqui onde se encontram as primeiras afinidades, os primeiros pontos em comum e as primeiras diferenças. **a) Após a ação** Esta sessão acaba por ser o complemento do encontro da semana passada. Isto porque nessa semana só compareceram 8 discentes. Resolvi assim aguardar uma semana para tomar a presente sessão como sendo a primeira. Iniciei a sessão com uma atividade que procurava a estímulo da reação espontânea. Pronunciando o nome de cada um, cada discente teve de dizer o seu próprio nome para o colega mais rápido possível. Este, por sua vez, tinha que dizer o seu para um outro colega. Ao haver hesitação, engano, ou dizer o nome para o mesmo colega, esse elemento sentava-se. O jogo prosseguia sucessivamente até haver só dois elementos em jogo. De seguida propus o jogo do ‘assassino’. Foi eleito um elemento assumiu o papel de assassino. A sua função foi tentar colocar todos os colegas fora de jogo através de um piscar de olhos. O jogo reiniciou sempre que o ‘assassino’ era descoberto. A terceira proposta foi o jogo do ‘macaquinho de chinês’. Um exercício do universo

infanto/ juvenil que quis aqui usar como estimulo à concentração e à reação espontânea. Acabei por acrescentar várias variantes à proposta. Variantes como avançar e tocar no pé de um colega ao mesmo tempo; avançar e tocar no pé e numa mão do colega; avançar a tocar numa cor específica; avançar e ao mesmo tempo conseguir criar uma estátua, por exemplo a estátua da liberdade.

As atividades funcionaram um pouco como indução à dinâmica das sessões. Procurei mostrar, pela ação, o tipo de cadência, ritmo e especificidade que estas sessões iniciais irão ter. [1]
Procurei igualmente imprimir o sentido do lúdico através de jogos das nossas memórias mais antigas, tornar presente a ligação aos jogos guardados em períodos da infância e da adolescência e transportá-los para a ação presente.

A proposta seguinte passou por um dos temas que é frequentemente usado em atividades de Expressão Dramática: o escultor e a massa. A pares, um dos elementos assumiu o papel de escultor e teve como missão criar uma estrutura com o corpo do outro. Foi um exercício que permitiu o primeiro contato com o corpo do outro, sentir as possibilidades que cada um poderia realizar usando a massa corporal de outrem. Foram explorados níveis de flexibilidade corporal como: normal, com resistência, sem resistência, o corpo adormecido.

Fui sempre dando indicações, quer no início do exercício, quer durante. Um fator que retenho desta sessão é a interferência na ação quando estão somente presentes dez participantes. O processo de orientação e acompanhamento torna-se mais simplificado devido ao facto de poder acompanhar individualmente o trabalho que cada um está a desenvolver. Pela mesma razão, a observação do desempenho de cada um é também mais alargada.

A proposta seguinte, chamada de *marionetas*, explorou, por outro sentido, a exploração e o domínio corporal. Através de 'fios', um dos elementos teria que movimentar a sua marioneta, levá-la a fazer ações tão simples como caminhar.

[1] Foi realçada, com fundo negro, a informação considerada relevante dentro dos propósitos do estudo.

Uma outra atividade foi a do *espelho*. Aqui um dos elementos teve que imitar com exatidão os movimentos do colega a tal ponto que não fosse perceptível ao olhar exterior quem estava a comandar o movimento. Procurei assim a exploração do movimento pela sintonia. Por outro lado, com o exercício o *hipnotizado*, onde cada seguia a mão do colega, procurei a exploração da atenção num ponto só. O exercício foi desenvolvido explorando a organização do grupo a pares, trios e coletivo.



Para a orientação deste momento da sessão comecei sempre por exemplificar com um sujeito o exercício e no decorrer do mesmo fui dando indicações sobre as variantes a desenvolver.

No exercício final foi trabalhada a confiança. Para isso propus a um participante que se deitasse no chão de braços abertos. Os colegas do grupo tiveram que o levantar o mais alto possível. Todos os elementos tiveram a oportunidade de experimentar a sensação de ser elevado.

O momento final da sessão foi dedicada à retroação sobre aquilo que foi realizado.

Comecei por fazer uma retrospectiva dos diferentes exercícios, ao mesmo tempo que dava a indicação que nestes primeiros encontros o trabalho a realizar estaria mais direcionado para as dinâmicas de grupo.

Relativamente à prática, o sujeito, enunciou substantivos como: a identificação, a confiança e a união.

O restante tempo foi dedicado à explicitação da forma como o registo no *Diário de Bordo* deverá ser realizado. Foram esclarecidas dúvidas sobre as diferentes partes do registo, nomeadamente o que é pretendido em cada uma delas.

b) Depois da ação

Quando o grupo ainda não está completamente definido existe a sensação de estar sempre a começar. A preocupação, aqui, foi a de receber os novos discentes que vêm integrar o grupo de forma a sentirem-se o mais à vontade possível.

As atividades desenvolvidas para esta sessão acabarem por se integrar em práticas de

dinâmicas de grupo. Considero importante, numa primeira fase, expor o sujeito a práticas onde este interaja com o outro de forma livre, espontânea, aberta e disponível. Espero que, com estas práticas, o sujeito faça parte constituinte de um grupo de trabalho. Sinta que é um elemento ativo e que completa o grupo.

Os clássicos da Expressão Dramática



Um... dois... três, a torre Eiffel



Um corpo eleva-se

O escultor e a massa







O espelho



PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 2	**Tema**: O grupo encontra-se	14 Out.
Sumário: Exercício prático de expressão e comunicação. O *Eu* conhece o *Outro*.		
Conteúdos: - o colectivo; - socialização; - conhecimento de si e do outro.		
Competências: - Revela capacidades de escuta e de observação do outro; - Revela capacidade de expressão e comunicação individual e com o(s) outro(s).		
Proposta de atividade: O desenho como suporte à expressão e comunicação.		
Descrição da proposta: No caderno ou numa folha de tamanho A4 é dividida em 8 partes iguais, usando para isso a frente e o verso da folha. É proposto ao discente que em cada uma das partes represente graficamente, fazendo uso de suportes como o lápis de cor, cera, marcador ou giz, momentos, episódios, acontecimentos, sentimentos ou emoções de todo o seu percurso de vida até ao dia da sessão. Cada participante representa os eventos que considera os mais pertinentes, os principais, os mais significativos ou ilustrativos do seu percurso. Posteriormente cada um apresenta as suas produções e o seu significado ao grupo.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: Lápis de cor, giz, cera, marcadores.		

Memória descritiva
Esta será a sessão em que, espero, o grupo já esteja formado. O processo de estabilização do grupo está a terminar, faltando apenas a chegada dos discentes da terceira fase do concurso ao ensino superior. Quero que o grupo se conheça, que os discentes vão conhecendo pormenores dos outros e partilhem as suas vivências passadas. Que cada um partilhe o que considere de mais importante, ou emergente, em si e acima de tudo que o queira partilhar. **a) Após a ação** Chegaram mais dois elementos novos. Mais uma vez o processo de integração teve que ser rápido. O preenchimento da ficha diagnóstico do grupo, a entrega de uma foto e as indicações sobre o caderno. Iniciei a sessão com atividades de integração dos novos elementos. Estas atividades enquadraram-se dentro da mesma temática que as da sessão anterior. Comecei com o círculo de mãos cruzadas onde os participantes tinham que bater no chão dentro da sequência da roda. De seguida, propus um exercício onde recuperei, mas uma vez, um jogo de origem infanto/ juvenil: o segredo. No entanto, a variável acrescentada foi a continuidade de vários segredos onde os elementos tiveram que passar segredos constantemente. Rebuscar os jogos de infância e reproduzi-los em idade adulta acaba por criar boa disposição, voltar a lembrar tempos passados parece dar uma sensação de integração aos participantes. Do mesmo modo, o relembrar tempos passados contribuiu para a criação de um ambiente lúdico e divertido. Continuei com a mesma ideia de segredar algo a alguém. Desta vez os discentes tiveram que circular pela sala, pensar em cinco segredos e ao meu sinal tentar segredar as cinco frases e ao mesmo tempo conseguir fixar cinco frases dos colegas. Estas atividades potenciam a atenção e a concentração. Através de uma atividade desenvolvida a partir de uma referência juvenil acabei por trabalhar a integração do grupo e a entrega ao jogo dos seus elementos. Uma outra proposta do mesmo universo apresentada foi a *apanhada*. Novamente foram

propostas novas variantes, desde tentar passar uma linha sem ser apanhado, até conseguir ultrapassar uma linha de 'caçadores' que estavam de olhos fechados.



A proposta seguinte passou pelo reforço da confiança por parte dos alunos em mim. Para isso, pedi que caminhassem em linha reta ao longo da sala em direção a uma das paredes de olhos fechados até serem parados por mim.
É um exercício que não deixa de ser complicado de se realizar, caminhar de olhos fechados mantém os nossos instintos de proteção em alerta. Quanto a esta situação posso afirmar que os participantes não se retraíram muito, o que não deixa de ser satisfatório para mim.
As propostas de trabalho sobre a confiança no outro continuaram, desta vez o grupo foi organizado em trios onde um dos elementos funcionou como pêndulo e os dois elementos restantes tinham de manter um vaivém de colega de olhos fechados.

O momento seguinte iniciou o tema central para esta sessão: a criação individual de desenhos que tinham como base temática eventos passados de cada um. Organizei o grupo em círculo para haver uma maior proximidade entre os participantes. Indiquei que o exercício implicaria a partilha de momentos importantes e que desejassem partilhar com o outro.
No pós ação notei que eu próprio não criei as imagens que tinha sugerido aos participantes. No entanto, penso que poderia ter partilhado episódios meus, participar também na atividade. Desta forma há uma aproximação entre quem orienta e quem participa.
Durante a atividade foi mantida uma conversa informal enquanto os desenhos foram produzidos. Acabou por ser criado um ambiente tranquilo e de partilha de experiências inspiradas pelo tema.
O grupo, durante as apresentações individuais, manteve a atenção ao colega que estava a apresentar, acabando por surgir episódios divertidos e com grande detalhe. De salientar, que muitos dos eventos reportaram-se a momentos da infância.
Pela reação do sujeito, bem como pelos seus relatos, notei que foi uma atividade que acrescentou mais elementos ao conhecimento de cada um. Considerei importante a possibilidade criada para que cada um tivesse um espaço de tempo para poder falar sobre si e a possibilidade de ser ouvido. Pela mesma razão, foi marcante cada um poder acrescentar mais dimensões ao seu ser; dar a conhecer mais pormenores de si ao outro;

dar voz ao mundo mais privado.

No decorrer da sessão, senti que tive necessidade de chamar várias vezes a atenção do sujeito para os exercícios. Houve constantemente a necessidade de direcionar o foco para as indicações que estavam a ser dadas O sujeito facilmente perdia a concentração para o exercício, distraindo-se com os colegas. Pareceu-me mais disperso, como se os exercícios não fossem novidade, ou então, não estava 'para aí virado'. Mas a verdade é que não posso mudar de exercício sempre que um elemento já o fez ou não está com a disposição para o realizar.

Por vezes é necessário relembrar que apesar de já terem sido realizados exercícios similares noutras situações, estes são realizados com o intuito de conquista de confiança no outro. Se o grupo muda, essa conquista tem que ser realizada de novo.

Na retroação voltaram a surgir questões sobre como o registo deveria ser realizado. Como consequência disso o momento da retroação foi essencialmente conduzido por mim.

Usando como exemplo a prática realizada nesta sessão, realizei uma síntese de tudo o que aconteceu durante a sessão e com isso procurei que os discentes desenvolvessem o seu discurso tendo como referência a sua vivência nos diferentes exercícios.

Voltei a referir as finalidades do *Diário de bordo* e a importância para o desenvolvimento continuado da escrita do registo. Fiz de novo referência à estrutura do registo e ao que é pretendido em cada uma das partes.

No que concerne os dizeres do sujeito, foram indicadas palavras chave como: divertimento, convívio, confiança, curiosidade, lembrança, recordações, memória, conhecimento do outro, atenção, concentração e orientação.

Agora, considero que a minha preocupação na retroação foi mais direcionada para explicação dos objetivos do *Diário de bordo* do que propriamente para as visões do sujeito. Penso que 'abafei' um pouco o discurso dos discentes.

Neste momento de retroação os discentes revelarem terem estado atentos aos diferentes momentos da sessão.

Apesar de no início parecerem mais desatentos e distantes, mostraram, através da sua perceção das finalidades dos exercícios, terem percebido o propósito destes.

b) Depois da ação

Depois de rever a ação penso que foi despendido muito tempo da sessão para a produção dos desenhos.

Em termos de orientação, houve um momento inicial de movimento e de exercícios de dinâmica de grupo. Não sei até que ponto esse momento terá contribuído para o tema principal da sessão. Ao ter idealizado inicialmente a produção de imagens, surge a questão: Porquê iniciar com exercícios de movimento se a ação não foi continuada nesse sentido? E, outra questão que pode ser colocada: Porque não começar com as imagens e depois propor um exercício onde as próprias imagens fossem a matéria prima? Assim, poderia haver um melhor encadeamento pedagógico do tema.

Neste grupo existem discentes para quem este tipo de atividades não são novidade. Face a certos exercícios ouvem-se comentários como: 'Ah, já conheço' e 'Já fiz'. Por outro lado, surgem comentários em sentido oposto, como 'Não percebi' e 'Pode explicar outra vez'. Ou seja, no mesmo grupo existem recepções opostas às atividades.

A questão que me coloco e que emerge deste tipo de situações é: Como criar variantes do mesmo exercício de forma a manter os discentes com um mesmo nível de envolvência e de entrega?

Os clássicos da Expressão Dramática



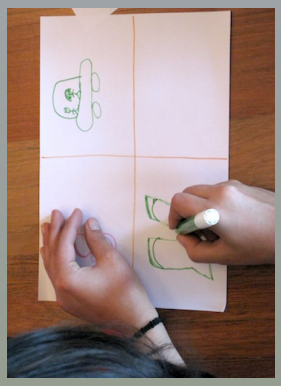
O pêndulo



O segredo

Oito momentos do meu percurso...







... que vou partilhar



PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 3	**Tema**: O individual no colectivo	21 Out.
Sumário: Exercícios de exploração das dimensões corporais. O movimento espontâneo e o movimento estruturado.		
Conteúdos - o colectivo; - o corpo: - Tomada de consciência corporal; - Atenção global; - Atividades sensoriais.		
Competências: -Move-se à vontade (individual e grupo); -Toma consciência do corpo a fim de explorar e desenvolver todas as possibilidades de expressão e de criatividade. -Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo);		
Proposta de atividade: Expressão corporal a partir de temas dados		
Descrição da proposta: Exercícios de desbloqueio. Atividades de reação espontânea do movimento corporal (como exemplo: uma rua, uma corrente); a máquina (em grupo, cada elemento reproduz o som e o movimento de um segmento de uma linha de produção); o quadro vivo (a partir de um tema cada grupo apresenta a sua interpretação desse tema através da construção de um quadro vivo, ou fotografia).		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: Nenhum.		

Memória descritiva
É a terceira sessão com o grupo. Quis começar com atividades relacionadas com o movimento, levar os discentes a interagirem com os colegas, a perceber a sua dinâmica pessoal em exercícios de reação espontânea que conduzam a um contacto mais próximo com o(s) colega(s). Sei o que quero que os discentes façam, sei qual o caminho, mas surgem sempre propostas e variantes dos exercícios que não estão planeados. Como por exemplo, os discentes quiseram voltar a fazer o exercício de elevar o corpo de um colega. Neste caso, propuseram elevar um dos novos colegas como forma de integração, de ganho de confiança por parte destes. Fiquei satisfeito em perceber que os discentes quiseram aplicar um exercício pelo qual também passaram e com o mesmo objectivo - o ganho de confiança. Percebi que foi um exercício que os marcou e que levou a que quisessem repetir. Na idealização desta sessão concentrei a minha atenção para a dinâmica do grupo ao invés de me preocupar com o resultado da sessão. Penso que desta forma haverá uma atenção redobrada ao processo e às atitudes e prestações de cada um. **a) Após a ação** Chegaram mais cinco discentes novos como resultado da terceira fase de candidatura ao ensino superior. A apresentação aos colegas foi realizado no primeiro momento da aula. Como já tinha acontecido anteriormente, a integração foi sendo realizada no decorrer da sessão. Havendo sempre o momento final onde os discentes puderam voltar a falar sobre a primeira aula que tiveram. Uma das observações retiradas do pós ação é a tendência para, em exercícios que implicam a envolvência de todo o colectivo, o ritmo é mais acelerado. Nesta sessão senti os discentes mais envolvidos, no entanto, no momento de distribuição do grupo em micro grupos o ritmo abrandou, a dinâmica alterou completamente. Talvez se sintam mais expostos quando estão em contato direto e mais próximo com o colegas. O continuar da sessão levou a que sugerisse, como temas para os exercícios de expressão, a reprodução dos movimentos e sons de uma máquina enquanto produz algo. Cada discente fica responsável por reproduzir o movimento e o som de um componente dessa

mesma máquina. Esta proposta implicou trabalho em equipa e desenvolvimento da coordenação, quer individual, quer com os parceiros de grupo.

Aqui senti alguma dificuldade por parte dos participantes em compreenderem a proposta, gerando-se algum debate no interior de cada grupo sobre o que fazer. Acabei por sugerir algumas ideias como exemplo do que a proposta procurava.

No exercício seguinte foi proposto a construção de um quadro vivo sobre o tema 'os sete pecados'. Aqui, sugeri a constituição de novos grupos para poderem experienciar trabalhar com outros colegas. Assim, cada grupo tinha como objectivo a interpretação de um dos sete pecados. A proposta de cada grupo seria apresentada aos colegas numa fase posterior. Ou seja, foi dado o tema, um momento de exploração do tema em grupo e a consequente apresentação a todo o coletivo.

Esta forma de estrutura de ação, em que os discentes têm que discutir o tema e a forma de apresentar e a respectiva partilha com os colegas, levou a que houvesse um esmorecer na atitude. Verifiquei que a preocupação dos discentes foi a de cumprir com o que lhes foi sugerido sem olharem aos pormenores da apresentação. Senti a emergência de mostrarem algo que seria imediatamente perceptível e identificável pelos colegas, de mostrarem que fizeram bem e que compreenderam o exercício.

b) Depois da ação

Penso que tenho que assumir uma maior presença perante os discentes, estar no centro da ação com eles, ter o seu ponto de vista. Ser ao mesmo tempo orientador e participante. Tentar ser o elo de ligação entre os exercícios de espontaneidade e os exercícios de comunicação. Isto porque tenho percebido que há um primeiro momento da sessão onde direciono toda a ação e um segundo momento onde só dou indicação do tema, mantendo somente a função de observador e percorrendo os grupos para me inteirar do seu progresso no processo de preparação.

Por outro lado, verifico que, após cada apresentação, o grupo deveria ser mais questionado sobre a sua proposta. Colocar perguntas sobre os processos de decisão e opções que tomaram; colocar os discentes como observadores do seu próprio trabalho. E, em simultâneo, fazer com que os colegas também expressem opiniões sobre o que observaram nas diferentes propostas.

Os clássicos da Expressão Dramática



Todos experimentam

Os sete pecados servem de tema









PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 4	**Tema**: A primeira expressão. O jornal das emoções	28 Out.
Sumário: Do jornal à emoção. O jornal como suporte à expressão do *Eu*.		
Conteúdos: - O corpo: - relaxamento; - concentração; - o corpo em movimento.		
Competências: - Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo); - Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade; - Explora simultaneamente a função de emissor (gesto, movimento) e de receptor (escuta do outro) em situações de expressão/ comunicação não verbal.		
Proposta de atividade: O jornal como material para a exploração das emoções.		
Descrição da proposta: Exercício inicial de relaxamento/ concentração: É pedido ao grupo que se deite no chão em posição de barriga para cima e de olhos fechados. Todos os elementos têm que estar deitados de forma a não se tocarem. São dadas várias indicações: concentração na própria respiração; imaginar que está em diferentes espaços e ambientes; focalizar nos sons que consegue ouvir dentro e fora da sala; concentração em sons que são produzidos pelo professor e nas emoções que esses sons podem provocar.		

Expressão: Com uma folha de jornal, e ainda de olhos fechados, é pedido que moldem uma das emoções que sentiram durante a atividade anterior. De olhos abertos é proposto a moldagem de uma nova emoção usando a mesma folha de jornal. Cada discente apresenta a sua proposta, onde é solicitado que acompanhe com movimento a emoção que está a retratar. Exercício final: A pares, é proposto o mesmo exercício onde uma emoção tem que estar presente e é apresentado através da linguagem não verbal. Cada par apresenta à vez a sua proposta.
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: - Jornais.

Memória descritiva
Nas três sessões anteriores procurei que o grupo se desse a conhecer. As atividades tiveram como principal finalidade colocar a tónica no discurso dos discentes. Procurei que se expressassem sobre as suas vivências, experiências e episódios de vida. Considero este objectivo importante pois são criadas referências que os colegas podem ter como motivo de interação. Ao mesmo tempo faz cair o pano do desconhecido e das falsas impressões. Termino, deste modo, com atividades direcionadas para a dinâmica de grupo e começo com exercícios que direcionem para o alargamento das potencialidades expressivas do sujeito, tendo, no entanto, sempre como base a dimensão pessoa dos intervenientes na ação dramática. Assim, e após este primeiro momento, quero agora direcionar as sessões para propostas mais específicas de expressão e comunicação. Começo a integrar na ação conteúdos que aprofundam a expressão e a comunicação dentro do mundo da Expressão Dramática.

a) Após a ação

A sessão começou com uma atividade de relaxamento. Fico sempre na dúvida com o conceito de relaxamento. Os discentes afirmam que se sentiram relaxados após o exercício, mas, no meu ponto de vista, penso que estão mais concentrados. O relaxamento advém de estarem concentrados num aspecto só. Os participantes, no decorrer dos exercícios, estão constantemente a serem estimulados para uma ideia ou para um pensamento. O relaxamento nasce assim da concentração de todos os sentidos numa coisa só.

Neste caso parece ter funcionado nesse sentido. Excepto em alguns casos que estavam com pouco tempo de repouso devido a outras atividades académicas.

Alguns discentes tiveram igualmente alguma dificuldade em se concentrar, talvez por ser a primeira vez em que se encontravam nesta situação.

Tenho prazer em fazer este tipo de atividades no início de cada sessão. Penso que favorece a concentração dos discentes para o que vai acontecer e a esquecerem ou pouco todas as questões exteriores à sala. Ao mesmo tempo procuro com estas atividades criar um estado de disponibilidade para o jogo.

Nesta sessão procurei lembrar ao grupo que cada um é um indivíduo que interfere num colectivo, e que esse coletivo é composto por vários indivíduos. Quis com isto ter presente o pressuposto de que, para a aulas de Expressão Dramática, cada um é sempre um membro ativo que interfere na ação.

Resolvi introduzir a folha de jornal ainda no decorrer deste momento, o que acabou por serviu como ponte para o segundo momento.

Aqui cada discente moldou uma emoção a partir de uma folha de jornal. Essa foi a indicação dada: '*Moldar uma emoção a partir da folha*'. A esta proposta um discente questionou: '*Como é que isso se faz?*'.

Como passar, então, uma emoção para uma folha de jornal? Face a isto fiz uma coisa que normalmente não faço, dar um exemplo. No final acabou por se revelar ser a forma mais eficaz para o discente entender o pretendido.

Um a um todos mostraram as suas ideias.

Resolvi interferir em algumas apresentações. Pedi para repetir, mas desta vez desenvolvendo o movimento que fizeram inicialmente e interferindo comigo ou fazendo no centro do espaço. Os discentes não estavam à espera disto, o que fez com que se retraíssem um pouco, não deixando alargar a expressão, não se deixando ir.

Fico sempre na dúvida se deva interferir. Por vezes penso que o deva fazer como forma de estimular a expressão e mostrar um caminho, outras vezes penso que o discente vê essa interação como um confronto, ou um desafio. Este aspeto faz-me sempre levantar questões, como: '*Se faço com um, faço com todos?*'; '*Não será melhor dar um exemplo e deixar cada um encontrar a sua proposta?*' e '*Se interagir com o sujeito ele não se sentirá mais seguro para ir mais longe?*'.

A última proposta da sessão passou pela criação de pares. Cada par tinha como objectivo criar uma situação de linguagem não verbal onde, mais uma vez, uma emoção seria o tema. Os pares foram rápidos na preparação. Tive, no entanto, que exemplificar a alguns pares o que era pretendido. As dúvidas surgiram pelo encontro de diferentes entendimentos, dentro do par, do que era proposto.
As apresentações foram rápidas, algumas rápidas demais, e pouco concentradas. Pedi a alguns pares para repetirem. Por vezes, ao pedir para repetir, pode funcionar como meio não só para se concentrarem mais, mas também como propósito de, eventualmente, acrescentarem mais pormenores.

Durante as apresentações fui alertando para o papel de observador. Também é preciso saber observar, saber ver com forma de ajudar o colega.
Gostava de poder continuar com este exercício. Fazer com mais calma, dar mais propostas, explorar mais o papel de observador e de jogador na ação, aprofundar mais as propostas apresentadas. Mas o tempo não o permitiu.

b) Depois da ação

O tempo da sessão deve ser gerido de forma a que o primeiro momento, o início e os exercícios de desbloqueio, seja mais rápido e já dentro dos objectivos da sessão. Desta forma talvez o trabalho possa ser mais desenvolvido e aprofundado dentro da temática em questão. Noto uma quebra entre as finalidades das atividades iniciais e as finalidades das atividades do resto da sessão.
Quanto à interferência na ação, penso que deve ser doseada consoante o exercício em causa. Se for num momento de exploração do tema ou da situação, deve haver uma maior participação da minha parte. Se for numa fase mais avançada do processo, a interferência deve acontecer em forma de questionamento. Ou seja, levar o discente a questionar-se

sobre as suas atitudes, prestações, procurar que o sujeito desenvolva ainda mais as suas propostas. Procurar desenvolver a sua consciência quanto à sua participação no jogo dramático.

A concentração dos sentidos. O uso do relaxamento antes da ação



O jornal como suporte para a expressão e comunicação









PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 5	**Tema**: O Objeto como mediador da expressão/ comunicação	4 Nov.
Sumário: O Objeto e a sua multiplicidade: objeto/ espaço e objeto/ corpo. Exploração das capacidades de expressão e comunicação através do objeto.		
Conteúdos: O corpo; O movimento; O espaço – relações; apropriação e transformação do mesmo.		
Competências: -Utiliza uma variedade de instrumentos e materiais que estimulem ideias e linguagens artísticas; -Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade; - Toma consciência do **espaço** (meio) a fim de o utilizar de várias formas ao serviço da expressão e da criatividade; - Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo).		
Proposta de atividade: Criação pequenas narrativas tendo como ponto de partida as possibilidades de uso de vários objetos num espaço definido.		

Descrição da proposta:

1) Continua a história: em círculo todo grupo imita os movimentos de um dos elementos. À vez, cada discente narra e em simultâneo faz a ação do que está a descrever. Todos os elementos contribuem para o desenvolvimento da ação. A ação narrada vai sendo desenvolvida com a contribuição de todos os elementos.

2) A ação ininterrupta: Grupos de 4/5 elementos. São improvisadas pequenas ações que são narradas por um elemento do grupo. O narrador tem como objectivo narrar situações em que o seu grupo terá que improvisar espontaneamente. O narrador pode, a qualquer momento, trocar de lugar com um colega do grupo, passando este a fazer avançar a ação. Todos os elementos do grupo têm que passar pelo papel de narrador.

No final é realizada a síntese das narrativas encontradas.

3) Criação de grupos com 4 ou 5 elementos

4) O objeto da ação: Escolha de objetos (5/6) que se encontram no espaço da sala.

Criação de uma ação não verbal que envolva todos os objetos.

Os objetos podem assumir qualquer função.

5) Espaço da ação: é definido um espaço da ação para todos os grupos.

6) Apresentação do grupos.

Materiais/ Suportes/ Bibliografia:

- Objetos disponíveis na sala;

- Abbott, J. (2007) *The Improvisation Book. How to Conduct Sucessful Improvisation sessions*. London: Nick Hern Books.

Memória descritiva
Para esta sessão resolvi incluir, como suporte para a ação, os objetos que se encontravam no interior da sala de drama. Quero que o objecto seja o motor principal para a ação: O que é que podemos fazer com ele? Que funções pode ter? Que relações estabeleço com ele? Como é que pode ser usado como meio para dizer o que quero? São algumas das questões que servirão de motor à ação e à expressão. **a) Após a ação** No início da sessão comecei por fazer um exercício de improvisação que associa movimento e narração em simultâneo. Já tinha experimentado este tipo de atividade e, por norma, surgem ações interessantes. Aqui funcionou da mesma forma. Serviu igualmente como forma de estimular as reações espontâneas dos discentes. Senti, no entanto, algumas reações de hesitação por parte de alguns discentes, sem saberem o que poderiam fazer. Sempre que esta situação acontecia acabava por dar um exemplo ou uma dica ao discente. Nesta atividade procurei dar voz às sugestões dos discentes, estes poderem também sugerir ações a ser realizadas pelos colegas. Esta proposta acabou por ser um bom estimulo à imaginação. Durante esta improvisação notei que alguns discentes não se concentraram no exercício, estando constantemente a tecer comentários sobre as propostas dos colegas. Esta situação repete-se em várias situações. Penso que deve haver uma orientação mais direcionada para a questão do respeito, ouvir e ver o que o colega está a fazer e só depois tecer comentários. O exercício seguinte também teve o mesmo objetivo: estimular a espontaneidade do sujeito na invenção ou criação de ações rápidas que provocassem a expressão. É uma atividade que leva a improvisar ações rapidamente, que dá motivo a quem está a narrar de poder levar os colegas a reagiram a ideias próprias e, ao mesmo tempo, confere a responsabilidade de manter o grupo constantemente em ação.

No decorrer deste momento decidi introduzir objetos no seio dos grupos. Como o momento seguinte da sessão iria usar os objetos, resolvi integrá-los a partir deste exercício. Assim, a ação que estava a ser narrada naquele momento teria que integrar o objeto introduzido. Estes objetos mais tarde seriam retirados e trocados por outros.
Nunca tinha experimentado esta variante do exercício. Acabou por funcionar bem pois levou a que as reações fossem sempre rápidas e diversificadas.
Enquanto o primeiro exercício foi realizado com todo o colectivo, aqui formei micro grupos de 4 elementos que se mantiveram até ao final da sessão.
Uma conclusão que retirei deste exercício foi a tendência de organizar a estrutura do grupo de acordo com o exercício, ou seja, a natureza do exercício é que decide qual a estrutura de grupo usar. Tenho notado, igualmente, na organização do grupo de trabalho uma tendência de iniciar sempre com o colectivo e terminar na formação de micro grupos.

Por fim, na proposta final os grupos teriam que integrar 6 objetos escolhidos mim numa ação não verbal. Hesitei se manteria os objetos já usados anteriormente, já que não eram estranhos para o grupo, ou se propunha outros. Acabei por usar os mesmos, também para verificar até que ponto os discentes iriam aprofundar as suas funções e criatividade.
Delimitei um espaço onde a ação teria de decorrer: o centro da sala funcionou assim como espaço de jogo.
Quase nenhum grupo respeitou essa indicação. Também não perguntei na retroação, talvez por saber que voltarei a usar o espaço como delimitação da ação.
No final das apresentações considerei que os discentes apresentaram o exercício de forma muito rápida. Mais uma vez senti que os discentes respondem à proposta sem quererem acrescentar novos elementos, desenvolver mais, ultrapassar o que foi pedido.
Resolvi repetir o exercício, mas com a variante de os discentes somente poderem usar um objeto. Expliquei que uma ação dramática tem quer momentos chave para que não seja uma ação que não nos dá as reações emocionais da parte de quem a faz. Tem que haver um introdução que nos dá o tema, o clímax, que nos mostra qual o conflito que está em jogo e a conclusão, ou final, que nos mostra como a situação foi resolvida.
Nesta segunda proposta senti que os discentes apresentaram proposta semelhantes às anteriores. Onde somente um grupo desenvolveu mais a ação. Os discentes contrapuseram afirmando ser mais complicado fazer com um só objeto por não saberem o que fazer com ele.

No final deveria ter confrontado os discentes sobre este aspecto. Por vezes fico com a sensação de que os discentes não se pronunciam muito sobre as dificuldades que sentiram no desenvolvimento das propostas.

b) Depois da ação

Ao refletir sobre a sessão noto que tenho a preocupação de atribuir ligação ou continuidade de um exercício para o outro.

Vejo-me sempre demasiado preocupado com os exercícios, ou atividades, que tenho para propor aos discentes, como se o exercício comandasse a sessão.

Ao analisar esta sessão notei que é difícil poder observar todos os discentes no decorrer das atividades. Somente os observo com mais cuidado quando estes apresentam individualmente ou em grupo as suas propostas. Só aqui me é mais fácil poder 'olhar' com mais atenção. Isto acaba por levantar a questão: 'Mas o que é que o sujeito fez até aqui?

Há discentes que têm um maior à vontade quando não estão a ser observados diretamente, que preferem não sentir a pressão da apresentação durante a sessão.

Este aspecto leva-me a colocar em causa a questão do processo e do produto. Se tomar em conta que o produto é algo que é apresentado após uma preparação, será que, se essa apresentação resultar de um processo de uma sessão terá a mesma dimensão de produto?

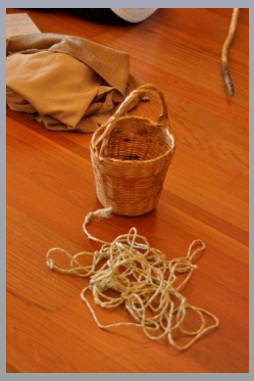
Ao olhar todas as sessões realizadas até aqui, reparo num tipo de estrutura que se adivinha como norma. Ou seja, um início com exercícios de desbloqueio, livres, sem finalidade concreta a não ser o lúdico e um final onde acorre sempre uma pequena apresentação, como resultado do tema em que estou a trabalhar.

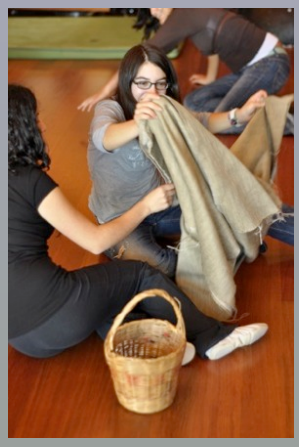
Começo a notar que os discentes destrinçaram a forma como oriento as sessões. Sinto mesmo, na sua atitude, que já sabem '*como funciono*'. Ora, em termos de ação pedagógica penso que este aspecto pode trazer benefícios e prejuízos. Benefícios, porque pode trazer estabilidade ao grupo e ao mesmo tempo segurança. Por outro lado, prejuízos por poder levar à criação de rotinas e vícios que podem bloquear a espontaneidade do momento.

Os clássicos no início de cada sessão



O objeto





As apresentações







PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 6	**Tema**: Balanço da prática. A primeira definição	11 Nov.
Sumário: Síntese das vivências em práticas de Expressão Dramática. Encontro de uma definição individual de expressão dramática.		
Conteúdos: Avaliação		
Competências: Gerais: - Revela sensibilidade e compreende a disciplina através da vivência prática **(**individual e grupo); - Desenvolve e aprofunda a retroação e a reflexão interpessoal do conhecimento prático e criativo. Específicas: - Progride nas suas capacidades de escuta do Meio e de si próprio; - Reflete sobre a linguagem dramática.		
Proposta de atividade: Retroação sobre as experiências vivenciadas em todas as sessões		
Descrição da proposta: 1) conversa com os discentes sobre as sessões já realizadas. 2) cruzamento entre os registos dos discentes e o registo do professor. 3) reflexão global sobre a prática vivida por cada discente. 4) encontro de uma definição individual de Expressão Dramática a partir da vivência pessoal de cada discente.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: Jornal de bordo dos discentes		

Memória descritiva
Esta sessão marcou o balanço das sessões realizadas. Após pouco mais de um mês de trabalho com o sujeito, considerei pertinente fazer uma pausa para auscultar as impressões, visões e pensamentos dos discentes. Numa uma vertente, servirá esta sessão como avaliação formativa, isto é, compreender em primeira voz os resultados que possam ter sido alcançados com as últimas 5 sessões. Procurei manter com as sessões passadas uma constante comum: conduzir os discentes por caminho de descoberta, através da expressão e comunicação, do seu ser interior. Fazendo uso das suas memórias passadas e afectivas procurei trazer esse sentir a um nível mais visível e possa ser observado, ouvido ou falado. Durante o percurso das sessões os discentes tiveram a oportunidade de se ambientarem quer à minha forma de ser, quer à dinâmica e aos objectivos do módulo. Num outro paradigma, tenho sentido uma ansiedade sobre a orientação das atividades. Um sentimento que avalio como sendo natural. Afinal, os discentes são um outro elemento da equação que importa olhar. Interessa-me não só a sua progressão mas também os seus olhares íntimos e pessoais sobre a minha postura, entrega, orientação e atitude. Assumirem a função de colaboradores em participação direta na ação pedagógica e os reflexos dessa vivência sobre uma função que, normalmente, não assumem acaba por ser mais uma variável que importa ter presente. **a) Após a ação** Nem todos os discentes compareceram à sessão. Quatro discentes estiveram envolvidos em atividades de animação para a comemoração do dia de S. Martinho e três não trouxeram os cadernos onde é realizado o Jornal de Bordo. Apesar de várias vezes ter referido para a importância e obrigatoriedade da presença dos cadernos nas sessões, alguns discentes continuam a não o trazer, maioria das vezes por esquecimento. Outro aspecto relaciona-se com a dificuldade que os discentes afirmam em ter na escrita do registo. Perguntando se aquilo que escreveram, a extensão das páginas, é suficiente para o que é pretendido como registo.

A sessão começou por comparar o meu registo das sessões com o registo do discentes. Este momento serviu não só para corrigir algumas datas mas essencialmente para trazer à memória todas as atividades realizadas até ao momento, um reavivar de um percurso realizado em conjunto.

Sessão a sessão questionei os discentes sobre o que tinham a dizer relativamente às atividades que foram realizadas. Quis saber sobre as suas perspectivas, sentimentos e reflexões.

Como exemplo:

Uma discente referiu não gostar de desenhar, esperando que não houvesse mais atividades de desenho. No entanto gostou de falar sobre os desenhos que produziu. Preferindo assim a expressão pela palavra do que pela imagem.

Na sessão onde o tema proposto foi '*Os sete pecados*' uma discente afirmou ter sido difícil de realizar. Ao serem questionados vários discentes afirmaram não ser difícil entendê-los, mas sim concretizar a ideia encontrada. Acabando por concluir '*que é uma coisa do quotidiano e é uma coisa que as pessoas sentem e que não vamos todos os dias a representar*'.

Um outro aspeto que considerei importante foi o comentário de uma discente relativamente à expressão de uma emoção através de uma folha de jornal. Afirmando: '*Porque raio é que nós temos que com uma folha de jornal expressar um sentimento. Como é que se expressa um sentimento com uma folha de jornal?*'.

Este comentário levantou a questão da expressão através de materiais. De fato, a proposta era essa mesma: '*Como?*'.

Isto levou-me a refletir sobre o porquê das propostas. Neste caso, sobre porquê o jornal. Por vezes na conceção das atividades penso nas várias possibilidades que podem ser realizadas. No entanto evito usar essas possibilidades, prefiro deixar em aberto essas propostas. Deixar que o sujeito procure as suas propostas e, acima de tudo, que não desista.

Acabei por responder ao comentário afirmando que usei a folha de jornal porque era uma base idêntica para todos os participantes e todos podiam-na transformar da forma que quisessem.

Na continuidade da ação questionei os discentes sobre o seu sentir com o *Outro*.

A resposta imediata foi a de que depende de quem é o *Outro*. No entanto, concordaram que não se deve escolher o parceiro, mas trabalhar com quem não se conhece. Uma discente acrescentou ainda que as sessões têm sido o local onde tem vindo a conhecer melhor os colegas.

Esta questão levou-me a que pedisse que escrevessem nos cadernos a forma como cada um interage com o *Outro*. Com este questionamento procurei realçar a importância da relação que é estabelecida com os diferentes participantes, procurar ter a consciência de que daquilo que somos também é conquistada na forma como nos relacionamos com o *Outro*.

Uma primeira reação foi a referência para a questão do contato entre os participantes. Uma discente referiu o sentimento imediato de proximidade e de integração em atividades onde o contato acontecia.

No momento seguinte pedi aos alunos que terminassem, nos seus cadernos, a frase: 'A Expressão Dramática é ...'

Sendo um momento de reflexão e de balanço considerei importante haver um ponto da situação sobre as concepções do sujeito sobre as práticas em Expressão Dramática. Além disso, considero importante conduzir os participantes a uma reflexão sobre as práticas e não somente o fazer. Verbalizar o que sente na ação e depois da ação ajuda à construção de novos sentidos e percepções e, a par disso, ouvir e compreender como o *Outro* vivenciou a mesma prática.

Na atividade final da sessão foi aplicado um pequeno questionário ao sujeito sobre o meu perfil na orientação das sessões.

Para isso clarifiquei que não procurava opiniões sobre o meu perfil como pessoa mas como é que eu orientei as sessões até à data desta sessão.

No momento final pedi a cada discente que selecionasse um objeto pessoal que tenha um significado simbólico e significativo na história de vida de cada um. Estes objetos serão usados na sessão seguinte.

b) Depois da ação

Esta sessão marcou o fim do 1º. ciclo da Investigação Ação. Ao longo das últimas cinco sessões fui realizando a memória descritiva dos momentos que considerei de maior

relevo. Daí que tenha procurado marcar esta sessão como um balanço da prática. Este balanço serve dois objetivos. Um primeiro pedagógico, ou seja, ter um *feedback* das competências desenvolvidas pelo sujeito e, um segundo investigativo, ou seja, um reflexo colaborativo das opiniões do sujeito no que concerne a minha orientação da prática em várias dimensões.

Procurei manter um discurso aberto e informal. Onde tentei mostrar uma atitude de procura das opiniões e das reflexões do sujeito.

Foi uma sessão orientada de forma um pouco aleatória. Onde aconteceram muitas conversas paralelas e onde facilmente o discurso era direcionado para outros temas.

Os próprios temas poderiam ter ser mais desenvolvidos e haver questões mais direcionadas para o desenvolvimento das competências. No entanto, verifiquei que o discentes têm opiniões definidas sobre a prática, assumiram fraquezas, ou receios, que surgiram nas diferentes atividades. Outro aspeto que considerei salutar foi a facilidade com que assumiam o gosto pelas atividades que apreciaram e, por outro lado, aquelas que consideraram as mais aborrecidas.

Sessão de balanço



PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 7	**Tema**: O meu objeto	18 Nov.
Sumário: O objecto pessoal como meio para a expressão e comunicação.		
Conteúdos: - Relacionamento intrapessoal; - O jogo como expressão/ comunicação; - O jogo dramático.		
Competências: - Progride nas suas capacidades de escuta do Meio e de si próprio; - Torna presente a sua memória afectiva; - Toma consciência da **voz** a fim de explorar e desenvolver todas as possibilidades de expressão e de criatividade; - Toma consciência do **espaço** (meio) a fim de o utilizar de várias formas ao serviço da expressão e da criatividade.		
Proposta de atividade: Os participantes selecionam um objeto pessoal. Este objeto deverá ter um significado para além do quotidiano. Deverá ter um significado simbólico que represente ou ilustre um evento ou episódio pessoal. Exploração do jogo dramático a partir de objetos.		
Descrição da proposta: 1) Cada discente apresenta o seu objecto e a história que esse objecto trás consigo; 2) Os objetos são usados como suporte para a ação dramática; 3) A pares são preparadas situações onde cada elemento poderá usar os vocábulos '*Sim*' e '*Não*'.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: Objetos trazidos pelos discentes.		

Memória descritiva
Na sessão anterior pedi ao grupo para encontrar um objeto que represente um episódio, acontecimento ou evento no panorama das suas vivências. Sugeri igualmente que os eventos escolhidos tivessem uma marca significativa nas suas histórias de vida para além do quotidiano. Com esta proposta procuro duas finalidades. A primeira será a partilha de histórias pessoais com o grupo, que cada sujeito dê a conhecer mais do seu universo privado ao colega. Deixo, no entanto, sempre em aberto o que cada sujeito quer partilhar. A segunda será usar esses objetos como mediadores da expressão e comunicação. Através do jogo dramático encontrar novos significados pessoais na ação. Os objetos terão aqui uma dupla função, isto é, são motivo para o sujeito falar de si e são o suporte para o sujeito se expressar na ação. **a) Após a ação** Antes da sessão se iniciar coloquei os colchões no centro da sala dispostos em quadrado como forma de dar a entender aos participantes a colocação que eu pretendia. A sessão começou com a inevitável questão: '*Trouxeram os objetos?*' Somente dois discentes não trouxeram. São sempre situações delicadas quando um discente não traz consigo o suporte solicitado para a sessão. São sempre acontecimentos que considero como desequilíbrios na estrutura do grupo, cria de certa forma um desnível relativamente aos outros colegas. Nunca poderei contornar estas situações, ou outras similares, não existe uma forma de fazer com todos tragam o necessário para a sessão. Neste caso, este aspeto ganhou maior relevância já que, dado o tema da sessão, não houve a possibilidade de usar um outro objeto. Por oposição houve discentes que trouxeram mais do que um. Fiz uma breve introdução à atividade. Reforcei a ideia subjacente da proposta, ou seja, trazer ao de cima as experiências e vivências de cada um, trazer para o espaço comum e partilhado as memórias afetivas.



Para este tipo de atividade considero importante estabelecer um clima de tranquilidade e respeito. Se o sujeito sente que está a ser ouvido pode ir mais ao fundo das suas emoções. Ao criar um ambiente que permita que o sujeito se sinta ouvido pode haver abertura para um maior espaço de partilha.
Deixei em aberto quem seria o primeiro a começar. Penso ser importante não impor uma ordem neste tipo de atividades e deixar cada um encontrar o seu tempo para poder falar.

Durante as intervenções fui questionando sobre pormenores que foram descritos pelos participantes. As perguntas de pormenor ajudaram a desenvolver o discurso de cada um. Ao procurar as respostas às questões outros detalhes acabaram por surgir.
Tentei, igualmente, estabelecer a regra onde cada um respondia às questões se assim o entendesse, havendo sempre a possibilidade de não responder. Quis com isto manter uma postura não intrusiva, deixar o sujeito com o poder de poder alargar, ou não, pormenores do seu discurso.

O questionamento que fui realizando teve sempre como intenção levar a que o sujeito direcionasse o seu discurso para a sua dimensão pessoal, onde fossem acrescentados pormenores de si através da descrição do evento sugerido pelo objeto.
Como é que vês agora a situação? O que pensas agora sobre isso? Como é que o objeto veio parar à tuas mãos? Quem é que o ofereceu? Podes descrever o objeto? Foram algumas das questões que fui colocando.

No que concerne a postura de ouvinte, foi importante demonstrar interesse em todos os discursos, não só ao discurso como à reação emocional de cada um face aos eventos narrados. Manter uma atitude serena, estar atento às fragilidades e emoções demonstradas, ser perspicaz e curioso foram algumas das reações com que se rechearam a minha postura. Como complemento a esta postura mostrei também interesse no objecto em si mesmo, as suas particularidades, o desgaste do tempo, o uso, as inscrições, as suas características físicas.

Foi interessante verificar que episódios narrados provocaram a tomada de iniciativa de outros colegas para narrarem episódios que se aproximavam do mesmo tema. Vi este aspeto como a criação de afinidades entre colegas, a demonstração de proximidade do

sentir sobre um mesmo assunto. Apesar de interferir na intervenção que estava a decorrer no momento acabei por permitir por considerar ser um aspeto positivo, uma reação espontânea que alimentou o caminho que procurava com a atividade.

De referir um episódio narrado que considerei interessante pela sua peculiaridade.
Uma avó que ofereceu um escapulário a todas as netas aquando do seu 15º. aniversário. A discente nunca o retirou e nunca conseguiu saber, junto da avó, o significado dessa tradição particular. O porquê de ser oferecido aos 15 anos, a própria mãe não saber o significado, poder ser um amuleto, uma proteção foi a indagação que o grupo realizou, mas sem obter conclusões. O que torna o evento ainda mais peculiar.

Outras narrações houve para as quais foi necessário prolongar o questionamento. Alguns discentes refugiaram-se em pormenores superficiais, não acrescentando mais informação sobre o episódio que selecionaram. Somente com o estímulo pelo questionamento é que o discurso se foi desenvolvendo aprofundando.
Senti isto em alguns discentes, não que não quisessem falar, mas pressenti a necessidade de um 'empurrão' que funcionasse como guia para o seu episódio.
Estas situações levaram-me a ir referindo, entre apresentações, para a não existência de episódios melhores e episódio piores, ou mais interessantes ou menos interessantes. Existem histórias de vida, tão somente, sobre as quais não somos juízes.

Foi interessante verificar a existência de histórias vividas e que ainda estão vivas. Como as experiências de cada um acabam por interferir naquilo que cada um é ou vê à sua frente.
O caminho que pretendia para a atividade acabou por ser seguido. Procurei que as competências como a escuta do outro e a escuta de si estivessem constantemente em jogo.
Através do objecto os discentes acabaram por se referir a características da sua personalidade. Falaram da sua forma de ver o mundo e de ver o seu mundo interior, indicaram características que são únicas em cada um.

Procurei, com esta atividade, indagar sobre outros significados que os discentes poderão alcançar com as suas narrativas; conduzir a uma reflexão sobre os porquês de trazer aquele objeto e até onde aquele objeto específico faz parte da construção da personalidade de cada um.

Quando o pensamento é verbalizado ganha outra dimensão, deixa de estar dentro de nós para estar à nossa frente.

Muitas pessoas estiveram presentes nesta sessão. Para além das 19 presentes na sala de drama, muitas outras também por lá passaram. Pais, amigos, namorados, familiares, conhecidos. Todos servirem para dar mais uma dimensão a cada um. Cada história poderá ter tornado a nossa ainda mais viva.

No que diz respeito à orientação deste momento, senti a necessidade de adoptar uma atitude para o discurso de cada discente. Uns mais contidos, outros mais alegres, outros ainda mais introspectivos, para todos eles tentei ter uma postura que mais me aproximasse do sujeito, fazer sentir-me próximo, mostrar que estou a ouvir.
Durante este momento não houve interregnos ou pausas até que todos tivessem tido a oportunidade de falar sobre o seu objeto.

Após este segmento da sessão iniciei uma nova proposta onde os objetos voltariam a ser usados, desta vez como suporte para a ação dramática.
Hesitei se usaria os mesmo objetos trazidos pelos discentes ou se usaria outros presentes na sala. Dado que os objetos eram pessoais com os quais os alunos tinham uma relação afetiva, fiquei com a dúvida latente se não existiam alguns constrangimentos no seu uso.
Optei por usar os objetos dos discentes, já que tinha havido a atribuição de uma identidade para estes. Também seria interessante verificar que outras ligações poderiam ser criadas com os mesmos objetos.

Iniciei o momento seguinte da ação com uma atividade de desbloqueio. Esta passou pela imitação de tudo o que eu realizava. Posteriormente passei o testemunho aos discentes onde todos eles tiveram a oportunidade de comandar a ação.

Durante este exercício aconteceu um episódio que importa relatar por trazer para a ação reações do sujeito que se tornam complexas de resolver pela minha parte.
Como o grupo estava em círculo coincidiu a colocação da aluna com maior estatura ao lado da aluna com menor estatura do grupo. Esta diferença ganhou relevo devido à reação de colegas com comentários que chamaram a atenção para a diferença de estatura entre as duas discentes. Estas reagiram de forma que entendi como pouco confortável. Um dos

discentes continuou a insistir na observação feita apesar do jogo ter continuado. A minha reação, ao perceber que se mantinha a mesma atitude, foi passar a vez ao discente em causa para tentar focar a atenção no jogo.
Será sempre delicado lidar com este tipo de situações. Estas observações relativas à fisionomia de cada um acabam por fragilizar quando não são prontamente resolvidas.
As práticas em Expressão Dramática trazem, por vezes, eventuais estereótipos relativos à perceção corporal que cada um tem do seu próprio corpo. Será com sensibilidade e a demonstração que um corpo é aquilo que se faz com ele e não a ideia que se tem dele que se poderá quebrar com ideias formadas e estereotipadas.

Após o desbloqueio percebi que restava pouco tempo para terminar a sessão. Tive que idealizar uma atividade que permitisse usar os objetos e ao mesmo tempo permitir que todos os participantes pudessem participar na ação.
Assim, propus um exercício a pares onde houve primeiramente a idealização de uma ação simples onde tiveram como elemento central os objetos.
A ação que foi construída apenas foram usadas as palavras '*Sim*' e '*Não*' e os mesmos objetos poderem ser usados por mais do que um par.
O grupo pode escolher o colega com quem trabalhar. Normalmente deixo os discentes escolherem com quem querem trabalhar, não imponho a distribuição dos pares, ou dos grupo de trabalho. No entanto, a observação das imagens vídeo mostram que, quando sou eu a decidir a formação dos grupo ou dos pares, faço-o de forma aleatória ou por proximidade entre os elementos.

As propostas apresentadas pelos discentes foram claras. Apesar de poder haver maior atenção aos pormenores cumpriram com a atividade proposta.
No final das apresentações pedi a alguns pares para voltar a repetir. Não tinha previsto intervir, aliás, por norma não peço para repetir. Mas aqui, resolvi pedir para alguns grupos repetirem e trocassem de papel. Foi a estratégia que encontrei para que o participante tivesse mais um desafio, experimentar estar numa outra função. A par disso, esta estratégia serviu igualmente para que o par desenvolvesse a ação um pouco mais. As apresentações foram demasiado rápidas, senti que os participantes cumpriram a tarefa e não se preocuparam em desenvolver, não se preocuparam em acrescentar mais pormenores.
Os pares em que senti que o exercício poderia ir mais longe, dei indicações mais precisas

sobre a colocação no espaço, alterações da situação e a introdução de um imprevisto. Insisti particularmente em pares onde os elementos têm uma atitude mais reservada ou contida. Tentei estimular mais a situação onde estes elementos estavam envolvidos como forma de desencadear a expressão e a comunicação destes nestas práticas artísticas.
Num dos casos fui de tal forma insistente que um os discentes acabou por se desconcentrar e desistir a ação. Noutros casos, pedi para repetirem sempre que os limites do espaço foram ultrapassados.

No que concerne a orientação da ação, verifiquei que fui mais insistente com elementos que têm uma atitude mais discreta, uma atitude que poderei considerar como mais constrangida em situações de exposição aos colegas. A dúvida que surgiu foi se não terei forçado demais o sujeito ao ponto de bloqueio.
Qual é a medida certa?
Consciente de que é um processo e de que são várias as tentativas para estimular a expressão, convém não forçar ao ponto de criar bloqueios na disponibilidade do sujeito tem para se experimentar e vivenciar as práticas dramáticas de forma aberta.



A reflexão sobre o pós ação leva-me a concluir que poderia ter 'trocado as voltas' aos pares com sugestões que colocassem o sujeito em situações não pensadas, estimular mais as reações espontâneas.

Como o tempo da sessão já tinha sido ultrapassado, não foi possível realizar a retroação.

b) Depois da ação

Relativamente ao 1º. momento da sessão tenho a referir que considerei a proposta como uma estratégia que se enquadra na pedagogia do indireto. Através do objeto o sujeito falou de si, das suas experiências e das suas visões. Partilhou histórias e ouviu histórias de outros. O objeto foi o motor para a comunicação com o outro, foi o elemento que despoletou uma busca às memória afetivas de cada um. Permitiu que cada um pudesse transparecer os seus valores e àquilo que valoriza.
Acrescento ainda que deveria, também eu, ter trazido um objeto. Fui partilhando vários episódios meus, mas não tinha o meu objecto. Penso que devo ser o primeiro a dar o exemplo. Ter o meu objecto seria a forma de estar na mesma plataforma de partilha que o

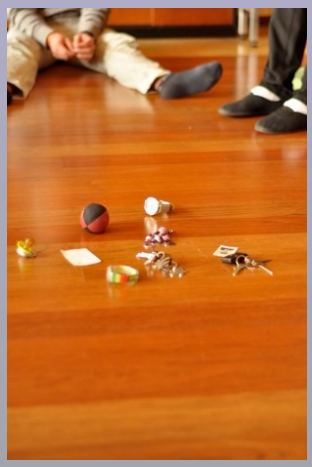
sujeito. O não ter objeto pode ser entendido como a não presença no jogo. Ao fazer uma proposta ao sujeito também tenho que estar pronto e disponível para entrar na ação.

Quanto ao 2º. momento, considero que o tempo disponível para encetar este tipo de atividade não foi o ideal. No final da sessão, conclui que tive que apressar alguns pares o que levou a que pormenores apresentados não fossem desenvolvidos de forma mais produtiva. Daí a minha atenção ser focada nos pares que considerei mais frágeis nas suas propostas.

Penso que deveria voltar a usar o objeto como mediador da expressão. Nesta sessão senti que ainda não foram exploradas a fundo as hipóteses de expressão e comunicação que o objeto oferece.

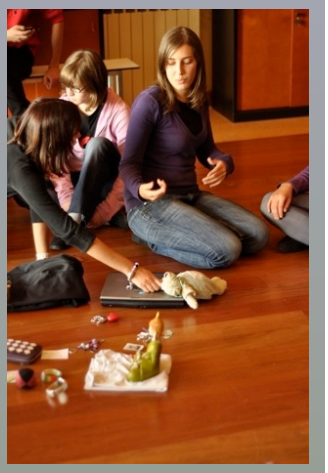
No final, como não houve retroação, deveria ter questionado a discente que desistiu da ação o porquê daquela reação.

O meu objeto conta uma história









Sim e Não







PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 8	**Tema**: O *Eu* e o objecto	25 Nov.
Sumário: O objeto como mediador da expressão e da comunicação.		
Conteúdos: **-** O corpo; **-** O jogo como expressão/ comunicação: o jogo mímico.		
Competências: - Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo); - Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade.		
Proposta de atividade: Exercício de exploração dos objetos circundantes. Exploração das possibilidades expressivas do objeto. O jogo mímico suportado no objeto.		
Descrição da proposta: - cada sujeito seleciona um objeto do espaço; - sentir as texturas do objeto; - sentir o peso do objeto; - cheirar o objeto; - que outras funções o objeto pode ter; - que emoção pode ser demostrada para com o objeto; - como guardar o objeto; - como partilhar o objeto; - o objeto é um instrumento musical.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: - Objetos do quotidiano presentes na sala de aula.		

Memória descritiva
Na última sessão, o processo iniciou um trabalho a partir do objeto. Verifiquei que esse trabalho pode ser alongado para outras formas de exploração do objeto como motor para a ação e como mediador da expressão. Assim, para esta sessão, idealizei um percurso que rodará em torno de um recurso que se encontra sempre disponível – o objeto. Pensei em fazer uma pré seleção de objetos que estariam disponíveis para o sujeito no início da sessão. Mas optei por deixar ao critério de cada um a escolha do seu objeto. Penso que, se eu próprio selecionasse os objetos, estaria a condicionar a liberdade de cada um e, eventualmente, a delimitar as condições do jogo. Deixando a escolha em aberto mantive uma posição neutra. **a) Após a ação** O início da sessão foi destinado à devolução dos diários de bordo recolhidos na sessão anterior. Onde, de seguida, mantive uma conversa informal e casual com os discentes. Ao analisar este primeiro momento, visionado após a sessão, verifiquei que demorei cerca de 15 minutos para iniciar a ação após a chegada do grupo. Penso que é demasiado tempo, considero que este tempo deve ser despendido quando o grupo de trabalho ainda está numa fase inicial. Comecei com um primeiro exercício de desbloqueio com recurso a um objeto. Pedi que todos me imitassem. Todo o grupo estava em círculo, logo todos tinham facilidade em observar todos os movimentos que realizei. Os movimentos implicavam sempre o uso do objeto, neste caso um pincel. - '*O que é que se pode fazer com um pincel?*' Foi esta a pergunta que o exercício colocava. A imitação do outro ajuda não só a desbloquear o corpo para o movimento, como também estimula a observação do outro e a concentração na atividade. Todos os discentes tiveram a oportunidade de propor alguma ação ou movimento ao grupo. O código que naturalmente acabou por ser estabelecido foi a passagem do pincel.

Esse foi o sinal de: '*Não sei mais o que fazer*'.
Durante a atividade fui dando indicações sobre as formas como poderia ser utilizado o objeto: poder ser uma ação, a ação rodou em torno do objeto, o objeto ficou na mesma posição, o objeto assumiu outras funções.

O passo seguinte iniciou a movimentação pelo espaço da sala. Um elemento foi o 'caçador', o seu objetivo foi tocar em algum colega para deixar de ter o papel de 'caçador'.

Direcionei a sessão para esta atividade por considerar que o grupo estava a perder dinâmica e concentração. Não sei até que ponto terá sido uma boa opção já que quebrou radicalmente com as finalidades do exercício anterior.

Após esta atividade pedi que todos observassem a sala, com especial atenção aos objetos por que esta era constituída. Pedi que pegassem em objetos à sua escolha e que os trouxessem para junto de si.
As indicações que se seguiram foram para: cheirar os objetos, perceber o seu cheiro característico e após isso sentir todas as diferentes texturas que o objeto possuía. Perceber a resistência do objeto, as sonoridades que produzia, sentir o seu peso e como poderia o objeto ser manejado.
De seguida pedi a escolha de um espaço individual para cada um e propus que cada sujeito propusesse um tipo de emoção na interação com o objeto. Por exemplo, carinho, curiosidade, função, etc.
As propostas que fui dando foram sempre seguidas por vários exemplos do que poderia ser explorado. Aqui, penso que deveria ter pedido ao grupo para narrar o que estava a sentir e também para trocarem de objeto com um colega e repetir o processo.

A atitude do grupo revelava que estava muito disperso na sua atenção e concentração. Verifiquei uma indisposição do grupo para a atividade. Tive necessidade de repetir variadas vezes para se concentrarem, para manterem a concentração.
Na exploração do objeto notei igualmente um desleixo e pouco interesse em desenvolver as propostas.
Aqui, tive que alterar a minha atitude. Acabei por ser mas diretivo, usando um tom de voz mais elevado e interferindo permanentemente na ação. Reagi de forma mais

interventiva, pedi que desenvolvessem a ideia, que não se deixassem ficar pela primeira ideia. Usei exemplos de colegas para demostrar o que poderia ser feito, pedi mais exemplos, abordei individualmente o sujeito questionando o que estava a fazer, dei sugestões individuais, procurei percorrer todos os elementos do grupo individualmente. Tudo isto na tentativa de estimular o grupo para a atividade.

O grupo não estava muito disponível, ou então, eu próprio não estava entrosado no ritmo e na dinâmica do grupo neste dia. Penso ter havido um desencontro entre aquilo que eu pretendia para a sessão e aquilo que o grupo estava disposto a dar. Os constantes comentários dos discentes às diferentes propostas feitas por mim indiciaram uma energia contrária à minha. Como exemplo: "*Não faça isso...*"



A minha atitude, neste caso, foi a demonstrar que a sessão iria continuar. Fiz uso dos chamados 'ouvidos de mercador'. Digamos que até este momento estava a ser uma sessão difícil.

A sessão continuou onde pedi que demonstrassem:

- como dormiriam com o seu objeto;
- como esconderiam o seu objeto de alguém, usando para isso o próprio corpo;
- como dissimulariam o objeto numa caminhada;
- uma zanga com o objeto;
- uma reconciliação com o objeto.



Pedi a troca de objeto com um colega e propus que demonstrassem:

- as diferenças entre este e o seu objeto;
- como protegeriam o objeto à tentativa de roubo.

Para esta última indicação, eu próprio assumi o papel daquele que tentava roubar o objecto. Aqui sim, senti uma a energia do grupo em proteger o objeto.

Os objetos foram devolvidos e como última indicação propus a demostração da saudade para com o objeto.

Foi uma parte da sessão complexa de orientar. Senti o sujeito pouco disponível para a ação, houve até alguns momentos que tive que me recorrer de uma atitude mais séria e mais ríspida para com o grupo. Também usei como estratégia interferir mais no trabalho individual de cada um. Estimular, puxar, sugerir, perguntar, concordar, exemplificar, propor, discordar, acrescentar.

Este tipo de ação conduz a uma reação diversificada para cada um. Tentar perceber o que o discente está a desenvolver e entrar na sua ação individual e acompanhá-lo por uns breves momentos. Não sei se foi a forma mais eficaz para levar o sujeito a desenvolver o seu trabalho, mas julgo ter sido uma reação que mostrou ao participante que não estava sozinho e que a ação teria que continuar.

Um episódio que pode ilustrar esta situação foi a dois discentes encetarem um diálogo onde todo o grupo pode ouvir. O diálogo abordava uma situação passada entre os dois e que não se enquadrava na situação da sessão. A resposta dada foi: '*Meus senhores, vamos combinar uma coisa, o que se passa lá fora não quero saber*'.

O 2º. momento da sessão introduziu o jogo mímico. O convite lançado foi o de contar a história do objeto fazendo para isso recurso à expressão não verbal. Um jogo de ações mímicas onde cada um ilustrou o percurso do objeto até chegar à sua posse.



Nas apresentações individuais o grupo manteve-se mais atento e concentrado na ação. Talvez por estarem concentrados nas suas apresentações e naquilo que iriam propor.

Após cada apresentação, os discentes, repetiram a ação mas acrescentando a narração em simultâneo. Esta situação só aconteceu em casos onde a ação mímica não foi muito clara. Noutros casos, o grupo descreveu o que observou.

Apesar de concentrados, houve sempre as 'bocas' que foram lançadas a alguns colegas durante as suas apresentações. Aqui, lembrei os discentes para a importância de que quem está a observar deve ajudar quem está na ação evitando tecer comentários que desconcentram.

Foi um exercício onde os participantes puderam explorar o seu sentido de expressão pelo jogo mímico. Outro fator relevante foi a apresentação individual para o grupo. Isto leva a que cada um seja responsabilizado na preparação de algo que posteriormente teve que ser apresentado ao grupo.



Um bom reflexo do desenvolvimento da expressão de cada um foi o fato de o grupo descrever o que observou, foi uma boa referência para o trabalho de cada um poder ter o *feedback* instantâneo do seu trabalho.

Como exercício final pedi a formação de quatro grupos. Quatro por ser o número de rapazes presentes no grupo. Quis que os rapazes fossem distribuídos pelos grupos, manter um equilíbrio pela distribuição equitativa do género masculino.
O tema para esta situação final foi a venda de um objeto. O jogo desenvolveu assim para o uso de voz juntamente com o jogo mímico. Pretendi com este exercício confluir vários elementos na situação: tema, jogo mímico, voz e médium.

O tema lado foi a preparação de uma ação que implicasse a venda de um objeto escolhido pelo micro grupo. Este objeto tinha a particularidade de possuir características fora do comum. Pedi igualmente a eleição de um porta voz dentro do grupo. Isto para haver a possibilidade de haver a criação de ações mímicas pelos restantes elementos do micro grupo.

Durante a preparação da situação fui acompanhando todos os micro grupos onde esclareci as dúvidas pontuais dos participantes e onde procurei estabelecer a estrutura da situação que cada um quis desenvolver.

No final das apresentações notei que exercício estimulou a criatividade do grupo em parceria com a comunicação. Outro aspecto foi o pouco desenvolvimento do jogo mímico, somente um grupo concretizou um bom equilíbrio entre a ação mímica dos restantes elementos e a voz do porta voz. Verifiquei sim, uma maior abordagem à capacidade de expressão e comunicação do porta voz.

A sessão terminou sem ter havido a possibilidade de realizar a retroação.

.....

Proposta de trabalho

Como trabalho autónomo do sujeito exterior às sessões propus a criação, durante a semana precedente, de um conjunto de cinco imagens que no seu todo abordassem a personalidade de cada um. Cada imagem encerra em si um tema que começa com *Eu*..., dando assim abertura a que cada um encontre formas de terminar a frase fazendo-se recorrer da imagem como projeção de si.
Espero que a junção de cada um dos temas das imagens conflua num todo representativo do *Eu*. Procuro, com esta proposta, lançar uma base simbólica que leve o sujeito a

partilhar e a dar-se a conhecer ao outro através de um suporte que ilustre a sua reflexão e o seu mundo interior, ou privado.

.....

b) Depois da ação

O que fazer quando o grupo não está a reagir com a atitude esperada?

Esta sessão terá sido aquela onde senti uma maior energia contrária à dinâmica que tentei imprimir. A reação tomada foi a de demostrar uma atitude de não cedência. Poderia eventualmente alterar a proposta mas isso poderia fazer com houvesse lugar à abertura de uma precedência para outras situações idênticas. Creio ser necessário mostrar ao sujeito que, apesar de tudo, sou eu quem estar a orientar o caminho da sessão e não o grupo. Ceder a vontades que não alimentam o jogo é visto por mim como o passar o comando ao outro. E, no meu entendimento, se acontece uma vez poderá acontecer sempre. Este jogo entre aquilo que o sujeito quer dar, ou não, e as finalidades da sessão faz entrar em jogo uma sensibilidade onde não se espera um confronto com quem orienta mas o encontro de outras estratégias que conduzam o sujeito a desenvolver a sua ação.

Para esta sessão a estratégia usada foi a de acompanhar individualmente o sujeito e ao mesmo tempo demonstrar desagrado a atitudes que não estavam relacionadas com a sessão.

Não tenho por hábito impor regras muitos rígidas, mas às vezes é necessário. Por vezes é necessário relembrar que, apesar de eu tentar criar um ambiente descontraído e aberto, isso não é sintoma de que cada um tem a abertura para uma atitude individualista e egoísta para com os outros.

Verifiquei que comentários constantes dos discentes inibem a prestação de outros. Este ponto terá que ter uma maior atenção da minha parte. Devo criar uma plataforma onde alunos mais inibidos se sintam mais protegidos nas apresentações individuais.

Verifiquei igualmente que os discentes estão mais concentrados quando há a preparação e apresentação de produtos resultantes do processo da sessão. Posso concluir, a partir daqui, que estes preferem a criação de produtos sem antes passarem pelo processo de exploração dos temas. Por outro lado, noto na atitude de outros que preferem o processo sem que haja a presença da preparação e apresentação de exercícios para o grupo. Sinto os discentes

muito refugiados no colectivo.

Um aspeto final a ter em consideração é a gestão do tempo da sessão de forma a haver sempre lugar para a retroação das experiências vividas.

Deverá haver um maior controlo sobre o tempo de duração dos exercícios para restar um momento final de reflexão. Uma estratégia a usar para evitar que não aconteça este momento reflexivo será a realização, durante as atividades, de paragens para o sujeito expressar, no momento, as suas emoções e reflexões sobre a prática. Assim, poderei estar já a criar uma rede de reflexões que poderá ser coligida no final da sessão.

O objeto como suporte para a expressão










TRABALHO INDIVIDUAL

INTRODUÇÃO À EXPRESSÃO DRAMÁTICA 2010

Título: Cinco sentidos

Tema: esta proposta procura que cada discente, através de cinco fotografias, explore vários sentidos da sua personalidade.

Cada uma das imagens terá um tema. Assim:

Imagem 1: *Eu sou…*

Imagem 2: *Eu estou…*

Imagem 3: *Eu vou…*

Imagem 4: *Eu não…*

Imagem 5: *Eu…*

As imagens devem ser realizadas pelos próprios discentes.

Têm um tamanho de 20cmx25cm e são entregues em suporte digital e serão apresentadas ao grupo.

Data de entrega **9 de dezembro.**

PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 9	**Tema**: O percurso	9 Dez.
Sumário: Exploração da expressão e comunicação tendo como pano de fundo referências do mundo de cada discente. O corpo, a voz, o movimento e o espaço como suporte da expressão.		
Conteúdos: **-** O corpo; - O espaço; - O movimento.		
Competências: Gerais: - Utiliza uma variedade de instrumentos e materiais que estimulem ideias e linguagens artísticas. Específicas: - Explora as relações entre emissor (quem fala) e receptor (quem escuta) em situações de expressão/ comunicação verbal; - Torna presente a sua memória afectiva; - Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade.		
Proposta de atividade: Através de imagens cada discente retrata a sua vida privada exterior à vida institucional.		
Descrição da proposta: - Apresentação das imagens propostas na última sessão; - Criação de apresentações individuais tendo como suporte as imagens de cada um; - Apresentação das criações.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: - Imagens produzidas pelos discentes.		

Memória descritiva
Na última sessão propus aos discentes a realização de um trabalho fora das sessões. O tema deste trabalho passou pela exploração dos sentidos da personalidade de cada um, usando para isso a imagem como suporte imagético e ao mesmo tempo simbólico. A imagem como fixante de uma ideia ou de um dizer. No espaço de tempo entre uma sessão e outra cada discente teria que conceber e criar as imagens que melhor ilustrassem a sua personalidade. Cada uma das imagens teve um tema próprio, ou uma ideia de começo, onde o discente teria que concluir através da construção de uma fotografia. O objectivo desta proposta passou pela exploração e partilha de outros mundos, mais privados e pessoais, de cada um. Decidi abrir um espaço de tempo mais alargado (duas semanas) para uma reflexão e uma introspecção mais profunda sobre o tema. Deste modo, cada discente terá a possibilidade de amadurecer a sua proposta, decidir o que quer partilhar com os colegas fazendo uso de outros recursos que alimentam a linguagem dramática. Esta sessão começará com a apresentação individual de cada discente. **a) Após a ação** Com a chegada dos discentes fui percebendo que alguns discentes não realizaram a atividade. Apesar do tempo dado alguns discentes não cumpriram com a proposta. Outros, não realizaram na totalidade, ficando a faltar uma imagem. Outros ainda, trouxeram em suporte diferente, como no telemóvel. Isto levou a que tivesse que me dirigir ao grupo alertando para a importância de cumprir com as propostas que são dadas. Para a necessidade de ultrapassar problemas ou dificuldades que surjam. Foi obrigado, de certa forma, a tomar uma atitude mais ríspida, mais desagradável e rude, para o facto de não nos refugiarmos em desculpas como razão fácil para o não cumprimento das nossas responsabilidades. Fiquei desagradado pelo facto de alguns discentes não conseguirem cumprir com uma tarefa que, no meu entender, era de fácil execução. Este aspecto ganha maior amplitude quando o tempo dado foi de quinze dias. Senti, de certa forma, uma irresponsabilidade por parte dos discentes. Os mesmos justificaram-se com variadas razões. Desde as condições

do tempo, a falta de material, não poderem dirigir-se aos locais onde pretendiam captar as imagens. Desculpas estas às quais dei pouca importância, ou mostrei que dar uma desculpa é sempre o caminho mais fácil.

O momento seguinte passou pela preparação das apresentações. Este momento acabou por levar mais tempo do que pensava, já que foi necessário fazer a recolhas das imagens de cada discente. Estes momentos quebram sempre o ritmo das sessões, mas neste caso não houve outra forma de realizar a recolha prévia das imagens.

Aos discentes que não realizaram os trabalhos foi sugerido a entrega via correio electrónico para apresentação na próxima sessão.

As apresentações deram a oportunidade para que cada discente pudesse falar de si, mais concretamente de outras facetas da sua personalidade. Esta atividade possibilitou que os discentes suportassem o seu discurso tendo como referência as imagens. Explorar um outro suporte para o desenrolar de uma linguagem dramática e por consequência os objectivos comunicacionais da Expressão Dramática.

As imagens produzidas por alguns discentes não se enquadrarem no tema que proposto. Ou seja, alguns discentes fizeram uma recolha de imagens que já possuíam, não fazendo uma produção presente, atual e propositada para este tema.

Senti que a atividade levou a que os discentes falassem de outros pormenores de si que normalmente não têm a possibilidade de realizar nas sessões.

Ao trazerem elementos que têm uma projeção real, uma imagem real, texturas e cores faz que tenhamos uma visão física desses elementos. Um rosto, uma paisagem, uma vista de mundo na primeira pessoa.

Senti que os discentes usaram as imagens dentro do sentido que se pretendia: falar sobre si. No entanto também senti que não desenvolveram muito o discurso. Apenas referiam os significados das fotos, não aprofundando o próprio conteúdo das imagens.

Fui questionando os discentes durante as suas apresentações de forma a desenvolverem o seu discurso. O ponto de partida seriam sempre as imagens, o objectivo: desenvolver a comunicação de cada um perante o outro. E, numa relação dialéctica, ser também capaz de ouvir o outro, de saber ouvir o outro e respeitá-lo.

No final, devia ter questionado os discentes sobre a suas visões do exercício, o que sentiram sobre o que foi fazer esta atividade, o que estava implicado, o que implicou fazê-lo, as suas reflexões sobre o que foi acrescentado à sua experiência e ao seu conhecimento do outro.

Na segunda parte da sessão continuei com o que estava planificado. No entanto, com o tempo restante para o final da sessão, cerca de 40 minutos, optei por não passar diretamente para a preparação das dramatizações individuais que estavam previstas.

Optei por iniciar um trabalho de improvisação em grupo com o tema *A viagem*.

Comecei com um exercício que iniciasse a ação, o movimento, o desbloqueio.

Como exercício inicial organizei o grupo em círculo. Aos primeiros três elementos do círculo foi atribuído o número de 1 a 3 respetivamente. Esta atribuição foi repetida ao longo do círculo até que todos os elementos tivessem um número de 1 a 3. O exercício desenvolveu-se de forma a que cada elemento dissesse em voz alta o seu número. As indicações de orientação passavam pelo volume de voz com que o número era dito. Alternância entre os números. Só falavam os que tinham o número 1, 2 ou 3. Uma outra variante seria a troca de número, ou seja, quem tinha o número 1 passava para o 2, quem tinha o 2 passava para o 3 e quem tinha o 3 passava para o 1. Usei este exercício essencialmente para estimular a concentração. Como os discentes estiveram metade da sessão apenas a ouvir o colegas, achei adequado a realização deste exercício para direcionar a atenção de todos os elementos para a mesma situação.

No final este exercício inicial serviu como forma de criar micro grupos. Ou seja, os elementos com número 1 formavam um grupo, os elementos com número 2 outro grupo, e os elementos com o número 3 um último grupo.

Com esta divisão do colectivo em micro grupos foi iniciada a improvisação.

A primeira indicação foi: todos em fila indiana e o grupo imitava todos os gestos e ações de quem estava à sua frente. À indicação '*troca'* o líder do grupo passa para o último da fila. E assim sucessivamente.

Esta proposta serve igualmente como forma dos elementos do grupo se concentrarem naquilo que o colega faz e em simultâneo integrarem o grupo a que pertencem.

No segundo momento da improvisação os grupos teriam que seguir as indicações que eram dadas por mim. Aqui pretendia que o grupo improvisasse situações a partir das indicações dadas por mim e onde deveriam apenas comunicar por gestos e ações. As reações deveriam ser espontâneas e instantâneas, não havendo tempo para a preparação de qualquer ação. A ausência da fala leva a que o grupo se exprima não verbalmente, tentando assim desenvolver a ação a partir das sugestões que os colegas vão propondo.

O tipo de indicações dadas foram:

- *vocês são uma tribo;*

- *a tribo está a comer;*
- *a tribo levanta-se;*
- *limpam a boca;*
- *afiam a lança;*
- *caminham em direção à floresta;*
- *aparece um tigre, o que é que acontece?;*
- *fazem uma fogueira;*
- *colocam o tigre num espeto, cheiram o tigre e tiram-no do espeto;*
- *comem o tigre;*
- *enterram o ossos;*
- *seguem viagem por um caminho estreito;*
- *entram numa ponte de cordas;*
- *a ponte leva a uma montanha, o caminho é estreito, um precipício;*
- *começa a nevar e a ficarem com frio;*
- *entram numa gruta;*
- *a gruta leva-os a um lago;*
- *vão levar-se;*
- *constroem uma jangada e iniciam uma viagem;*
- *as águas ficam revoltam, naufragam e dão à costa;*
- *onde estão?;*
- *encontram uma caixa com uma corda, um martelo, um serrote e um óculo. O que é que fazem?;*
- *a tribo é atacada por um monstro, como é que se defendem?;*
- *a tribo vai adormecer;*
- *passam 5 mil anos, transformaram-se em quê?;*
- *como se movimentam?;*
- *vão dormir;*
- *fim.*

Esta improvisação demorou cerca 25 minutos. Na retroação do exercício perguntei aos discentes o que fizeram com os objetos que surgiram no percurso e o que fizeram com a caixa. Surgiram respostas como: '*reconstruímos a jangada*', '*usamos os pregos da caixa*', '*encontrámos ouro*', '*encontrámos manteiga para nos proteger do sol*', '*usamos o serrote para cortar as cabeças da tribo inimiga*'.

Questionei igualmente sobre aquilo em que se transformaram passados os 5 mil anos:

- Transformaram-se em árvores porque a China tomou conta de tudo e ficaram bonsais;
- Deu-se uma guerra nuclear e o ciclo da vida reiniciou-se;
- Transformaram-se em pedras porque a vida acabou;
- Transformaram-se em robots por causa do avanço da tecnologia.

Perguntas estas que serviram para recordar o percurso que cada grupo realizou e, ao mesmo tempo, recontar as vivências aos colegas, como é que desenvolveram e resolveram as diferentes situações.

Por fim, perguntei sobre as funções e papéis que foram assumindo durante o percurso e

dentro do grupo. As respostas passaram por: '*assumi o comando da jangada*', '*éramos todos iguais*', '*eu liderei os bonsais*'.

Neste momento da retroação surgiu um conflito entre dois elementos. Um colega acusou o outro de não ter feito nada. Isto gerou em desconforto que me levou a parar a retroação e questionar os discentes em causa que o problema tinha que ser resolvido naquele momento. A resposta foi o silêncio.
No final da sessão pedi à aluna que ficasse na sala e percebi que o conflito com o colega passava por provocações e que já é comum noutras situações.

Por fim, indiquei aos discentes que o mesmo exercício teria continuidade na sessão seguinte, mas que seria desenvolvido de forma individual e onde o tema seria o percurso de vida de cada um. Como suporte para este exercício sugeri a escolha de temas musicais da sua preferência.

b) Depois da ação

Com esta proposta do percurso de vida procurei uma maior presença dos mundos exteriores dos discentes na sala de aula. Isto porque, entendo, que quanto mais o discente der a conhecer o seu mundo, quer público, quer privado, maior será a sua implicação nas atividades. Da mesma forma, quanto maior conhecimento tiver do universo dos colegas, maior será a sua implicação na ação.

O tema foi dado, a porta foi aberta, falta fazer o caminho.

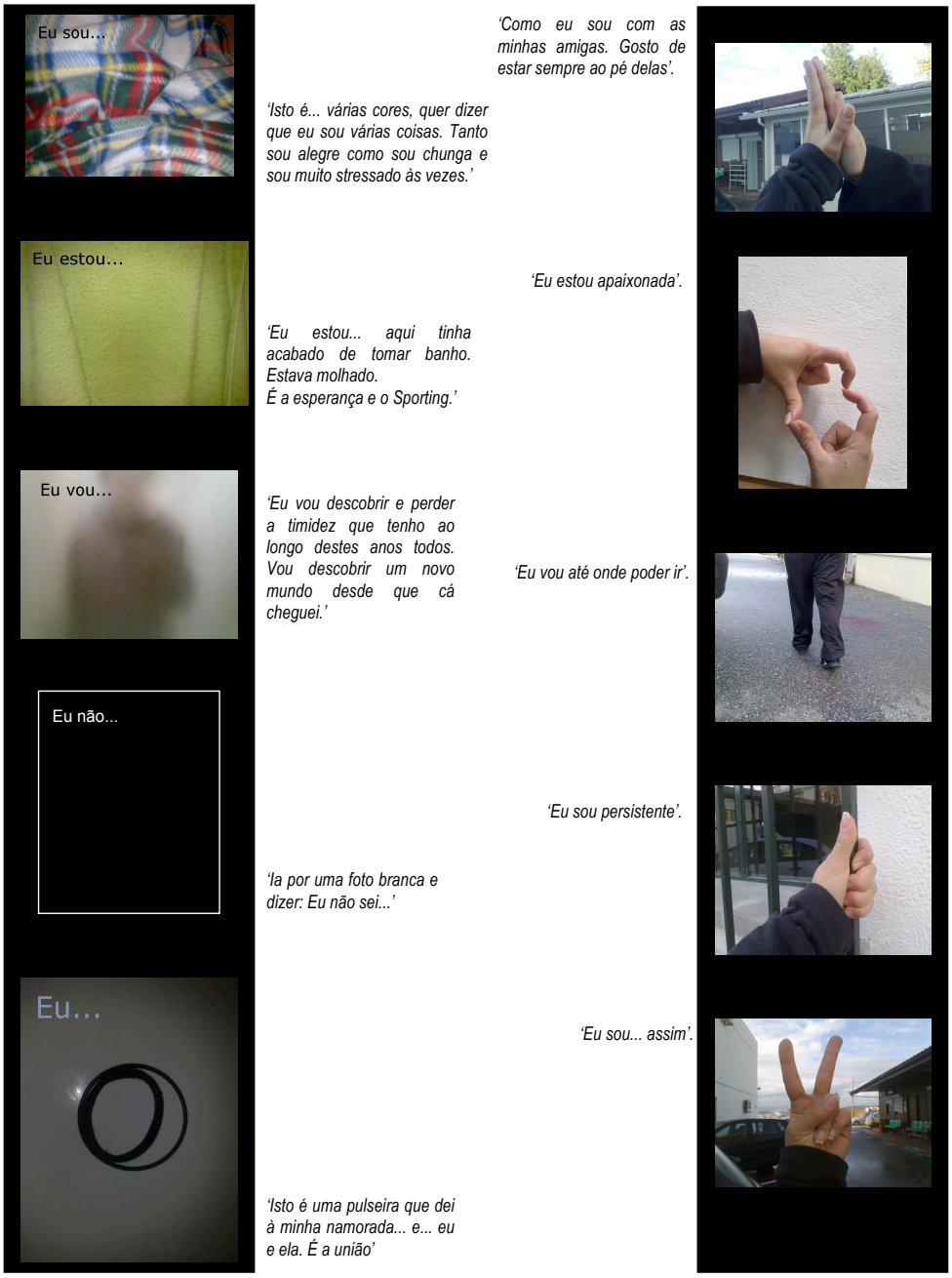
Pretendo que cada discente, individualmente, conceba a interpretação da sua caminhada, do seu percurso. Os momentos iniciais de vida, as recordações de infância, o reviver fantasias, sonhos e tristezas, a sua leitura e revivência de momentos significativos da sua vida. Pretendo explorar o mundo interior de cada, trazê-lo à superfície, torna-lo visível a quem faz.

Ao plano inicial, acrescentei a improvisação grupo. Devido ao tempo que restava, resolvi não iniciar algo que sabia de antemão que iria ficar incompleta.
Penso que, metodologicamente, está a ser uma proposta que se está a alongar demasiado no tempo.

Ao refletir sobre o processo, concluo que o espaço/tempo da sessão poderá ser alargado para mais do que uma sessão. Tentar trabalhar o processo como uma forma de progressão e continuidade de sessão para sessão. Um tema alimenta outro e dá continuidade. Ou, o mesmo tema ser abordado de várias formas, com diferentes estruturas. Experimentar vários caminhos que se direcionam no mesmo sentido.

Ao optar por este tipo de metodologia, o tempo da sessão ganha outra dimensão. Cada sessão tem em si objectivos e conteúdos que confluem num objectivo maior. Neste caso, a exploração de um tema nas suas várias vertentes e que culmina numa dramatização, tendo sempre como pano de fundo o corpo e o movimento.

EXEMPLOS DE TRABALHOS APRESENTADOS



Uma viagem

O grupo prepara a refeição



O grupo come



O grupo dorme



Procura novos territórios



Passaram 5 mil anos



PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 10	**Tema**: *Eu* e o meu percurso. O presente do meu passado	16 Dez.

Sumário:

Apontamentos de um percurso vivido.

Exploração de linguagens de Expressão Dramática a partir dos percursos de vida.

Conteúdos:

- O corpo;
- O movimento.

Competências:

Gerais:

- Procura a descoberta de atitudes autênticas recorrendo cada vez menos à imitação e mais às referências e observações próprias;
- Desenvolve o sentido e a expressão estética no domínio das várias formas de expressão e comunicação.

Específicas:

- Explora e aperfeiçoa as diferentes possibilidades expressivas do seu corpo;
- Torna presente a sua memória afectiva;
- Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade.

Proposta de atividade:

Apresentação, através do movimento e com suporte musical, dos momentos significativos do percurso de vida do sujeito.

Descrição da proposta:

A cada indivíduo é proposto uma apresentação não verbal sobre situações experienciadas no percurso de vida.

As situações podem ser selecionadas não tendo qualquer limite no tempo. Podendo ser incluídas situações que estejam situadas entre um período mais remoto até ao presente.

No entanto, estes eventos devem ter um cariz significativo e relevante para o discente, onde a memória é rebuscada nas suas componentes mais fortes.
Como suporte à apresentação é pedido a seleção de um tema musical. Este tema deverá ser escolhido mediante as preferências de cada um, não havendo imposição, ou sugestão, de qualquer tipo de música ou género.
As apresentações são realizadas individualmente.

Materiais/ Suportes/ Bibliografia:

- Temas musicais recolhidos pelos discentes
- Sistema de som (PC)

Memória descritiva
Para esta sessão optei pela escolha de um tema que levasse os discentes a refletirem sobre uma atividade que implicasse um hiato de tempo para além de uma sessão. Assim, foi dado uma semana para que discente pudesse, de forma mais aprofundada, preparar a sua apresentação individual. Para além disso, foi necessário dar espaço de tempo para que cada um recolhesse a música a usar. A opção de atribuir um espaço de tempo de uma semana prendesse com razões de organização. De igual modo, perceber como cada discente reage à preparação de um tema individual, de forma organizada e estruturada. Onde é dado tempo para que cada um reflita sobre a proposta a apresentar. No fundo, serve um pouco para provocar os discentes para outras dimensões fora da sala de aula; abrir um espaço de maior maturação de uma ideia. **a) Após a ação** Esta sessão foi a última antes do interregno para as férias natalícias. Por ser igualmente a última aula que os discentes têm da semana lectiva, só compareceram 11 discentes num total de 19. Este tipo de situação altera de forma significativa qualquer tipo de planificação que se

tenha realizado. Esta situação ganha maior relevância pelo facto de ser uma sessão onde estava previsto a apresentação de propostas práticas preparadas pelos discentes.

Não deixo de sentir um certo desconforto, já que, esta atividade não deixa de ser um momento da avaliação contínua que está previsto no programa da disciplina. A presença de quase metade do grupo deixa sempre uma marca, quer para mim, quer para os próprios colegas; fica a estranha sensação de uma certa falta de responsabilidade ou alheamento às atividades a concretizar.

Iniciei a sessão pedindo ao grupo para formar um círculo no centro da sala. Este momento serviu, mais uma vez, para o grupo se encontrar, estarem todos num mesmo nível, olhos nos olhos. Uma forma de integração; de encontro para a ação.

Iniciei o desbloqueio com um exercício que não estava planificado. Este exercício inicial não esteve diretamente direcionado para o momento da apresentação. Resolvi apresentá-lo como forma de indução para o movimento. Sem um objectivo concreto, definido, somente o movimento pelo movimento. Explorar de forma espontânea e lúdica um momento em comum, onde todos participam e contribuem para a ação.

A ação deste exercício surgiu de forma natural quando um discente, de forma espontânea, se colocou no centro do espaço. O exercício propunha que todos imitassem o colega que estava no centro do grupo. Procurei que o exercício tivesse como objetivo isso mesmo: imitar o colega, sem qualquer outra preocupação.

A troca era efetuada pela seleção, por quem estava ao centro, de um novo colega. Para este exercício estabeleci a regra: '*Nunca podemos parar*'.

O exercício acabou por explorar a vertente espontânea de cada um. A chamada ao centro levava a cada discente reagisse de forma rápida e variada para que os colegas não parassem de se movimentar. Atribui a responsabilidade de cada um ter uma proposta para desafiar os colegas. Por seu lado, quem está a imitar explora formas de movimento espontâneo diversificadas e liberta o corpo para todo o tipo de movimentos e ações.

O decorrer do exercício levou à introdução do som, o que surgiu naturalmente. Assim, o exercício foi alargado nas suas variantes: o movimento associado ao som. Permitindo novas possibilidades que enriqueceram a ação.

Fui dando indicações relativamente ao apuramento dos movimentos ou ações. Senti que alguns discentes realizavam ações ou movimentos que se tornavam difíceis de seguir ou o inverso, não sabiam o que fazer. Quando a primeira situação ocorria, sugeria que se concentrassem somente numa parte do movimento. Quando a segunda situação acontecia,

eu próprio propunha um exemplo.

O exercício terminou quando todos tiveram a oportunidade de irem ao centro. Sendo eu o último.

Este momento foi ao encontro do objetivo inicial que eu pretendia: mover, mexer, saltar, soltar. A simplicidade deste jogo levou a quer surgissem propostas variadas, onde o lúdico esteve sempre presente, onde procurei a libertação dos movimentos, deixar o corpo reagir sem restrições, sem bloqueios. Mexer pelo mexer.

Penso que o exercício colocou os discentes num estado de disponibilidade para a ação. O simples fato de colocarmos um grupo concentrado, ou atento, a um só pormenor leva a um maior estado de disponibilidade no momento seguinte.

O exercício seguinte foi apresentado de forma a direcionar a ação para a exploração do espaço, associando assim este elemento ao movimento.

Foi pedido a cada discente que escolhesse um ponto em todo o espaço de jogo. Ao que se seguiu a escolha do ponto 2, 3, 4 e 5.

Todos os pontos foram percorridos de forma a que cada um relembrasse as posições que ocupou anteriormente.

Todos se colocaram novamente no ponto 1. A partir daqui foi pedido que cada um se deslocasse para o ponto 2 optando por um tipo de movimento que tenha sido experimentado no momento anterior de desbloqueio. O movimentos escolhidos poderiam ser os próprios ou então os dos colegas.

A sequência continua com os restantes pontos até ao 5. Entre cada ponto tiveram que optar por um tipo de movimento ou ação diferente do anterior.

Neste exercício optei por dar um exemplo de movimentos ou ações que poderiam ser feitos. Aqui os discentes limitaram-se a reproduzir as minhas propostas. No entanto, após esta exemplificação, pedi aos discentes que regressassem novamente ao ponto 1 e aí sim selecionarem os movimentos ou ações que entendessem.

Foi assim construída uma sequência de movimento dentro de um espaço específico.

Os discentes experimentaram várias formas de criar uma estrutura sequencial através do movimento. Aqui a repetição, a escolha, a opção, a troca, a preguiça, a facilidade foram os caminhos que os discentes escolheram para esta criação.

Porém, e após experimentam a sequência encontrada, sugeri que encontrassem outras formas de realizarem a sequência, onde poderiam '*fazer o que quisessem*'.

Nesta proposta os discentes foram mais moderados na exploração que realizaram. Talvez

por sentirem que a primeira exploração foi suficiente e pensarem que as possibilidades foram esgotadas.

No momento seguinte pedi que todos se deitassem no chão, indiquei que o ponto 1 seria o seu nascimento e o ponto 5 o dia que quisessem. Os 5 pontos representaram 5 momentos da vida de cada um. Todos esses momentos teriam que ter um significado marcante nos seus trajetos de vida. Procurei o encontro de situações marcantes, significativas, importantes, fora do quotidiano. Situações estas que cada discente iria expressar usando unicamente a expressão corporal, a linguagem não verbal.

Com esta nova indicação procurei abordar o tema das apresentações dos discentes. Resolvi direcionar a sessão nesta direção para que os discentes tivessem a oportunidade de experimentar, testar, desenvolver, o que tinham preparado ou idealizado durante a semana.

Surgiram várias questões por parte dos discentes sobre o que fariam na ligação entre os pontos. Respondi que primeiro experimentassem o que poderiam fazer e depois resolveríamos essa parte.

Todos os discentes começaram por fazer em simultâneo. Esta opção prendeu-se com questões de concentração. Ou seja, na orientação das atividades por começar pelo coletivo para depois passar para o individual. Vou do geral ao particular. Penso que desta forma os discentes não sentem uma presença tão forte da observação por parte dos outros. Permitindo assim um certo nível de despreocupação face à apresentação. Serve igualmente como meio para que cada um aprofunde o que quer fazer, o poder repetir. Construir para depois partilhar. Outro aspecto que encontro como sendo positivo neste tipo de abordagem é o incentivo que os colegas dão. O discente que inicia a ação estimula os outros, dá o tom. Um olhar rápido para o trabalho do parceiro ajuda a ter um dica, uma sugestão, um mote para o que pode ser feito.

Nesta fase senti que os discentes sabiam o que fazer, ou têm presente a ideia do que querem concretizar, mas a dificuldade passa pelo ‘como’ fazê-lo. A dificuldade não está na escolha ou na seleção do que se quer mostrar, mas na forma mais expressiva e clara de como o fazer.

O discentes foram explorando os 5 momentos que queriam partilhar. Alguns começaram a mostrar o que já tinham idealizado. Para além disso, a preocupação de alguns foi completar todos os momentos.

Senti que aqui o ritmo baixou, chegando a haver momentos de estagnação do grupo. Mais

precisamente para encontrar o 5 momento.

Resolvi avançar pedindo que todos regressassem ao ponto 1 e pedi que realizassem as ações o mais rapidamente possível. Tentei assim, passar para o apuramento, o detalhe da sequência. Mesmo quando alguns discentes ainda não tinham encontrado sugestões para todos os momentos.

Com a repetição os discentes criaram uma sequência mais sólida, uma estrutura mais presente na memória. Criaram assim uma base para a ação que poderia ser repetida, desenvolvida, adaptada ou alterada.

No momento seguinte introduzi a música. Propus que a sequência fosse novamente repetida mas tendo como suporte as músicas que cada um trouxe para a sessão. Os discentes experimentaram a sequência encontrada tendo como suporte todas as músicas trazidas pelos colegas. Os temas musicais marcaram desta forma o ritmo a que a sequência de cada um foi realizada.

Com esta proposta procurei que cada um acrescentasse novos elementos ou novas configurações ao seu trabalho.

Os temas musicais foram sendo alterados durante a sequência, levando a que houvesse uma adaptação rápida de ritmo, atitude, andar e movimentar.

Como alguns discentes tinham sequências mais curtas do que o tempo dos temas musicais, dei a indicação para reiniciarem uma vez mais a sequência.

A cada novo tema houve uma reação espontânea em termos de movimento. Nesta etapa, a música funcionou como estímulo rítmico para cada um. Verifiquei a adaptação que discentes realizaram à sua ideia introduzindo a dança, não só como ligação entre os vários pontos, mas também como atitude durante o trabalho expressivo.

No final da passagem de todos os temas musicais verifiquei um cansaço físico por parte de alguns discentes, bem como um certo aborrecimento por parte de outros por estarem constantemente a repetir a sequência.

Considero importante os passos que foram seguidos até este momento da sessão. Um primeiro momento onde há lugar à exploração e criação de sequências de movimento e ações que expressam emoções. Que trazem à flor da pele memórias das vivências passadas. E segundo um momento onde é revivido, onde se volta a fazer o que foi encontrado ou criado. A procura das cores e a criação da pintura.

De seguida, a sessão foi direcionada para as apresentações que os discentes idealizaram durante a semana. Houve um momento de pausa que foi usado como retroação do que foi

realizado e como ponto de viragem para a parte seguinte da sessão.

Aqui, dei indicações mais precisas sobre o 'como' poderiam ser realizadas. A primeira indicação esteve relacionada com o espaço. O espaço a usar, qualquer que fosse, teria que ser preciso, concreto; o jogo espacial de um corpo num dado espaço teria que estar presente. Procurei com isto a tomada de consciência de espaço e para a noção de espaço. O utilização do espaço como um elemento para a Expressão Dramática.

Todos os exercícios propostos procuraram acrescentar um novo elemento para a expressão e comunicação. Uma fase inicial de desbloqueio corporal e de indução ao jogo; uma segunda fase de criação de possíveis estruturas do movimento; uma terceira fase de exploração ou aprofundamento de novas possibilidades expressivas; uma quarta fase de exploração do movimento com estímulo musical e uma quinta e última fase para a tomada de consciência e uso do espaço como uma base igualmente expressiva no que toca as práticas performativas.

O momento seguinte foi destinado à preparação dos temas musicais que os discentes recolheram. A sua ordenação e o estabelecimento da ordem de apresentação.

Esta parte da sessão acabou por ser mais morosa do que tinha idealizado.

Vários fatores estiveram na origem deste impasse: situações de discentes que trouxeram a música no telemóvel o que levou à perda de tempo para colocá-las no PC; discentes que se esqueceram de trazer música, o que levou a uma procura na internet e o consequente tempo de espera.

Fiquei um pouco de 'mãos atadas' com esta situação. Não poderia avançar para as apresentações individuais sem que todos os discentes tivessem as mesmas condições para a apresentação. Ainda ponderei a possibilidade de começar com as apresentações e deixar para o final quem ainda não tinha a música. Desta forma, todos têm a possibilidade de observar o trabalho dos colegas sem outras preocupações. No final, e por considerar que o tempo de espera já tinha sido ultrapassado, um só discente passou para último enquanto se realizava o *download* do tema musical.

Acabei por usar o tempo de espera para refletir com os restantes sobre este género de apresentações. Um dos aspectos passou pela forma como pensamos no que queremos fazer. O que pensamos nunca será igual ao que fazemos, e o que fazemos nunca é visto da mesma forma pelos outros. Existem assim três dimensões em jogo aquando destas práticas: o que é idealizado, o que é feito e o que é visto.

As apresentações foram curtas, ou mais céleres do que imaginava.

Algumas propostas incluíram o ritmo dado pela música, o que noutras funcionou um pouco como acessório. Senti a falta de uma presença mais marcada da música. Pelo impulso que dá, pela batida, pelo ritmo, pelo apoio ao movimento, pela vida e pelo mundo para onde nos transporta.

O *feedback* obtido por parte dos discentes foi que a proposta era '*difícil de fazer*'. Notei igualmente uma dificuldade em desenvolver uma ideia de base. Os discentes, durante a sessão, foram explorando possibilidades dentro do movimento, no entanto, observei que alguns discentes mantiveram a mesma atitude quer na primeira parte da aula, quer nas apresentações. Não acrescentando grandes alterações em termos de expressão. Por outro lado, surgiram apresentações onde se verificou um desenvolvimento em termos expressivos.

Ao refletir sobre este aspecto concluo que os tempos de reação e de entrada no jogo difere de indivíduo para indivíduo. Outro aspecto relaciona-se com a preparação que cada um teve anteriormente. Se houve mais cuidado nos pormenores ou se ficou na raia do pensamento.

No momento final dei espaço para os discentes expressarem as principais ideias sobre toda a sessão. Assim, a retroação abordou o sentir dos participantes na ação sistematizado em substantivos.

Começaram por referir palavras como: recordação, movimento, memória, saudade, nostalgia, memorização, versatilidade.

Como forma de sintetizar um trabalhado realizado, e como também como forma de reflexão sobre o que concretizaram, perguntei aos discentes o nome que dariam às suas apresentações. Foram dadas respostas como: 'Dias de luta, dias de glória'; 'o meu mundo'.

Questionei igualmente sobre as suas visões relativamente às apresentações, sobre a vivência, o sentir nas apresentações. Aqui, referiram ser uma retrospectiva; um encontro de ciclos de vida, a concentração de ciclos de vida na sala de drama; a introspecção

De seguida questionei sobre uma sensação que já referi anteriormente. Se não tinham a impressão que as apresentações tinham sido muito rápidas. Os discentes concordaram, porém, uma aluna referiu ter sido muito tempo. E o oposto: a música tinha começado e já estavam a terminar.

Tentei aprofundar a questão perguntando o que é descobriram de novo, o que é que

trouxeram de novo.

Responderam que houve momentos que se sentiram no acontecimento que estavam a mostrar, 'sentiram-se lá dentro'.

Abordei a questão do observador, mais concretamente a observação dos colegas. O que viram de novo nos colegas. Aqui não obtive respostas, apenas um pedido de esclarecimento de um colega sobre um momento específico de uma das apresentações.

No momento final reforcei a importância de haver um registo constante sobre todas as experiências, sentimentos, emoções e práticas que acontecem. Não deixar o tempo apagar as memórias sentidas.

b) Depois da ação

Foi uma sessão com alguns episódios imprevistos. O mais marcante foi a presença de pouco mais que metade do grupo. Esta variável, sobre a qual não tenho controlo, não deixa de interferir na dinâmica prevista, ou idealizada, para a sessão. Quis dar relevância a este aspecto pelo fato de o grupo ter uma percentagem presencial bastante elevada. Ao olhar para o relatório das presenças verifiquei uma assiduidade de 85%. Percentagem esta que não se verificou nesta sessão.

Ao analisar este imprevisto, concluo que talvez não deveria ter apontado este momento avaliativo para a última sessão que antecede a pausa natalícia. A ânsia pelo retorno ao seio familiar pode ter despoletado a ausência de uma grande percentagem do grupo. Se a Expressão Dramática vive de quem a pratica, a sua dinâmica vai ser influenciada diretamente pelo indivíduo. Querendo com isto dizer, que a própria ausência é um factor que também interfere na ação.

Deparei-me assim com uma situação pedagógica que posso resumir da seguinte forma: Um momento de avaliação contextualizado no processo da avaliação contínua, cujo tema foi 'Eu no meu percurso' e onde se propunha a expressão pelo movimento de episódios de vida tendo um suporte musical, e para o qual estavam presentes 11 discentes.

No concerne os objectivos da Expressão Dramática não existe qualquer impedimento para que o processo do aqui e agora aconteça. Porém, o que fazer em duas horas de sessão? Se o previsto seria a compilação das músicas e a apresentação, não restaria demasiado tempo até ao final da sessão?

A opção tomada foi iniciar a sessão com exercícios que explorassem o movimento. O movimento espontâneo, o ritmo, os tipos de movimento, o movimento lento, o movimento rápido foram algumas das possibilidades abordadas.
Uma segunda fase que passou pela exploração e experimentação da expressão pelo movimento. Fase esta, que terminou com a criação de sequências com pontos de referência como uma estrutura possível para o exercício final.
E uma terceira fase onde foram realizadas as apresentações.

Esta opção de deixar as apresentações para o final reverteu a estrutura da sessão. No final coloquei-me a questões: não desviei os discentes das suas propostas? Se estes tinham uma ideia preparada não seria mais pertinente começar por aí e reavaliar a situação? Será que os discentes entenderam que os exercícios propostos podiam servir como preparação para as apresentações no final da sessão? Não terei levado à exaustão com a repetição? Não estariam os discentes à espera somente das apresentações?
Outro aspecto que importa referir está relacionado com o momento da retroação. Sei da importância do processo nas práticas em Expressão Dramática. Independentemente dos resultados finais é de extrema importância reavivar os momentos passados e as implicações que trazem para o desenvolvimento artístico de cada indivíduo. Mais preeminente será o lugar que ocupa o que o indivíduo diz, ou reflete, sobre essas mesmas práticas. Não importa o resultado mas a consciência do que se vai transformando no percurso da ação.
Ora, na retroação desta sessão notei mais uma vez a falta de desenvolvimento do discurso dos discentes sobre as suas práticas. No momento de refletirem sobre as diferentes atividades referem preferencialmente aquilo que fizeram e não aprofundam aquilo que sentiram, não referem o que surgiu de novo, se surgiu alguma coisa.
Da minha parte, poderá haver uma abordagem mais minuciosa. Não basta fazer as perguntas, é necessário saber perguntar; ir ao âmago daquilo que o discente fez. Mais ainda, dar maior atenção ao que cada um realiza durante a sessão e colocar questões de vários níveis e dos diversos momentos da sessão. O confronto direto ao discente sobre a sua ação.

O passado de cada um ganha vida



Primeiro, todos em conjunto







Depois, o individual









PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 11	**Tema**: A cadeira. O meu elemento de expressão/ comunicação.	6 Jan.
Sumário: O objecto como meio para o desenvolvimento da linguagem dramática. Exploração do jogo dramático tendo como suporte o objecto.		
Conteúdos: O jogo como expressão/ comunicação: o jogo dramático		
Competências: - Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade; - Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo); - Explora simultaneamente a utilização da voz, da palavra, do corpo e do meio tal como da atenção e a escuta do(s) outro(s) para uma expressão/ comunicação espontânea e de interação criativa; - Explora a linguagem dramática.		
Proposta de atividade: Uma cadeira está na base da ação. A cada discente é pedido uma cadeira. Esse objecto é o principal suporte a partir do qual o discente se expressa e explora as possibilidades de relação dramática, não só numa relação intrapessoal como interpessoal.		
Descrição da proposta: Esta atividade foi retirada de uma proposta pedagógica apresentada por Gisèle Barret (1990, Ficha II-A-2, p. 73). Esta proposta é descrita como tendo como médium uma cadeira e enquadra-se no momento de relaxamento ou indução. Tem como fases: 1.1 **Aproximação indireta** 1.1.1 Utilizar a cadeira como um barco.		

- adaptação à cadeira, uma vez estreita e cómoda
- fechar o solhos. Imaginar o barco. Deixar que a mão toque a água
- imaginar o chapinar da água que bate no barco

1.1.2 Usar a cadeira como uma casa, um albergue, uma gruta...

- ser pequeno na casa, sentir-se em segurança, a porta, as janelas fechadas, a solidez do tecto
- fechar os olhos. Imaginar o exterior, o vento movendo as árvores, mas que não entra em casa
- sentir o calor que está dentro de casa e deixar-se levar pela temperatura agradável, pela segurança, pelo silêncio...

1.1.3 Utilizar a cadeira como um berço

- reencontrar a alma de criança, e talvez também, as posições, os sentimentos.

1.2 **Aproximação direta**

1.2.1 Colocar a cadeira em diferentes posições e adaptar o corpo. Encontrar o equilíbrio entre o corpo e a cadeira.

- tomada de consciência da posição do corpo, do estado dos músculos. Tentar relaxar o que está mais tenso, acomodar os membros mais desconfortáveis

1.2.2 Dois a dois. Um suporte para dois

- adaptar-se ao suporte e ao companheiro
- tomar consciência do conjunto formado
- fechar os olhos e deixar ir

1.2.3 Microgrupos de cinco. Uma cadeira por microgrupo.

- cada um instala-se de forma a que tenha contacto com o suporte, com as pessoas e que se sinta confortável
- ter consciência do conjunto formado
- fechar os olhos e deixar-se ir

Quanto à estrutura do grupo é proposta a liberdade total. No que concerne o papel do professor, este só deve interferir na primeira fase e nas fases posteriores deve assumir o papel de zelador. Isto é, fazer com que os discentes se sintam cómodos e fazer com as cadeiras não se toquem.

Materiais/ Suportes/ Bibliografia:

- Cadeiras;

- Barret, G. (1990) *Fichas Pedagógicas de Expresión Dramática*. Monteral: Recherche en Expression.

Memória descritiva
Primeira sessão do novo ano civil. Os discentes regressam após a pausa natalícia. Antes desta pausa solicitei aos discentes, àqueles que compareçam na última sessão, a entrega dos diários de bordo. Desta forma pude fazer uma leitura mais tranquila sobre a escrita, as visões e reflexões dos discentes relativamente às sessões em que estiveram presentes. Esta leitura permitiu alargar o canal de comunicação que o diário de bordo permite. Este elemento essencial nas práticas de expressão dramática abre a porta a um universo que não está visível nas sessões: o olhar introspectivo de cada um; a tela que absorve a dimensão emocional de um sentimento que foi vivido. O registo cristaliza uma emoção; dá-lhe um tom próprio que transcende o tempo/ espaço, ao mesmo tempo que o fixa. O registo permite estabelecer mais uma forma de comunicação entre docente e discente. Como um canal privado onde há a troca de confissões, de ideias, de desabafos, de reforço, de orientação e de segredo. Como síntese da leitura e análise realizada, apresento as seguintes considerações (de referir que esta análise refere-se apenas aos cadernos recolhidos numa sessão onde apenas estiveram presentes 11 discentes): - *O registo tem uma dimensão que pode ser aprofundada*. No total das 10 sessões realizadas verifiquei a ausência de descrição de práticas que ocorreram nas sessões. Apesar da insistência para a importância do registo, notei, pela parte dos discentes, o registo de apenas parte dos momentos vividos. - *Existe em desequilíbrio entre a descrição e a reflexão*.

A maioria dos registos apresenta uma grande percentagem de descrição em contraponto com a reflexão sobre a vivência e o questionamento sobre as finalidades de cada exercício ou sessão.

- *O conteúdo do registo centra-se essencialmente no que foi feito.*

  Apesar de haver o desenvolvimento de uma escrita que começa na sala e parte para o mundo interior de cada um, notei uma abordagem somente à estrutura mais global das atividades. Uma abordagem que fica na 'rama' daquilo que se passa.

- *O registo é realizado num tempo demasiado longo após a sessão.*

  A leitura permitiu verificar que alguns discentes realizaram o registo de algumas sessões em simultâneo. O mesmo tipo de discurso e a escassez de pormenores vivenciados levam-me a inferir para a conclusão dos registos previamente à entrega do caderno.

- *A estrutura do registo não é obedecida.*

  Apesar da estrutura do registo estar permanentemente disponível no *moodle* da Unidade Curricular, verifiquei que os discentes não estruturam a sua escrita tendo como referência esse documento exemplificativo. Optam por uma descrição continuada, o que me leva a procurar nos seus registos quais as secções que pertencem a cada ponto da estrutura estabelecida.

A exposição desta síntese leva-me a refletir sobre a necessidade do encontro de uma estratégia que reforce o desenvolvimento do registo, para que este seja desenvolvido de forma mais enriquecedora e completa.

Até à presente sessão apenas a primeira parte, a estrutura da ação, do registo foi realizada no momento final. Os últimos quinze minutos foram dedicados à retroação de todas as atividades realizadas. Aqui, os discentes descrevem o que foi realizado e o que sentiram nas diversas fases da sessão. A acompanhar esta descrição há o registo *in loco* daquilo que cada um refere. As restantes partes da estrutura do registo, nomeadamente as vivências, as finalidades e os comentários, são realizados *a posteriori* por cada discente de forma individual e privada.

A primeira ação tomada como meio de reforço da escrita no *diário de bordo* foi a minha apreciação sobre o registo de cada discente. Foram deixadas mensagens no diário como: '*Muito bem, mas ainda podes aprofundar mais*'; '*Continua, tens o olhar para isso*'; '*Há*

momentos que aconteceram nas aulas que não aparecem aqui'; '*Nunca nada está feito*'; '*Procura responder às questões colocaste*' e '*Tenta obedecer à estrutura do registo*'.

Falta encontrar, agora, outras estratégias para, não só estimular a escrita, como para a escrita ser feita num tempo continuado, ou próximo, da sessão.

.....

Para esta sessão optei por seguir uma proposta pedagógica que implica a utilização de uma cadeira como suporte para a ação dramática.
É a primeira vez que peço aos discentes para trazerem uma cadeira para a sala. Até aqui, fazia uso dos recursos que a própria sala contém ou que os discentes trazem de casa.
Com esta atividade quero explorar o mesmo médium nas diferentes atividades. O ponto comum a toda a sessão será assim uma cadeira e a relação que cada um pode desenvolver com ela. A escolha de uma cadeira não deixa de ser prática. Uma cadeira é um material de fácil acesso a todos e que normalmente está sempre por perto.
'Quais as possibilidades que uma cadeira permite?' Será a pergunta que servirá de mote ao desenvolver de toda a ação.
Ao deambular sobre esta pergunta, não deixo de imaginar o que eu próprio faria com uma cadeira. O seu uso direto - uma cadeira serve para sentar, e a sua transformação em outras funções: uma cadeira é um púlpito. Ou, a cadeira é... uma pessoa. Ou então, a cadeira sou eu...
Este procedimento, o de projetar o que eu próprio realizaria com a proposta que lanço, revela ser uma reação que me acompanha aquando da planificação dos diferentes exercícios. Não sei até que ponto isto me distrai, ou desvia, das variáveis de orientação e da atitude pedagógica. Ou se é uma necessidade que eu próprio tenho de ter; recursos e exemplos já estabelecidos caso sejam necessários no decorrer das sessões.

Tendo em conta a planificação estabelecida, vou optar por manter uma atitude serena. No momento de receção aos discentes, vou manter uma atitude calma, de circunspecção. Tentar provocar nos discentes uma sensação de recolhimento, de introspecção, responder apenas se for questionado. Procurar induzir os discentes a um estado de tranquilidade e concentração. No fundo, dar o modelo para um estado de espírito.

a) Após a ação

-'*Vais precisar de uma cadeira*'

-'*Uma cadeira!? Mas onde vou arranjar uma cadeira?*'

-'*Não sei. Desde que a voltes a lá colocar*'.

Há medida que os discentes chegavam à sala de drama foi a reação comum. Pedi a cada discente que trouxesse uma cadeira para a sessão. Essa foi a única indicação.

Consoante a chegada, cada discente sentou-se onde quis. Curiosamente acabaram por formar um círculo.

Durante este momento, e após visionar o vídeo, observei que circulei constantemente pela sala sem nunca me colocar ao lado dos discentes, ou no círculo que foi sendo criado.

Eu não tinha uma cadeira, e após a ação penso que poderia ter uma. Desta forma estaria também na mesma condição que o grupo. Poderia dar início à ação exemplificando com uma cadeira.

-'*Isto é a reunião dos alcoólicos anónimos?*', brincou um discente.

Nenhum discente questionou sobre o porquê das cadeiras.

Quando o grupo ficou completo dei início ao primeiro momento de indução ao jogo. Comecei pelo '*jogo das cadeiras'*. Ao sinal dado todos tinham que trocar ocupar uma outra cadeira. Aqui, integrei o jogo para haver mais pessoas que cadeiras. Esta atividade, sendo a primeira, teve como objectivo levar os discentes a um jogo de reação espontânea, estímulo dos reflexos e estímulo da observação. Ao mesmo tempo levou a que a sessão se iniciasse de forma lúdica.



No decorrer do jogo fui retirando cadeiras de modo a dificultar o encontro de uma cadeira vaga. Ou seja, foi necessário prestar mais atenção e ser mais rápido para encontrar uma cadeira vaga.

Um aspecto que só foi possível observar no pós ação foi o fato de haver um discente que nos momentos de maior alvoroço não se levantava da sua cadeira.

Este tipo de situações torna-se difícil de observar no decorrer da atividade. Mais uma vez, a observação por parte de quem orienta deve estar sempre apurada. Por vezes dá-me vontade de ser dois. Poder estar em todo o lado. A observação tem assim uma dupla

função: observar para redirecionar (como está a correr a atividade, o que pode ser feito de seguida, a organização do grupo e a distribuição no espaço) e observar para avaliar (como o discente está a reagir, qual a sua atitude durante a sessão, o que é que cada um está a fazer, compreendeu o exercício, o que pode ser sugerido àquele discente ou ao grupo), entendendo-se aqui avaliação como formativa.

Uma outra variante do jogo levou a que as cadeiras fossem distribuídas pelo espaço total da sala. Da mesma forma o objectivo seria encontrar uma cadeira vaga. As cadeiras foram sendo retiradas com o mesmo objectivo que anteriormente. Por outro lado, foram criados pares onde o objectivo do par seria manter-se em pé em cima da cadeira. O mesmo objectivo com um trio e finalmente como proposta final micro grupos de seis teriam que tentar manter-se na cadeira sem estarem em contacto com o solo.

Nesta fase, eu já não fazia parte integrante do jogo. A minha função passou de participante a observador. Observar o que os micro grupos tentavam fazer e ao mesmo tempo zelar pela segurança dos discentes, bem como ajudar elementos a manterem-se na estrutura.

Até este momento tive um papel ativo no interior das diversas variantes que foram sendo propostas. Ora como elemento individual, ora como parte de um par para não restar nenhum elemento fora do jogo.

Entrar na ação como elemento participante pode trazer algumas vantagens em termos pedagógicos. A primeira relaciona-se com o ponto de vista. Ver de dentro de um exercício permite assumir um papel que, por norma, está destinado ao discente. Não me refiro ao assumir o papel de discente, mas o ter o seu ponto de vista. Em termos de orientação, este entrar na perspectiva do outro permite percepcionar, em primeira mão o sentir do jogo; a sua dinâmica, o seu pulsar, a outra realidade. Um olhar de dentro permite ampliar a visão externa, permite tomar consciência direta sobre as implicações do jogo. Pode permitir, assim, uma observação diagnóstica mais balizada.

O momento seguinte da sessão começou com a distribuição de todos os discentes pela espaço da sala. Cada um com a sua cadeira ocupou o espaço escolhido.

Aguardei que o reboliço terminasse, coloquei-me numa das extremidades da sala e com uma voz serena dei a primeira indicação:

-'*A vossa cadeira é um barco*'.

Sempre que os discentes iniciavam a ação começava a haver um murmurinho constante por parte de alguns discentes. Isto levou-me constantemente a pedir para em vez de

falarem, fazerem.



- '*A vossa cadeira é uma casa'*.

Os discentes começaram por fazer ações que se poderiam realizar em casa, no entanto, tive que redirecionar para a indicação: '*A cadeira é a casa*' e '*Vivem nessa cadeira*'.

As indicações foram sempre dadas ao centro da sala, mas fora do espaço de jogo. O tom de voz foi calmo e compassado.

Interrompi sempre a ação quando observava que os discentes estavam a realizar uma ação que não estava dentro do que era proposto.

-'*Explorem essa dimensão que aí têm'*, '*Explorem o objecto'*.

Durante esta parte do exercício comecei a dar mais indicações, mais sugestões sobre o que poderia ser feito.

Verifiquei que os discentes têm sempre que estar a ser estimulados para que o jogo se desenvolva e as ideias sejam aprofundadas. Como uma pena para a qual temos que estar sempre a soprar, senão cai. De igual modo, foi importante estar atento ao que os discentes estavam a desenvolver, assim foi possível dar sugestões individuais. Aqui notei a importância do poder da sugestão. Podem ser dadas sugestões gerais ao grupo que inicia e desenvolve a ação e depois da ação estar a decorrer poder dar sugestões particulares a um discente. Penso que ao dar-se uma sugestão a um discente ele sente-se acompanhado, compreende que alguém está a observar o que está a fazer. Não está sozinho.

-'*Observam o objecto, o que é que ele tem?'*

Mais uma vez a observação ganha um papel preponderante nestas práticas. É necessário fazer uma reavaliação constante para verificar se ação progride, para verificar se o grupo já esgotou todas possibilidades e avançar para outras possibilidades.



-*'Como é que podem dormir?'*

O exercício continuou de forma a explorar o trabalho com o outro. A pares, os discentes tiveram que encontrar um colega, e com isso, conseguir integrar dois corpos numa só cadeira.

No desenrolar da ação notei que fui enunciando para os discentes exemplos que os colegas estavam a executar. Desta forma, penso estar, não só a dar um reforço positivo, como a dar um panorama a quem está a fazer do que se está a passar com os colegas noutros focos da ação.

As estruturas, usando as cadeiras, foram sendo exploradas:

Os pares passaram a micro grupos. Quantas cadeiras seriam precisas para criar uma jangada para o grupo; como remar em sintonia e como dormir na jangada foram as sugestões dadas.

Estas sugestões marcaram a passagem para o terceiro momento central da sessão. As propostas seguintes entrarem no domínio da expressão/ comunicação.

O grupo criado no momento anterior foi separado. Pedi que cada elemento se colocasse num espaço distanciado dos colegas de grupo.
A proposta sugeriu que cada discente tentasse comunicar com os colegas do grupo. Para tal tiveram unicamente como recurso a expressão corporal ou o gesto.
A missão que cada elemento teve foi a de combinar com todos os restantes companheiros de viagem um encontro. A acrescentar a isso também foi pedido a concordância entre todos sobre o local onde essa ação seria realizada e o que lá iriam fazer.
A ação iniciou-se, mas aconteceu um imprevisto, foi um engano. De novo tiveram que encontrar um novo local e uma nova ação, acrescentando a essa situação a justificação da troca de encontro.
Combinado o encontro cada elemento teve que se encontrar com o restante grupo no espaço combinado, deslocando-se até lá usando a cadeira. Ora como meio de transporte, ora como utensílio ou como elemento de cenário.
Este exercício terminou com cada discente a ter que dramatizar aos colegas que não faziam parte do seu grupo o que estiveram a fazer. Exemplificando e demonstrando ações, emoções, movimentos, posições e interações. Aqui, cada um pode encontrar-se com quem quis e da forma que entendesse.
Estiveram, no fundo, a dramatizar pela linguagem não verbal situações vividas.
Procurei, deste modo, explorar a dimensão da comunicação com o outro. Expor o discente, através de uma configuração do indireto, a uma ação que implicasse o uso da sua sensibilidade dentro da linguagem não verbal. O desenvolvimento da sua criatividade enquanto recurso expressivo e o encontro de novas formas de dizer algo.

Fazendo um balanço sobre a minha orientação desta sessão até este momento, permite-me inferir que as minhas primeiras indicações, sobre qualquer atividade ou exercício, são sempre lançadas de um modo sempre geral, pouco definido, global. Somente à medida que o exercício vai avançado é que vou dando indicações mais precisas e concretas. Sinto,

em alguns exercícios, que deixo a ação desenrolar, ao sabor do grupo. E que mediante o trajeto do grupo é que vou apurando o desenrolar da ação. Outras situações há, no entanto, onde abro espaço à experimentação das variantes dos exercícios. Exemplo disso é a planificação desta sessão. Foi apresentada um plano definido de uma proposta de trabalho a partir de uma cadeira e no entanto a ação no terreno acabou por tomar outras direções. Não querendo com isto dizer que o caminho seguido foi melhor, ou melhor conseguido, mas o caminho que foi seguido com este grupo, neste espaço e neste tempo. Por vezes, o que está a acontecer à nossa frente inspira-nos a novas propostas, acreditando na fluidez do percurso.

Na parte seguinte da sessão, o desafio dado foi o de recontar, individualmente, para o colectivo, um momento que cada um tenha experienciado em toda a sessão. Esse momento poderia ter sido observado, vivido ou que tenha sido narrado por outro.



Para isso o grupo foi organizado em duas linhas, frente a frente, onde cada um recontou um momento de toda a ação que experienciou, viu outros fazerem ou outros lhe contaram. Aqui, a linguagem verbal pode ser usada.

Mais uma vez, os discentes foram orientados para a dramatização de situações vividas. Exploraram a linguagem dramática servindo-se de recursos como a voz, o corpo e a cadeira.

Com o decorrer da proposta fui alterando as indicações. Acrescentei que cada um podia usar ou não a cadeira. Quis com isto permitir maior liberdade para que cada discente pudesse desenvolver a dramatização das situações na forma em que sentisse maior à vontade. A estrutura do grupo, durante toda a sessão, desenvolveu-se sempre no colectivo, pares e micro grupos. Houve assim, uma maior alternância nas interações; estiveram expostos diretamente aos colegas para uma maior abertura nas condições para a dramatização.

No final só uma discente não usou a cadeira.

Gostei da reação dos discentes para a dramatização. Tendo em mente que era uma pequena dramatização de um momento isolado, todos revelaram não ter dificuldade em apresentarem uma ação.

Será por terem tido à sua disposição um reportório de ações e episódios que tinham

realizado anteriormente? Algo que foi sendo construído?

A trinta minutos do final. O que fazer?

A sessão foi-se desenrolando sem me ter apercebido do tempo que já restava para o fim da sessão. Ponderei que se avançava para o momento da retroação ou se dava início a outra atividade.

Decidi avançar para outro exercício. No entanto, fiquei com a dúvida latente se seria mais importante iniciar uma nova ação ou usar o restante tempo para a retroação.

Exercício final:

As duas filas criadas anteriormente foram divididas em parte iguais, criando assim 4 micro grupos. A todos os grupos foi distribuído o mesmo poema (*O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro), e a cada grupo foram atribuídos 5 versos do poema. O poema foi deste modo distribuído por todo o colectivo onde a cada grupo foi atribuído uma parte do poema.

Um elemento do grupo ficou responsável pela leitura do poema, enquanto os restantes, através da criação de coreografias simples, propuseram uma interpretação simbólica da imagética presente no poema. A dimensão visual da poesia lida, onde as cadeiras serviram como suporte.

O poema foi introduzido como uma plataforma para a expressão.

Pretendi, assim, abrir o campo da ação para uma junção entre a voz e o corpo.

A preparação da apresentação acabou por usar a maior percentagem do tempo restante da sessão.

Durante este tempo fui percorrendo os grupos para dar apoio às ideias que os discentes foram tendo. Não dei, porém, qualquer tipo de sugestão ou proposta aos discentes sobre o *como* poderiam apresentar a sua parte do poema.



As diferentes ideias apresentadas mostraram algum cuidado aos pormenores. Uma discente, na leitura do poema, acabou por dar mais entoação às palavras do que os colegas. Revelou uma maior entrega, uma interpretação das palavras.

No final fiz questão de frisar isso à discente. Considero importante dar a apreciação positiva no momento. Evitar deixar para depois.

No final da sessão, não houve a oportunidade de poder retroagir sobre a vivência nas diferentes experiências. O tempo programado já tinha sido ultrapassado.

Este momento será o primeiro momento da sessão seguinte.

b) Depois da ação

A planificação para esta sessão foi seguida até um certo ponto. Já que, a reação do grupo a uma proposta não pode ser planeada. Isso levou a que houvesse uma mudança de caminho. O sentir do ritmo da sessão e dos discentes, fez com que fossem introduzidas novas variantes à proposta inicial.

Penso que estas alterações devem ser feitas quando sentidas. Alterar um plano ou uma ideia não deixa de revelar uma atitude de abertura, uma reação positiva ao inesperado e ao imprevisto. Este agir espontâneo não deixa de ser uma característica que vejo como essencial nas práticas de Expressão Dramática.

Em termos de presença na sala, considerei importante o momento inicial da sessão. O estado de espírito induz os outros a uma reação. Torna-se assim importante ter a consciência da atitude que se quer para a sessão. Não me refiro ao saber porque nos sentimos de uma forma ou de outra, mas encontrar um registo que melhor se aplique àquilo que pretendemos. Criar o ambiente, seduzir pela atitude, dar o exemplo, dar o tom.

Acredito que há sempre um discente a olhar para mim e para tudo o que faço. Daí não haver um momento de repouso. Todas as ações feitas podem provocar uma sensação, um sentimento. São mais os olhos que nos olham do que aquilo que conseguimos ver.

A observação nas sessões de Expressão Dramática é uma ferramenta essencial. Serve a observação como um atualizar permanente da situação pedagógica. Torna-se mais premente nestas práticas por ser através deste meio que é criada a decisão para intervir. É a observação que dá a informação.

As competências previstas para esta sessão foram abordadas. Considero importante estabelecer quais as competências que pretendo desenvolver ou aprofundar nos discentes. Ao estabelecer uma competência estou a estabelecer um caminho; um percurso de trabalho onde os exercícios podem ser propostos de forma a terem, na sua finalidade, a potenciação da dessa mesma competência. Vários exercícios para a mesma competência. Desta forma é estabelecido o rumo, ficando em aberto o caminho.

No percorrer deste caminho são assumidas várias dimensões. Uma dessas dimensões é o de participante. Uma breve reflexão sobre o papel de participante na ação leva-me a afirmar a necessidade de encontrar a dose correta para cada exercício. Nunca de mais, nunca de menos. No meu entender, cada exercício pode implicar uma variação sobre a interferência direta no jogo. Isto é, a dimensão de participante está diretamente

relacionada com o exercício em questão. Mais ainda, depende do momento da sessão. No momento inicial de desbloqueio a dimensão participante estará mais presente. É o momento onde se assume o papel de guia, o que aponta o caminho, induz para o percurso a realizar, aponta, abre a porta. Aqui, considero que, participar no jogo torna-se fulcral. A participação direta na atividade inicial leva a que haja um foco de atenção sobre quem orienta. Essa atenção leva a uma entrada e a uma implicação de todos no jogo.

No desenvolvimento desta ideia importa também referir para a questão da imitação. Existe sempre o momento onde todos imitam quem está a orientar. Ou, pelo menos, há sempre esse momento. O papel da imitação também é necessário, espera-se no entanto, que a imitação se dilua na criatividade.

Serve também a imitação para dissipar o *cliché*, isto é, se já foi feito não se volta a fazer. Ou melhor, de que outra forma pode ser feito. Então a imitação serve para apurar o sentido do único, *a minha forma de expressar*, logo, ao participar na ação estaremos a tentar quebrar com os estereótipos criados colocando a ação no nível seguinte.

Tomando como exemplo esta sessão, foi com facilidade que observei que assumi o papel de participante somente no momento de desbloqueio para a ação. À medida que o jogo foi avançando essa dimensão foi sendo substituída pela dimensão de observador.

Como participante entro do jogo para dar o ritmo, para estabelecer a dinâmica que creio ser a mais positiva para a ação. Assumo o papel de jogador que impulsiona a cadência do exercício.

De referir, porém, que a dimensão de participante deve ser doseada. Demasiada interferência pode bloquear os discentes. Dar demasiados exemplos poderá levar à falta de espaço para a expressão livre e espontânea por parte dos discentes. Interferir demais na ação poderá estrangular a criatividade da pessoa.

Um apontamento final, a retroação. Surgiu a dúvida durante a sessão que faria a retroação ou se avançaria para outra proposta. Nesta caso, foi proposto um novo exercício.

Ao refletir sobre esta situação, penso que com a introdução de um novo exercício quis alongar o trabalho de expressão para um outro campo. Toda a sessão foi sendo orientada tendo em mente o desenvolvimento da expressão espontânea, o jogo livre com o outro, a procura de atitudes e desenvolvimento de sensibilidades no que respeita a expressão/ comunicação. No entanto, senti a falta de um exercício que colocasse os discentes numa situação onde houvesse a preparação de uma proposta.

O jogo espontâneo é importante para o encontro de atitudes autênticas, essencial aliás, torna o processo mais rico. Com a inclusão de uma proposta que implicasse a discussão

com o grupo, preparação, debate de ideias e partilha com o colectivo, procurei levar os discentes à criação de propostas que aprofundassem o sentido da expressão e comunicação nas linguagens dramáticas.

Como resultado disso, o momento da retroação não foi possível realizar nesta sessão.

Uma cadeira... é a minha casa













PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 12	**Tema**: A voz e o espaço.	13 Jan.
Sumário: Dar voz à palavra. Exercícios práticos com vista à expressão e comunicação tendo como plataforma o uso da voz num espaço definido.		
Conteúdos: O corpo como elemento sonoro - formas de expressão/ comunicação sonoras utilizando a palavra, frase e textos; O espaço - relações, apropriação e transformação do mesmo.		
Competências: - Toma consciência da **voz** a fim de explorar e desenvolver todas as possibilidades de expressão e de criatividade; - Toma consciência do **espaço** (meio) a fim de o utilizar de várias formas ao serviço da expressão e da criatividade; - Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo).		
Proposta de atividade: - Retroação da sessão anterior - Criação de textos originais - Formas de dizer um texto num espaço criado (entoação/ intenção/ registo)		
Descrição da proposta: - Criação de textos originais: exercício de escrita criativa onde um elemento escreve uma frase no topo de uma folha, dobra a folha de forma a encobrir a frase escrita. De seguida escreve a última palavra da sua frase, essa palavra será por onde o elemento seguinte deverá começar a sua frase. Este processo repete-se até todos os elementos terem escrito duas frases. - Com o texto criado cada elemento terá que atribuir uma emoção às frases que escreveu. - No final, o texto é pronunciado usando as emoções escolhidas.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: Nenhum		

Memória descritiva
Vou iniciar esta sessão realizando a retroação de todos os exercícios da semana anterior. Como já há um hiato do tempo de sete dias vou usar as fotografias tiradas como meio de reavivar os diversos momentos. Na continuação do último exercício da sessão anterior, procurarei, como objectivo principal, o uso da voz e do espaço como suportes principais para a ação dramática. Ou seja, usando a poesia como médium, procurar a expressão comunicação de cada discente. Procurarei igualmente criar pequenas apresentações, no espaço tempo da sessão, onde o tema terá como base o conteúdo poético. a) **Após a ação** Começo por referir-me à retroação que foi realizada da sessão anterior. Como apoio para este momento, apresentei imagens fotográficas da sessão passada. Serviram as imagens para relembrar os vários momentos que aconteceram. Antes da apresentação voltei a referir para o fato dos registos no diário de bordo poderem ser mais desenvolvidos. No decorrer das imagens, os discentes, foram recordando o que as diferentes fases, tecendo comentários sobre os colegas, sobre eles próprios e sobre as atividades. Os aspetos referidos pelos discentes foram: - *foi uma aula muito dinâmica*; - *devia a primeira aula da semana*; - *foi a aula mais divertida que tivemos*. Coloquei a questão: *'O que é que fizeram de diferente nessa aula?'* Antes de os discentes responderem, comecei por enunciar algumas alterações de atitude que verifiquei em alguns discentes, como por exemplo: A A. passou de um papel mais observador para uma intervenção mais expressiva. A J., na leitura do poema, procurou dar mais entoação. A C. é muito atenta às coisas. Discute muito as coisas. Coloquei outra questão sem que os discentes tivessem respondido à primeira. Questionei sobre a organização do grupo. Durante toda a sessão o colectivo foi sendo organizado nas diferentes estruturas, havendo somente um momento individual. Perguntei

aos discentes as suas visões sobre esse aspecto.

Um discente afirmou preferir trabalhar em colectivo e individual, dependendo do tema. Outros afirmaram que preferem trabalhar em grupo – '*em grupo é melhor*'. Podem juntar ideias de várias pessoas sendo assim mais fácil. Por outro lado, foi dada a ideia que depende do grupo e que há atividades onde se dá o melhor quando se está sozinho.

A ideia consentânea encontrada foi que depende sempre do tema e do exercício.

Questionei sobre como se sentiram no exercício individual. Responderam que se sentiram melhor em grupo que no individual – *'Nós sozinhos, com uma cadeira...'*

Como forma de melhor registar os momentos essenciais da retroação, e para evitar alterar o sentido, transcrevo algumas secções do que foi referido na retroação.

O que é que observaram nos outros que foi novo?

- *Toda a gente no geral esteve mais "calminho"';*

- *'Foi mais engraçado porque estavam mais concentrados.*

Como é que vocês acham que se entregam ao jogo? A vossa postura em termos de concentração?

- *'Depende, se o jogo tem a haver com a nossa maneira de ser. Concentramo-nos mais quando o jogo nos interessa mais';*

- *'Se eu me interessar e gostar daquilo que estou a fazer, dedico-me a ele, senão....';*

- *'Eu sou da opinião que me dedico a tudo o que eu faço. Se não vai sair bem se calhar nem vale a pena estar a fazê-lo';*

- *'Temos que aprender a gostar de tudo. Não podemos só fazer aquilo que gostamos';*

- *'Temos que experimentar'.*

Qual foi a parte em que se sentiram mais entregues?

- *'A parte da fragata';*

- *'Quando estivemos todos juntos, os quatro, e tivemos que inventar uma história';*

- *'A parte do quarto, quando estávamos ali todas. Também gostei da parte de inventar histórias'.*

O que é que estiveram a trabalhar nessa aula?

- *'A agilidade';*

- *'A imaginação; espírito de grupo';*

- *'União';*

- *'Entreajuda';*

- *'Conseguir comunicar sem precisar de falar, por gestos';*

-*' O lúdico';*

- *'A partilha, quando estávamos os seis e tínhamos que partilhar o nosso espaço'.*

Como é que se sentiram no poema?

- *'Estranha';*
- *'É mais fácil fazer os gestos a partir de um texto';*
- *'Uma pessoa se tiver essa palavra sabe ilustrar essa palavra';*
- *'Não gostei muito. Acho que depois daquela animação toda, o poema veio cortar um bocado o ambiente que estava na sala. Foi ir de 80 para 8 (...) estávamos tão animados e depois tivemos que nos restringir àquele texto, foi uma coisa estranha'.*

O que é que foi trabalhado no poema?

- *'A forma de falar, de mostrar os sentimentos do poema. O narrador teve que mostrar os sentimos do poema assim como as pessoas do grupo';*
- *'Eu não gostei da coreografia';*
- *'Eu gostei do meu grupo. Acho que correu bem. Acho que houve uma boa montagem ao texto, um encaixe'.*

Porque é que vocês acham que eu introduzi o poema?

- *'Para ver qual é a maneira de pensar de cada um de nós. Como é que cada um interpreta as coisas. De uma coisa podem surgir várias ideias';*
- *'Dá-nos uma matéria palpável para fazer'.*

Dos aspectos referidos, importa referir-me àquele que considero mais pertinente para a reflexão sobre a orientação de atividades em Expressão Dramática. Ou seja, a proposta que introduziu o poema como médium para a expressão. Apesar de haver um objectivo, ou uma finalidade precisa, o *feedback* que transpareceu do grupo foi o de uma quebra entre a primeira parte da sessão e esta parte final.

Analisando de forma mais distanciada penso que, de fato, possa ter sido um redireccionamento para uma atividade que tinha em si contornos diferentes de todas as atividades realizadas até então. Uma atividade que apelou ao sentido criativo de cada um, onde o espontâneo passou para segundo plano e onde a estruturação de um tema passou para primeiro plano. Daí que, considero importante haver um momento da ação onde se abra um espaço para a conceção, preparação e apresentação de ações estruturadas. Momento este, onde são estabelecidas as condições para a criação de situações onde o papel do discente assume outras funções. Refiro-me ao papel de observador e de criador. Prolongar práticas onde o aluno obedece a um só papel pode, eventualmente, levar a que assuma sempre esse papel. Procurei, assim, que o discente ao olhar o outro e a criar com o

outro, fique mais consciente das suas capacidades e potencialidades enquanto jogador. Olhar o *outro* na ação dramática faz que sejam despertados mecanismos de reflexão crítica e de compreensão de outras formas de expressão que podem, assim o prevejo, melhorar e aprofundar a sua própria prática.

Por outro lado, a ação espontânea pode ser riquíssima. Permitir o fluir da ação, do espontâneo, do desprendimento de objectivos e de metas pode levar ao encontro de caminhos nunca antes percorridos.

Face a isto, considero que estas duas faces do trabalho em Expressão Dramática devem ser claramente definidas. Por um lado, a ação desenrola sem um fim definido, por outro a ação avança tendo um fim definido.

.....

Terminado este momento reflexivo dei início à temática idealizada para esta sessão.

O objectivo principal estabelecido foi o desenvolvimento de atividades onde a voz e o espaço seria os suportes principais para a ação.

Comecei com um exercício de concentração. Quis iniciar com uma atividade que estimulasse a concentração de uma forma rápida. A melhor forma foi:

- *Isto é o jogo do sério*.

Este exercício não deixa de ser um jogo praticado muitas vezes nos tempos livres, mas que, em atividades de Expressão Dramática, funciona como um exercício onde um observa o outro e vice versa. Um jogo tão simples como isso mesmo: olhar o outro.

Optei por este exercício para que, de forma mais célere, conduzir os discentes ao jogo dramático; à procura de um estado onde a finalidade foi confluir todas as atenções para um foco preciso: a concentração do olhar.

Como o grupo veio de um momento de debate e de conversação espontânea, precisei de algo que centrasse e concentrasse os discentes num ponto.

Eu próprio assumi uma postura que indiciou ao exercício. Os discentes mantiveram-se um pouco dispersos, demorando a entrarem no jogo.

Voltei a repetir: *Isto é o jogo do sério*, mantendo a mesma atitude séria, neutra.

O manter da postura torna-se essencial nestes momentos. Acaba por ser um reflexo para os discentes daquilo que se pretende como estado de concentração.

Como em todos os exercícios em Expressão Dramática existem elementos que não se conseguem concentrar de forma imediata, havendo sempre o riso e o desmanchar da

atitude. Ou talvez, por serem confrontados com uma atitude que não é comum para estes.
Comecei este jogo em círculo, onde cada um olhava para o colega que quisesse, seguidamente tiveram que procurar um colega, ficando assim frente a frente com outro elemento. Foi estabelecido um código, esse código levava a procurassem um novo colega.
Só participei no início, já que o número de elementos presentes completava a formação certa de pares.
No decorrer deste momento, mantive a mesma atitude. Tom de voz sereno, compassado, calmo. Interferia somente em pares que demonstraram alguma dificuldade em se concentrar.
- *Quando eu dizer três vão todos rir-se o mais que puderem!*
Fazer o oposto do anterior levou a que houvesse uma libertação através do riso.
- *Um, dois, três Sério!*
Este vai e vem entre sério e o riso, fez com que o grupo se concentrasse de forma mais rápida.
- *Quando eu disser três vão dar um abraço*.
A estrutura do grupo foi alterada para três, onde os passos anteriores foram repetidos.
O jogo desenvolveu-se até eu voltar a colocar todos os elementos novamente em círculo, na posição inicial.
Em círculo: *Façam caretas aos colegas!*
Passei assim de um registo sério para o oposto - o caricatural, o exagero.
Aqui voltei a entrar na ação. Fui dando exemplos de 'caretas' que podiam ser feitas.
Na orientação desta parte da sessão, senti-me como o motor da ação. Usando os tons de voz, dando exemplos, circulando pelo grupo, estando no centro do grupo e interferindo em casos pontuais, fui conduzindo o grupo ao objectivo procurado: a concentração.
À medida que a atividade se foi desenrolando fui acrescentando novos elementos e variantes. Enquanto observei a dinâmica e atitude do grupo precisei de desenvolver o jogo para novas variantes. O grupo rapidamente esgota as possibilidades de um exercício, aliás, sinto que o grupo assim que percebe o que é pretendido entra no jogo mas rapidamente esmorece na sua entrega ou no desenvolvimento da ação.

Não estava previsto a apresentação deste exercício, pelo menos, com esta configuração. Tendo em conta o tempo restante após a retroação da sessão passada, usei este tipo de exercício por considerar o que mais eficazmente poderia colocar o grupo num estado de disponibilidade para a ação dramática.

O passo seguinte introduziu o momento de expressão/ comunicação da sessão. O exercício proposto passou pela escrita de um pequeno texto. Texto este que foi posteriormente usado como suporte para a ação.
A proposta apresentada foi: com o texto criado cada grupo tinha que conceber uma situação. Situação esta que tinha que estar delimitada por um espaço.
A situação foi assim apresentada tendo como suportes um texto e um espaço. Para além disso, as frases que cada discente pronunciou foram ditas tendo em conta as diversas emoções. O sentimento inerente a cada elemento do grupo não pode ser repetida por outro colega. As emoções podiam ser escolhidas por cada discente, havendo no entanto, algumas sugeridas por mim.
No decorrer da preparação, acompanhei os grupos individualmente. As solicitações passaram pela explicitação das condições do exercício, pelo esclarecimento das 'regras do jogo' e por algumas indecisões sobre as intenções que alguns discentes poderiam dar às suas frases.
Seguidamente foi atribuído a cada grupo uma cor de giz com que foi delimitado/ criado o espaço de ação para a partilha das propostas criadas.

No que diz respeito à orientação, componente mais presente nos momentos preparatórios, procurei usar um tom de voz mais assertivo, mais objectivo. Tentei igualmente usar um tom de voz que fosse audível para todo o grupo aquando de indicações gerais.



A proposta deste exercício levou que houvesse vários fatores inerentes ao trabalho de expressão e comunicação.
Um deles foi a criação de uma base textual. Em rigor, foi a primeira vez que proponho a criação de um texto. A particularidade deste texto criado prende-se com o fato de nascer de um exercício que podemos associar à escrita criativa. Não é, contudo, uma produção íntima e pessoal dos discentes. Este aspecto pode levar a que aja uma distanciação afetiva com o conteúdo das palavras. Por outro lado, pode levar a que o discente se concentre na forma como diz as suas frases e use o espaço como mais um elemento que explora e suporta as suas criações dramáticas.
A conjugação destes três elementos (palavra, voz e espaço) criou a plataforma sobre a qual os discentes exploraram novos conteúdos para a ação dramática. Este exercício

procurou igualmente fornecer os discentes de elementos que contribuam para a reflexão sobre vivências em Expressão Dramática. Procurei, desta forma, expor o indivíduo a desafios que o levassem a estruturar, planear e escolher propostas criativas para partilhar com o outro.



Sobre as apresentações importa referir que houve enganos e o esquecimento das frases. Situação que considero normal quando existe um texto pré definido.

Este aspecto fez que eu pedisse a dois grupo que voltassem a repetir o exercício, e aí sim, já houve uma maior concentração para ação.

As apresentações acabaram por corresponder ao esperado. Os discentes cumpriram a proposta de forma eficaz. Verifiquei, porém, que alguns revelam ter uma certa dificuldade em se concentrarem. Talvez porque a situação em que estavam colocados, decorar duas frases, fosse ainda nova. Havia igualmente uma ordem que tinha que ser seguida, e isso pode ter causado algum embaraço ou nervosismo.

A sessão terminou sem que houvesse tempo para a realização da retroação.

b) **Depois da ação**

O primeiro momento desta sessão foi destinado à realização da retroação da sessão anterior. Isto levou a que houvesse um ocupação de parte do tempo para esta sessão. Situação que normalmente não acontece e que condiciona a dinâmica que procuro imprimir semana a semana.

Na verdade, para a presente sessão a retroação voltou a não acontecer.

No que concerne a orientação das sessões em Expressão Dramática este momento reflexivo deve estar sempre presente. O verbalizar o que se sentiu ou experienciou leva a que as atitudes e comportamentos sejam amadurecidos.

Ao rever a gravação vídeo notei que não dou tempo para os discentes responderem a algumas questões que coloco, mais ainda, chego a dar sugestões de respostas. Ora, esta atitude face ao questionamento sobre as perspectivas dos discentes pode condicionar as respostas. Pode eventualmente levar a cada um se retraia na procura do seu vocabulário próprio.

Outro aspecto prende-se com o fato de eu deixar que comentários dos discentes desviem do tema que se está a abordar. Comentários esses que não estão relacionados com as

práticas e que destabilizam a fluência do discurso que se pretende seguir.
Em termos de presença face aos alunos verifiquei que o discurso, o vocabulário usado e a atitude revelam um constante apelo para a ação e para a concentração.

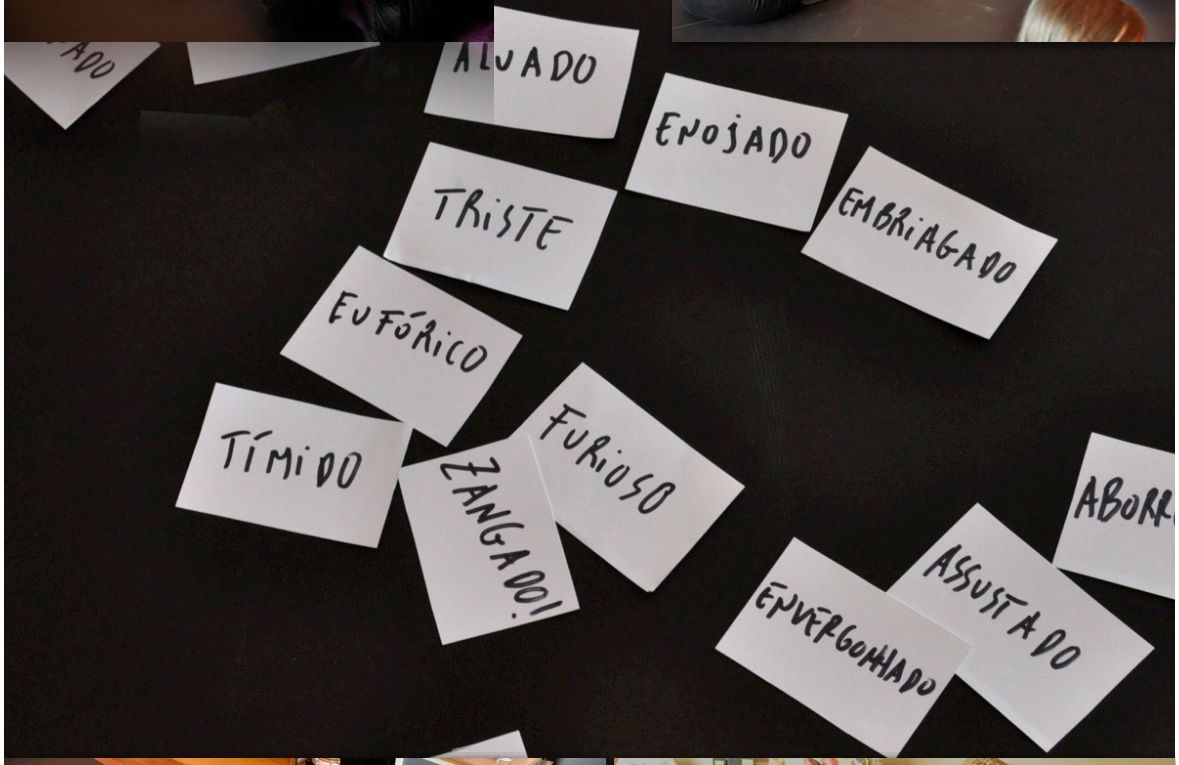
Por fim, ao refletir sobre a orientação de cada atividade concluo que posso reforçar mais a ideia de que cada exercício pode ser desenvolvido sempre mais, que as possibilidades não se esgotam com uma só ideia.

As emoções na Expressão Dramática

A criação do texto











A criação do espaço

PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 13	**Tema**: O que não vejo, sinto. Ou, o que vejo com o meu corpo.	20 Jan.
Sumário: Exploração sensorial do espaço envolvente. Atividades de estimulação da confiança no outro. O corpo compreende novas realidades e sensações do espaço circundante.		
Conteúdos: O espaço - espaço envolvente; O corpo - atividades sensoriais.		
Competências: - Transmite confiança ao(s) outro(s); - Conquista a confiança do(s) outro(s).		
Proposta de atividade: De olhos vendados, sou levado pelo outro.		
Descrição da proposta: O grupo é divido em pares. Um elemento do par fecha os olhos. O outro conduz o colega a explorar o espaço envolvente. Na exploração do espaço é proposto que os discentes tenham contato com o maior número de superfícies, texturas, objetos e pessoas. O par vai alternando de papel. O par deve ser o mesmo durante todo o exercício.		
Materiais/ Suportes/ Bibliografia: - Vendas		

Memória descritiva

Quero os discentes de olhos fechados.

O que pode acontecer? Qual será a reação?

Sinto a necessidade de haver uma sessão onde exista o regresso à essência de uma pessoa. Uma sessão onde as sensações básicas sejam estimuladas e sejam a base de trabalho; de procura de novos sentidos e novas percepções do meio envolvente.

Procuro, como componente central da sessão, levar a que o discente tenha como única preocupação o sentir do mundo que lhe é colocado à frente; que se concentre em sentir e assimilar novas perspetivas a partir da realidade que observa no dia a dia. Esta exploração vai ser guiada, conduzida, direcionada por um colega. Assim, cada indivíduo vai receber uma proposta sensorial apresentada pelo outro, o seu par vai-lhe mostrar um mundo particular - um espaço físico, que tem cheiro, sabor, superfície, textura e peso e um espaço mental - que imagem ou imagens vão sendo criadas a partir do mundo físico.

Que novas sensações o mundo exterior me provoca? Consigo fazer o outro confiar em mim? Confio no outro?, são as questões motrizes para esta sessão.

No dia anterior a esta sessão procurei os alunos. A cada encontro disse: '*Vais precisar de um par para a aula*'. Quis, com isto, começar a induzir para a sessão antes de esta começar. Um pouco como uma primeira abertura para o que se iria passar.

a) Após a ação



No momento de acolhimento, ou receção aos discentes, tomei uma atitude que, agora, considero um pouco ríspida. Comecei por indicar que não queria 'queixinhas' sobre uma dor no joelho, ou no braço. Não queria os telemóveis ligados, ou assuntos pendentes que não estivessem relacionados com a sessão.

Com esta atitude quis, de certa forma, estabelecer a regra de que durante as duas horas de duração da sessão os discentes têm que estar concentrados no que iria acontecer. Como continuidade desta minha postura, procurei igualmente mostrar aos discentes que a atitude de cada um influencia o decorrer dos exercícios e a dinâmica da sessão e do grupo. Procurei o sentimento de auto implicação de cada um como uma responsabilidade direta para, e nas, experiências que possam ser vividas durante o tempo da sessão.

A sessão iniciou-se com o formação em círculo de todo o grupo. Cada elemento ficou ao lado do seu par. Comecei por indicar o tema central da sessão: a confiança no outro.

Para isso usei um tom de voz calmo e compassado que penso ter ajudado a manter a atenção dos discentes para o tipo de postura que eu procurava para o exercício. Um outro fator que, no meu entender, também favorece a escuta do outro é a colocação do grupo em círculo no início de cada exercício. O olhar o(s) outro(s) diretamente nos olhos, incluindo eu próprio, funciona como o encontro de todos num só espaço - a chegada do indivíduo que se integra no colectivo.

Primeira indicação: cada par ocupa um espaço à escolha. Escolhido o espaço, o par, olha nos olhos um do outro.

Com esta orientação pretendi que cada pessoa se concentrasse no colega. Afinal, seria a sua companhia para o resto da sessão.

De seguida, foi indicado, em cada par, quem seria o número 1, este elemento seria assim o guia, o responsável por iniciar a ação e o primeiro contacto com o espaço e com o colega.

Durante este período notei que alguns elementos tiveram dificuldade em se concentrar. Mais uma vez foi necessário o apelo à concentração através da recordação de sessões anteriores onde o mesmo exercício já fora realizado.

No decorrer deste momento fui percorrendo os pares, um a um, mantendo uma postura neutra, até me manter afastado de todos os pares, ou seja, nas laterais do espaço. Quis dar espaço para que cada par não se sentisse observado ou distraído com a minha presença.

No passo seguinte propus que o elemento número 1 conduzisse o colega a realizar uma ação. Propus que o guia levasse o seu colega a realizar ações variadas sem que, para isso, recorresse à comunicação verbal, somente o contacto.

Este exercício foi sendo repetido havendo porém a troca de papéis.

A minha observação do desenrolar do exercício levou a que tivesse de interferir na ação do grupo. O jogo foi interrompido para haver uma reorientação das propostas que os discentes estavam a desenvolver, já que, os elementos que estavam a ser conduzidos estavam a imitar as ações do colega, ou então, a seguir instruções verbais dadas. Como forma de reduzir ao máximo tempo possível o tempo de intervenção, exemplifiquei com um dos pares e dei exemplos de ações simples que poderiam ser experimentadas.

- '*O vosso colega não sabe usar o corpo!*'

Com este exercício procurei a exploração do contato com o outro. Usando como meio um simples exercício de exploração do espaço procurei, da parte de cada um, a entrada no

espaço pessoal do colega; o toque como motor principal da ação.

Procurei o reviver de novas experiências com o corpo, mas a partir do *outro*. Este *outro* é aquele que conduz àquilo que os sentidos vão experimentar.

- '*O vosso colega perdeu a visão'*.



Toda a proposta foi repetida explorando esta nova variante.

- '*Quem está a guiar perdeu a fala'*.

Com introdução destas últimas indicações entrei no objectivo principal estabelecido para esta sessão: experimentar novas sensações a partir de uma mesma realidade.

O exercício decorreu até ter observado que os pares começaram a esgotar as possibilidades de sensações que podiam apresentar aos colegas. Outro sintoma poderá ter sido o crescente distúrbio de alguns pares que começaram a dialogar entre si.

Voltei a reunir o grupo em círculo. Decidi fazer um balanço do que fui observando. Comecei por referir que é da responsabilidade de quem está a conduzir fazer com que o colega sinta segurança e confiança no seu par; o evitar abrir os olhos sempre que surge algo que não se percebe o que é e expor o colega a situações desconfortáveis.

Considerei importante ter havido este momento, serviu para recentrar os discentes na atividade, nos seus pormenores, poder haver a possibilidade de se poder relaxar um pouco, dar tempo para que os discentes possam falar à vontade sobre o que fizerem, trocarem ideias e sensações, poderem mandar as 'bocas', respirar um pouco.



A viagem foi continuou, desta vez com vendas. Agora sim, o jogo começara.

Sem os discentes saberem disso, fui direcionando os pares para o exterior da sala de drama. Lá fora ainda havia mais espaço...



O exercício continuou, deste modo, no exterior. Cada par teve liberdade para caminhar por onde entendesse.

Fui tentando acompanhar todos os pares, observar os espaços que cada um estava a explorar. Missão um pouco difícil, já que os pares iniciais tiveram mais tempo de exploração do que os últimos pares a saírem da sala.

O hiato de tempo entre o primeiro a sair e o primeiro a chegar acabou por ser mais

reduzido do que eu tinha previsto (5 minutos). Houve mais tempo de espera do primeiro par até à chegada do último. Esta situação será sempre complexa de resolver, o que se pode propor aos primeiros pares para evitar o tempo de espera?

Quando todos os pares regressaram à sala, percebi que não tinham percorrido muito espaço para além dos limites do corredor de acesso à sala.

Aproveitei este momento para dar novas indicações sobre as reações que as pessoas têm quando hesitam em avançar. Coloquei a tónica no trabalho que deve ser desenvolvido para que o outro confie em nós.

Quis prolongar a viagem, aumentar o desafio.

Os pares trocaram de papel. Novo destino: o ponto mais distante da sala de drama. Mais precisamente o jardim da Instituição, que aqui funcionou como antípoda da sala. Desta vez, só o regresso foi realizado com as vendas colocadas.

Tentei novamente acompanhar todos pares, tarefa quase impossível de completar pois os pares dispersaram por uma área bastante alargada. Tive igualmente que ajudar um trio, já que havia sempre um elemento que tinha que aguardar pelo colega.

Do que observei verifiquei que os discentes tentaram percorrer mais espaços do simplesmente dirigirem-se diretamente para a sala. Também verifiquei que, para além de percorrerem espaços, exploraram diferentes superfícies e texturas, provaram alimentos e cheiraram elementos naturais.



Só a descrição da vivência dirá tudo o que cada um sentiu.

Foi um exercício que enveredou pelo aprofundamento do sentido do tato. Percorrer um espaço conhecido, não com a falta de um sentido, mas com um novo sentido. Percepcionar novas emoções; redescobrir o mesmo espaço; descobrir novas reações do corpo; dar-se às mãos do outro; entregar-se de 'olhos fechados' foram alguns dos objetivos que procurei com esta atividade.

De regresso à sala, pedi que cada um registasse no diário de bordo toda a experiência vivida na sessão.

Propus, como temas de reflexão, quais foram as imagens e sensações que experienciaram em todo o processo, quem identificaram pelo caminho, quais as sensações físicas que sentiram, como se sentiram a orientar o outro, o que poderiam ter experimentado e que não aconteceu, como poderiam caracterizar as reações do colega que estava a ser conduzido.

Pela primeira vez, os discentes pediram para me calar. Considerei isto positivo, senti que queriam escrever, e eu estava no caminho.

Gostei da reação dos discentes a esta proposta. Apercebi-me que cada vez mais se concentram nos exercícios e entram no jogo com maior rapidez. Penso que os surpreendi na forma como os acontecimentos se foram desenrolando, a cadência com que o exercício se foi desenvolvendo mantendo sempre a proposta inicial.

Existem, por outro lado, discentes que encaram os exercícios numa atitude mais brincalhona, mais jocosa. Encaro isto com uma naturalidade paciente, porém, entendo que também deve haver momentos de entrega ao jogo com atitude proactiva, mesmo sendo a 'brincar'. A distância entre o conceito de lúdico e o de brincadeira é de certa forma ténue. O que os distingue é o que cada um procura, a brincadeira é lúdica, o lúdico é uma forma de se estar no jogo dramático.

No momento final, a retroação, os discentes indicaram como palavras-chave:
Confiança
Escuridão
Texturas
Receio
Curiosidade: *Senti-mos curiosidade em saber o que é. Porque aquilo que nós vemos é diferente daquilo que sentimos.*
Medo: *Senti medo quando vínhamos a correr.*
Não senti medo, mas devia ter sentido.
Descoberta *Eu nunca tinha reparado que aquele muro era assim tão alto, e a M. pegou em mim e na V., tipo e esticar-nos e eu disse: a gente acha que está na rua. Pensávamos que estávamos na rua porque nunca tínhamos reparado naquele muro tão alto.*
Amizade: *Mandei dois abraços, quando conhecia as pessoas. As pessoas com quem me dou melhor, que estou todos os dias, reconhecias logo.*
'Apalpanços': *Apalparam-me o rabo!*
Familiaridade: *Quando nós já conhecemos.*
Insegurança: *Olhe, escadas e eu... não funciona.*

Questionei sobre os comentários que ouviram:

-Passou um grupo por nós e estava sempre a dizer: olha o buraco, olha o poste. E eu

disse: ainda tenho um pé ativo.

-Uma espanhola que me perguntou qual era a disciplina.

- Uma certa pessoa disse: olhas as moscas!

- A mim disseram para ter cuidado com a porta.

O reflexão das afirmações dos discentes revelou que um dos objectivos para a sessão – explorar novas sensações – foi conseguido. Os relatos das experiências transpareceram a existência de contacto com outras sensações fora do quotidiano.

Senti que neste momento retroativo muitos episódios ficaram por descrever. Algumas experiências e sensações ficaram por falar. Espero que o registo no diário de bordo traga ainda mais o sentir profundo de cada um.

Como proposta final, e como forma de corolário do tema, pedi a cada discente a conceção de uma imagem que ilustre toda a experiência vivida nesta sessão.

A apresentação desta imagem será a primeira atividade da próxima sessão.

b) Depois da ação

O momento de acolhimento dos discentes serve para me inteirar dos estados de espírito dos discentes. Neste espaço de tempo fico a perceber as disposições dos alunos. Aqui percebo se estão cansados, chateados, eufóricos, ansiosos, impacientes ou descontraídos.

A pedagogia da situação propõe que estes estados de humor sejam também um ponto de partida para a ação dramática; é uma variável da situação pedagógica que a Expressão Dramática assume como condicionante da atitude e entrega ao jogo por parte da pessoa.

Tenho por norma auscultar, ou estar atento, a esta variável. Porém, para esta sessão quis um pouco quebrar com isso. Não me refiro a ser indiferente àquilo que os discentes dizem ou sentem, mas não deixar que as vontades próprias e individuais condicionem o que está previsto para a sessão. Penso que ao deixar que a dimensão pessoal (mundo privado e exterior) de um discente interfira em demasia no espírito do grupo estou a desviar-me de uma das prioridades que estabeleci para a Expressão Dramática: o colectivo.

Assim, creio numa postura de abertura, compreensão e respeito pelos sentimentos e emoções do discente mas onde esta variável seja um motivo de força e de motivação para o jogo. No final, será da minha responsabilidade perguntar: *'Como te sentes agora?'* .

A emoção não é inibitória da ação.

A colocação no espaço por parte de quem orienta deve estar presente, ou pensada, no decorrer das múltiplas atividades. A alternância presente/ ausente e distante/ próximo deve ser uma estratégia pedagógica a ter em consideração.
Certo que a colocação no espaço, por quem orienta, qualquer formação é um aspecto essencial, mas em atividades de Expressão Dramática esse fator ganha maior realce. A posição que ocupo tem sempre um objetivo. Mais próximo para dar indicações a um elemento, par ou grupo, mais afastado para dar indicações ao grupo. Mais presente para interferir na ação e mais ausente para não interferir com o trabalho do discente.
Assim, a colocação e a deslocação no espaço devem ser constantemente alternadas de modo a ajustarem-se aos propósitos do exercício.

A par da colocação do espaço, a interferência no jogo também é um elemento fundamental na ação pedagógica. Tomando como referência a presente sessão, o jogo foi interrompido para reorientar o exercício. Aqui surgem duas situações de interferência. Uma mais particular, onde se aborda um elemento ou par, e uma geral, onde todo o grupo interrompe o exercício. Esta última situação pode ser aquela que mais rápida e eficazmente apura a direção de um exercício.

A atividade global foi sendo desenvolvida usando uma estratégia que partiu do mais simples para o mais complexo. Foram sendo acrescentadas novas variantes ao mesmo exercício que fizeram com que a exploração do espaço ultrapassasse o que os discentes estavam à espera. É sempre bom surpreender o jogador na sua ação. Por vezes, a criação dessa sensação pode ser mais enriquecedora do que querer abordar um maior número de conteúdos. A questão é: *Onde surpreender?*

Ao rever a vídeo gravação verifiquei que eu próprio tenho pouco contato com os discentes. Existem alguns pequenos toques, mas contato onde haja uma maior aproximação dentro do jogo não acontecem. Será que não quero que os discentes se sintam demasiado invadidos? Será que tenho algum receio das suas reações?
Da minha parte, aprendi a aceitar o outro no meu espaço. O trabalho desenvolvido no teatro levou a que eu visse este aspeto como natural. Aliás, penso que a primeira barreira a ser quebrada num trabalho de expressão será essa mesma: a abertura do meu espaço ao outro.

Verifiquei que realizei momentos de pausa durante toda a sessão e que por norma não o faço. Retirando o momento inicial e final, houve três momentos que aconteceram no desenrolar da ação. Dois no interior da sala e um terceiro no exterior. Usei este momentos para fazer observações sobre o trajeto que os discentes estavam a realizar e para dar novas indicações.
Estes momentos acabaram por ser frutíferos, a pausa na ação revelou ser uma medida eficaz no reencontro com os discentes. É criado um espaço de reforço sobre o que foi feito, de ponderação e de motivação para o passo seguinte. É um bom momento para dar vida... aos espelhos.

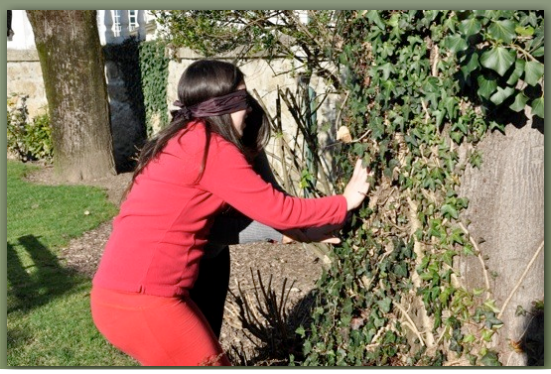
Refletindo sobre a atividade em si, posso acrescentar que as variantes são infinitas. Se um espaço for demasiado amplo, a sua exploração vais ser mais superficial. O querer sentir todos os detalhes e dimensões de um espaço alargado pode levar a que não seja explorado ao máximo. Podemos correr o risco de ser mais um passeio do que deixar que o nosso corpo e o espaço, e tudo o que o compõe, sejam um só. Por seu lado, um espaço reduzido pode ser mais explorado, mas não cria a sensação de viagem. Um espaço exterior dá mais realce ao trabalho desenvolvido por quem assume o papel de guia, leva a um incremento da confiança no outro.

Às cegas... vamos sentir o que nos rodeia







PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 14	**Tema**: A Improvisação	27 Jan.
Sumário: Exercícios práticos de improvisação a partir de situações dadas.		
Conteúdos: O jogo como expressão/ comunicação: o jogo dramático.		
Competências: - Explora simultaneamente a utilização da voz, da palavra, do corpo e do meio tal como da atenção e a escuta do(s) outro(s) para uma expressão/ comunicação espontânea e de interação criativa; - Explora a linguagem dramática.		
Proposta de atividade: Exercícios de improvisação		
Descrição da proposta: Esta proposta é apresentada fazendo uma descrição de alguns exercícios que têm na sua génese estratégias de orientação de improvisações. O ordem estabelecida não tem um propósito pedagógico, ficando em aberto o momento da sessão onde possam ser aplicados ou desenvolvidos. Retirado de Barret, G. (1990): Exercício 1:'*Se eu fosse*' - propor aos discentes todas as categorias de identificação: objecto, natureza, animais, personagem imaginária; - propor escolha de uma categoria; - dentro da categoria, escolher com mais precisão: pormenores e características da escolha; - propor a justificação das escolhas. Exercício 2: '*Tê-lo-ia dito*' Jogo de identificação relâmpago; - com o grupo sentado em círculo, o orientador propõe uma situação; - o orientador descreve vários elementos dessa situação; - os discentes devem verbalizar o que poderia dizer a coisa em questão.		

Exercício 3: '*Tê-lo-ia feito'*

- Cada discente ocupa um lugar no espaço;
- Elege o elemento com o qual quer identificar-se;
- O orientador propõe 'intervenções' (por exemplo: 'O que é isto?');
- Cada um reage mediante a identificação escolhida.

Retirado de Martins, A. (1998):

Exercício 4: A técnica "*Se*" de Stanislavski.

- Proposta de interação entre os fatores:
  - espaço: uma ação passa-se sempre num espaço real ou fictício;
  - tempo: sequência e pulsação da ação;
  - objetos: com os quais se relaciona a ação;
  - personagens: com as suas dimensões físicas, psicológica, social, ética e moral.

A alteração de um dos factores repercute-se nos restantes, levando à criação de novas situações.

Retirado de Abbott, J. (2007):

Exercício 5: Cenários simples com cartões de personalidades

- Criação de cartões onde são descritos: cenários e tipos de personalidades;
- Criação de pares;
- Cada par improvisa para o grupo;
- Escolha de um cartão de cenário;
- Seleção de papéis que possam existir nesse cenário;
- Escolha das personalidades para cada um dos papéis;
- Ação.

Materiais/ Suportes/ Bibliografia:

- Objetos disponíveis na sala
- Barret, G. (1990). *Fichas Pedagógicas de Expresión Dramática*. Monteral: Recherche en Expression.

- Abbot, J. (2007). *The Improvisation Book. How to Conduct Sucessful Improvisation Sessions.* London: Nick Hern Books.

- Martins, A. (1998). *Actividades dramáticas nos jardins de infância luso-chineses de Macau.* Edição Fundação Macau & Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Macau: Colecção Estudos Orientais.

Memória descritiva
Como transportar situações do dia a dia para ação dramática? Que tipo de identificação cada discente encontra para integrar a ação dramática? Para esta sessão vou propor aos discentes um tipo de trabalho que procurará a reação espontânea dentro do jogo dramático. A questão cerne de toda da vivência dentro do jogo dramático será: *O que é que cada que um sentiu no jogo?* Para a condução da sessão, pesquisei alguns exercícios que poderei usar como motores da ação. Não estabeleci uma ordem específica para eles, nem estes têm uma ligação entre eles onde se possa afirmar que um é mais simples e o outro mais complexo. Todos eles podem ser o começo e o desenrolar da sessão, ou seja, não pretendo usá-los todos mas usar aqueles que, no momento da ação, considere os mais adequados. **a) Após a ação** 1º. Momento Anteriormente à entrada na sala dos discentes dispus os colchões no centro do espaço como de mostrar forma a induzir à primeira atividade. A organização do espaço, a luz, os materiais ou os objetos introduzidos no início da sessão, predispõem o sujeito para a atividade que se pretende. Estas variáveis fazem o primeiro convite; a sua manipulação, e como são apresentados aos praticantes da ação,

fazem parte do momento de acolhimento ao grupo. A todos os pormenores deve ser dada atenção ou cuidado, já que podem funcionar como introdução ao tema da sessão.
À medida que os sujeitos foram entrando na sala fui tendo uma conversa informal. É neste espaço de tempo que fico a par dos 'estados de humor', das preocupações e experiências que os discentes tiveram durante a semana. Noto que tomo atenção à forma como entram na sala, o seu olhar e o local onde se sentam na sala. Presto também atenção aos comentários que fazem entre eles, procuro descobrir afinidades, ou não, que se vão estabelecendo dentro do grupo.
Esta atenção sobre o relacionamento interno do grupo ajuda a compreender as variações que ocorrem de sessão para sessão. Por consequência, entender as dinâmicas do próprio sujeito quando integra o grupo, faz com que o convite que lhe seja lançado tenha em si o pressuposto da melhoria e de maior entrega, quer ao grupo, quer ao jogo.

A primeira atividade passou pela exposição e a descrição por parte de cada sujeito da imagem criada como resultado da sua reflexão da sessão anterior. Cada um teve a oportunidade de partilhar com os colegas as suas criações ou ideias. A cada um foi dado tempo e espaço para expressar o conteúdo de uma construção imagética criada a partir de uma prática dramática.
Voltei a usar a imagem como *médium* para a comunicação e expressão de *Eu*. O uso deste suporte como síntese de uma prática pode, no meu entender, permitir que o discente aprofunde o seu pensamento e reflexão sobre uma prática. Ao mesmo tempo pode possibilitar que os conteúdos trabalhados numa sessão anterior se prolonguem no tempo, para além da sessão. Este foi um dos objectivos, propor que a atividade não termine no espaço de tempo da sessão. Creio que, com isto, poder estabelecer uma ligação entre a prática do sujeito na ação dramática e fora dela. Ou seja, tornar presente o sentido simbólico de cada exercício, atividade ou sessão, e com isto explorar a dimensão de aprendizagem fora da sessão.

Revendo a este momento, e sintetizando algumas das visões dadas, posso realçar as seguintes:
- '*mesmo de olhos tapados devemos confiar no nosso colega. Ou seja, todos nós que fizemos o exercício, entre grupos, a dois, devemos ter um pouco de confiança, e trabalhar a sério ao realizar aquele exercício*';
-'*quando estamos de olhos tapados, todos os nossos sentidos vão despertar muito mais*

que o normal';

-'*estava muito contente porque às vezes não confio aqui no...', 'o meu coração andava aos pulos';*

-*'à medida que o exercício foi evoluindo, ele começou a aperceber-se que podia confiar em mim, já foi mais autónomo';*

-*'Really? Será mesmo que posso confiar no meu colega? Será que vou ser útil em ajudar o meu colega?';*

-*'O que isto? Onde estou? Ou quem é? Era o que passava na nossa cabeça, mesmo confiando na pessoa que estava connosco';*

-*'a minha imagem é toda preta, e no canto superior direito tem assim, tipo, uma luz branca. O preto é a escuridão e a luz é ela a guiar-me* (...) *é a imagem que a minha irmã tem no quarto e eu lembrei-me logo dela, aqui na aula';*

-*'só estava a ser guiada pela confiança e a entreajuda';*

-*'o cego, o surdo e o mudo';*

-'*apesar de estarmos cegos, eu conseguia ver porque tinha confiança em que nos estava a guiar'*.

As transcrições revelam, assim, os múltiplos sentidos que os exercícios podem ter. A experiência na prática leva a que cada um encontre um sentido, ou tente encontrar. Por vezes os sentidos são imediatos, físicos, por vezes são simbólicos. Importa, na minha óptica, propor atividades onde o propósito é esse mesmo: quanto sentidos ou significados pode haver?

.....

2º. Momento

Planeei usar várias propostas de exercícios para a improvisação. No momento de iniciar a ação para a improvisação surgiu a questão: *'Por onde começar?'*

Esta questão surgiu por razões de estruturação e organização da sessão. Como o primeiro momento foi dedicado à apresentação das imagens, não haveria uma ligação metodológica ou didática com esta parte da sessão. A solução encontrada foi introduzir uma atividade onde todo o grupo estivesse envolvido; iniciar a ação com um exercício de reação do colectivo. Não sei se o efeito pretendido foi atingido, mas pretendi com a proposta chamar o grupo para o jogo.

Assim, a primeira proposta passou por usar os próprios colchões onde os discentes

estiveram sentados. Em círculo, de mãos dadas, foi-lhes dado como objetivo elevar o colchão e transportá-lo para outro ponto do espaço.

Foram exploradas várias variantes dentro da mesma proposta:



- conseguir pegar em três lápis;
- colocar os três lápis dentro de um copo;
- voltar a elevar o primeiro colchão;
- sem pousar o colchão, conseguir elevar um segundo;
- tentar colocar os dois colchões em cima de um banco;
- tentar colocar o copo com os três lápis em cima dos colchões;
- todo o grupo tenta passar por baixo do banco sem que o copo, e os colchões, se movam;
- no final, todo o grupo tenta dormir em dois colchões.



Introduzi duas bolas ao jogo e questionei sobre o que poderia ser realizado com os dois objetos.

Quis com isto abrir para a possibilidade dos discentes contribuírem com sugestões e propostas para fazer avançar o jogo.

A proposta acabou por se revelar um pouco confusa, já que, apesar de haver algumas sugestões, acabou por ser um pouco inconsequente, havendo mais prazer em chutar as bolas do que continuar com o desafio lançado primeiramente.

Para mim é sempre periclitante pedir sugestões aos discentes sobre uma atividade. Cria-me sempre uma dualidade pedagógica. Por um lado, a sugestão dada pode sugerir um rumo que está fora das finalidades ou das intenções do exercício. Por outro, ao pedir sugestões, pode levantar a ideia que o professor está sem soluções, quando na verdade uma das razões que encontro é a possibilidade de o sujeito revelar a sua atenção, compreensão e reação pró ativa ao jogo. Mais ainda, serve igualmente para alargar pontos de vista sobre um exercício, dar autonomia, possibilitar a discussão de possibilidades, ser também parte decisora no processo dinâmica da prática dramática e não somente jogador passivo.

No entanto, nos vários momentos desta atividade fui aceitando sugestões dadas, outras não. Cabe ao orientador decidir, no momento, se a sugestão contribui para o avançar da situação. Fica por saber se a justificação dada motiva o discente a voltar a propor, ou, se

o inibe.

Decidi parar com a atividade e avançar para o tema principal da sessão: a improvisação.

Como resultado da atividade anterior, vários objetos ficaram dispostos no centro da sala. Ao observar esta casualidade decide que esses objetos seriam o material a ser usado para a improvisação.

Neste momento de transição, e para acalmar um pouco a euforia, mantive o silêncio enquanto organizava os objetos de forma a estarem visíveis a todos.

Agora, pós ação, poderia ter aberto um espaço de discussão sobre este exercício e não deixar para o momento de retroação. Penso que nestes momentos de transição pode haver um momento de reflexão sobre a ação vivida até ao momento. Um pequeno balanço onde cada um possa dar o seu ponto de vista. Isto porque, os pequenos momentos de reflexão podem tornar o momento final mais aprofundado e completo.

- '*Dois voluntários. Três, ok'.*

Para dar início aos exercícios de improvisação optei por trazer para a ação uma sugestão dada anteriormente nas apresentações das imagens. Nesta imagem figuravam três pessoas, uma não via, outra não falava e uma terceira que não ouvia.

Foi esta a primeira indicação. Três pessoas num espaço, cada uma com a uma particularidade. A ação iniciou-se sem que para isso eu tivesse dado outra indicação, excepto que tinham que estar de mãos dadas.

A partir deste momento os discentes foram deixados um pouco sem indicação. Quis que os discentes iniciassem por sua iniciativa a ação. Somente quando a ação não avançava é que dava indicações, não sugestões para o que podia ser feito, mas sugestões que poderiam acrescentar novos elementos à situação, e, mais importante ainda, a interação e a comunicação entre os elementos participantes.

- '*Dois voluntários'.*



Novos elementos, uma nova situação. Propus que um dos elementos seria um animal, o outro uma pessoa. Deixei o par escolher qual a categoria de identificação que queriam escolher. A identificação com o animal teria que ser ter uma categoria (neste caso um cão); no caso da pessoa deixei a discente iniciar a ação e somente depois sugeri uma categoria para essa pessoa

(neste caso, com 90 anos de idade).

Continuei a dar indicações sobre a situação, desta vez ao ouvido de um elemento. Da mesma forma que anteriormente, dei tempo para que o par desenvolvesse a situação.

Sugeri a entrada a novos elementos com a mesma identificação. A ação foi-se desenvolvendo e, nos momentos em que observei a situação a estagnar, novas indicações eram dadas. Assim, os cães passaram a leões e as velhas a domadoras.

Um campo de batalha, três soldados na trincheira, no pico da ação. Chegaram mais três colegas.



A estrutura do par foi assim alterada para um micro grupo. Quis desenvolver a ação experimentando novas estruturas de interação.

Obedecendo ao mesmo tipo de orientação até este momento, fui dando indicações em que o espaço se alterava e a situação se modificasse.

Do campo da batalha para um assalto a um banco e daí para uma expedição ao Polo Norte.

A ação foi-se desenvolvendo até um elemento se encontrar sozinho. A situação foi de novo alterada: existe um objecto que é o bem mais precioso. Qual a relação que pode ser estabelecida com esse objecto. Um novo elemento chegou, era surdo, e viu o objecto.

Novas categorias de identificação foram dadas, ou seja, a ação da situação não foi interrompida, havendo sempre a introdução de novas categorias de identificação.

A ação foi interrompida por mim sempre que considerava que os elementos não estavam a acrescentar novos elementos à situação.

Este exercício terminou com a criação de uma nova situação para dois elementos que ainda não tinham participado no exercício. Considero importante, como é óbvio, que todos os sujeitos tenham a possibilidade de participar em todos os exercícios que são realizados. Fazer entender que não existem espectadores nas sessões de Expressão Dramática, apenas os papéis são alternados entre jogador, observador e criador.



Após a ação verifiquei que houve a exploração de várias variáveis que condicionem, estimulam e alimentam a ação. Uma delas foi a estrutura de grupo. Durante todo o

exercício de improvisação foram criadas situações onde houve a possibilidade de trabalho que abordou o individual até ao micro grupo.

Outra condicionante foi o fato de ação ter sempre continuidade. Havendo apenas algumas pausas, orientei o exercício de forma a haver uma continuidade da ação. Apesar desta continuidade implicar a alteração das situações, procurei sempre dar indicações de modo a que houvesse a entrada numa nova situação sem que para isso houvesse a necessidade de quebra, de paragem. Procurei, com isto, provocar ao máximo reações espontâneas nos participantes da ação. Tentei alimentar a ação para que a interação e o encontro de novas formas de expressão fossem experimentadas.

Após a ação, vejo que esta estrutura de orientação de uma improvisação pode trazer frutos para quem participa. A constante estimulação pela introdução de situações imprevistas pode fazer com que o sujeito se veja mergulhado em ações até então nunca experimentadas. Obriga a um raciocínio rápido que, assim o creio, eleva o sujeito a um estado de entrega à situação onde as suas inibições sejam ultrapassadas pelo seu pulsar e reação epidérmica ao que está a vivenciar. Só assim, poderei fazer sentir nos discentes aquele sentimento onde o *todo* está a ser chamado para o aqui e o agora.

Agora, penso que a alternância entre os elementos e as situações poderia ser mais reforçada, ser mais cíclica, ser mais rotativa. Um elemento poder entrar na ação mais do que uma vez; a situação congela e existe a troca de elementos e é dada continuidade à mesma situação. Várias possibilidades poderiam ter sido exploradas.

Analisando este aspecto, verifico que entra em jogo um fator que neste caso foi determinante: o tempo. Ou seja, não só a duração do próprio jogo dramático, sobre o qual não podemos antecipar a sua extensão, como o tempo que, neste caso, restava para o final da sessão. Aqui, a minha atenção foi direcionada para o facto de todos os elementos serem incluídos na ação. Daí que, para o final, da sessão estar mais concentrado neste aspecto e não tanto em encontrar mais variantes para a improvisação.

No momento de retroação comecei por reforçar pormenores que, no meu entender, revelaram novos aspetos no que concerne a interação entre alguns discentes. Aspetos como a concentração, a entrega à situação, o fazer avançar a ação, a perceção do outro e a abordagem ao outro.

Outro aspeto que partilhei foi o fato de haver a necessidade de dar tempo, a quem inicia a ação, de iniciar e só a partir daí propor novas indicações. A primeira ação é, assim, sempre proposta pelo sujeito.

Por seu lado, os discentes falarem em: *comédia*, *riso*, *nem tudo tem que ter um porquê*, *foi das aulas mais engraçadas*, *entreajuda*, *trabalho*, *cooperação*, *diversidade*, *imaginação*, *à vontade*, a *'representação criativa'*, a *'interligação da cena, interligação entre os três ou os quatro para tentar construir algo'* e *'tínhamos que arranjar outras formas de comunicar entre nós'*.

No decorrer da retroação tive como reflexo o prazer com que os discente apreciam este tipo de atividades.

No final e como indicação para o diário de bordo coloquei a questão: *'Como é que se sentiram no jogo?'*

Estabelecendo a ponte entre a memória descritiva pós a ação e a planificação inicial para esta sessão, verifico que as propostas de atividades descritas na planificação não foram seguidas linearmente. Observo, sim, uma adaptação dos exercícios descritos à situação pedagógica. Acabei por aplicar as sugestões dadas por cada exercício em momentos distintos da situação pedagógica. Não houve a exploração de uma proposta de exercício mas o cruzamento de partes de cada um deles.

b) Depois da ação

Verifiquei, mais uma vez, que o que está estabelecido como plano de ação normalmente não é cumprido. O caminho é traçado tem por base uma proposta de atividade, no entanto, o decorrer da ação leva a que esse caminho seja realizado de outra forma. Cada vez mais vejo que o traçar do percurso não poderá ser muito rígido. Deve haver sim, a clara demarcação de um objectivo, uma finalidade, o desenvolvimento de uma competência, onde o planear do caminho não deixa de ser o primeiro passo.

Considero, porém, essencial ter à disposição um manancial de propostas que se enquadram nas finalidades de cada sessão; ter sempre uma reserva de atividades que possam sempre ser concretizadas.

Em improvisação a atenção é fulcral, ao que cada elemento está a realizar, ao que já realizou, ao que os outros já realizaram, a quem ainda não participou e quem pode acrescentar ao que está a acontecer. A acompanhar esta atenção, a perceção dos significados do que está diante de nós e projetar aquilo que poderá ainda acontecer.

Não basta ter os trunfos é preciso conhecer o grupo e os indivíduos. Não há objectivos, não há produtos, há a procura do *click* no sujeito.

O importante na improvisação não será a criação de uma cena mas o jogo interativo que é criado entre os elementos e o que cada um aprende, e apreende, de si em cada momento enquanto sujeito.

As dinâmicas de grupo antes da improvisação









Momentos de improvisação









PLANIFICAÇÃO		
Sessão nº 15	**Tema**: A Dramatização.	3 Fev.
Sumário: Exercícios práticos de dramatização a partir de situações dadas e situações criadas.		
Conteúdos: O jogo como expressão/ comunicação: o jogo dramático.		
Competências: - Explora simultaneamente a utilização da voz, da palavra, do corpo e do meio tal como da atenção e a escuta do(s) outro(s) para uma expressão/ comunicação espontânea e de interação criativa; - Explora a linguagem dramática.		
Proposta de atividade: Exercícios de improvisação dramática. Criação de uma narrativa colectiva.		
Descrição da proposta: Os exercícios que servirão de base à dramatização serão os mesmos que os da sessão anterior. Como não foram totalmente explorados voltam a servir de apoio. Retirado de Barret (1990): Exercício 1:'*Se eu fosse*' - propor aos discentes todas as categorias de identificação: objecto, natureza, animais, personagem imaginária; - propor escolha de uma categoria; - dentro da categoria, escolher com mais precisão: pormenores e características da escolha; - propor a justificação das escolhas. Exercício 2: '*Tê-lo-ia dito*' Jogo de identificação relâmpago; - com o grupo sentado em círculo, o orientador propõe uma situação; - o orientador descreve vários elementos dessa situação; - os discentes devem, à vez, verbalizar o que poderia dizer a coisa em questão. Exercício 3: '*Tê-lo-ia feito'* - Cada discente ocupa um lugar no espaço;		

- Elege o elemento com o qual quer identificar-se;
- O orientador propõe 'intervenções' (por exemplo: 'O que é isto?');
- Cada um reage mediante a identificação escolhida.

Retirado de Martins (1998):

Exercício 4: A técnica "*Se*" de Stanislavski.

- Proposta de interação entre os fatores:
  - espaço: uma ação passa-se sempre num espaço real ou fictício;
  - tempo: sequência e pulsação da ação;
  - objetos: com os quais se relaciona a ação;
  - personagens: com as suas dimensões físicas, psicológica, social, ética e moral.

A alteração de um dos factores repercute-se nos restantes, levando à criação de novas situações.

Retirado de Abbott (2007):

Exercício 5: Cenários simples com cartões de personalidades

- Criação de cartões onde são descritos: cenários e tipos de personalidades;
- Criação de pares;
- Cada par improvisa para o grupo;
- Escolha de um cartão de cenário;
- Seleção de papéis que possam existir nesse cenário;
- Escolha das personalidades para cada um dos papéis;
- Ação.

Materiais/ Suportes/ Bibliografia:

- Objetos disponíveis na sala;

- Barret, G. (1990). *Fichas Pedagógicas de Expresión Dramática*. Monteral: Recherche en Expression.

- Abbot, J. (2007). *The Improvisation Book. How to Conduct Sucessful Improvisation Sessions.* London: Nick Hern Books.

- Martins, A. (1998). *Actividades dramáticas nos jardins de infância luso-chineses de Macau.* Edição Fundação Macau & Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Macau: Colecção Estudos Orientais.

Memória descritiva
Para esta sessão pretendo construir uma dramatização colectiva. Ou seja, o sujeito terá que propor ações e situações que façam avançar a ação. Pretendo com esta atividade 'passar a bola' aos discentes. O processo será construído por estes. Qual é o resultado? Ainda não sei. Sei apenas por onde vou começar: por um quadrado no chão. Voltei a optar pelos mesmos exercícios da sessão anterior. Como as propostas para a improvisação não foram totalmente exploradas na sessão anterior, volto a tê-las como reportório que podem ser aplicadas nesta sessão. **a) Após a ação** Os discentes chegaram um pouco atrasados à sessão. As aulas da parte da manhã demoraram mais que o previsto, e tendo em conta que ainda precisaram de almoçar, ainda ponderei se iriam comparecer à sessão. Este imprevisto acabou por me deixar a pensar no que fazer com os discentes que estavam na sala e com aqueles que entretanto foram chegando. Ou seja, o que propor a um número reduzidos de elementos de forma a que não estejam parados e que ao mesmo tempo possa ser integrador dos que vão chegando. Qual a atividade que pode iniciar a ação onde, facilmente, os elementos novos possam entrar na ação sem que seja necessário parar a ação? A opção passou por realizar exercícios de aquecimento corporal. Exercícios que passaram tão somente pelo desbloqueio físico. O chamado aquecimento muscular, o mexer pelo mexer, o ativar o corpo para o movimento. O único cuidado a ter foi: não forçar em demasia o esforço muscular já que a sessão aconteceu após o almoço. De realçar, neste momento de acolhimento, a minha atitude e a atitude dos discentes. A observação da videogravação mostra duas atitudes que posso considerar antagónicas. Por um lado uma atitude circunspecta da minha parte, por outro uma atitude completamente solta por parte do grupo. Este aspecto remete-me para o que os discentes afirmaram após o meu questionamento sobre este momento inicial da sessão. De facto, verifico a presença de um à vontade completo por parte dos discentes, uma atitude que posso considerar como informal. A reflexão sobre este aspecto leva-me a questionar sobre a importância deste instante que

é o acolhimento dos discentes.

Até que ponto não será este momento já uma componente da sessão? Onde a ação pedagógica já se iniciou. Por outro lado, não será este deixar em demasia à vontade o sujeito demasiado desestabilizador?

Este questionamento faz-se entrar num processo dualístico. Isto é, este momento serve-me para entrar em contacto com os estados de espírito dos discentes, sem a pressão da componente letiva. Tenho este momento como forma de perguntar '*Como estás?*', de me inteirar das preocupações, humores, chatices e alegrias. É um momento que faz com que nasça uma marca distintiva entre o '*agora somos amigos*' e o '*agora somos professor e aluno*'.

A sessão foi iniciada com o grupo no centro da sala, em círculo. A proposta dada foi muito simples: um elemento no centro tem que tentar ver alguém mexer, se o conseguir passa esse colega para o centro do círculo. Várias variantes foram exploradas, desde dois, três e quatro elementos no centro.

Durante o exercício considerei necessária a minha intervenção ao centro. Isto para exemplificar, pela minha ação, a rapidez de reação necessária que o exercício exigia.

Este primeiro exercício funcionou, deste modo, como indução à ação, um exercício que estimulou a reação e a concentração.

O segundo momento seguiu a mesmo objectivo do anterior. Foi pedido ao grupo que circulasse pelo espaço e à chamada do nome de um elemento este começava a desfalecer. O objetivo do grupo foi: não deixar cair esse elemento.

O meu papel neste exercício foi o de quem chamava pelos elementos e, em simultâneo, monitorizar o percurso de todos os participantes.

A participação neste género de exercícios permite imprimir o ritmo a que o jogo pode acontecer. Ao deixar o grupo sozinho, à espera que encontre o seu ritmo, pode fazer com que nunca se atinja o propósito com que o jogo foi proposto. Aqui, quis usar este tipo de atividade para estimular ao máximo possível a reação do sujeito. Mantê-lo sempre em alerta para o seu colega e para a ação.

Procurei assim, induzir para a ação dramática através de exercícios de estimulação corporal; o corpo reage de forma instintiva à situação e ao meio. De mesma forma, induzir o sujeito à conquista de confiança por parte do outro dentro das práticas em Expressão Dramática.

À medida que o jogo foi avançando fui ficando progressivamente fora da ação, assumindo

apenas a função de chamar pelos nomes dos elementos que tinham que cair.

O exercício permitiu a entrada dos elementos atrasados. Os discentes retardatários observaram o exercício e facilmente perceberam o objectivo do jogo o que levou à sua integração no jogo sem haver necessidade de parar a ação.

A proposta acabou por cumprir com o objetivo estabelecido, e, estando todo o grupo completo, dei início a uma nova atividade.

Os exercícios seguintes passaram pelo trabalho de resistência e equilíbrio em parceria com o outro. Sentir e perceber a resistência do corpo com o do colega e encontrar equilíbrios e desequilíbrios sem perder o controlo.

Controlar a energia corporal; encontrar sintonias com o corpo do outro; perceber os limites e as capacidades do meu corpo e perceber como o corpo do outro reage aos mesmos estímulos, foram alguns dos objectivos que pretendi com estas atividades. Para isso, exercícios como: num só pé tentar desequilibrar o outro, a *luta de sumo*, imitar tudo o que o outro faz estiveram na base deste trabalho.



Umas das propostas apresentadas passou pela imitação de tudo o que colega fez. Aqui cada uma teria que imitar todos os movimentos, gestões e ações que o colega realizasse. Usei o trabalho de pares realizado até aqui para transitar do aquecimento para a expressão sem haver nenhuma quebra na ação. Os discentes passaram de uma finalidade para outra sem haver a necessidade de quebrar com a dinâmica já estabelecida. Passaram de uma postura, onde a desenvoltura física foi o elementos mais forte, para outra onde a expressão corporal tomou lugar.

De frisar que, durante as várias proposta, houve o cuidado de fazer com que o trabalho a pares fosse desenvolvido havendo a constante troca de elementos. Procurei com isto expor cada um ao maior número possível de possibilidades de reação do seu corpo a vários colegas. Creio que, com esta estratégia, direciono a atenção de cada um para o trabalho que pode realizar com o seu corpo ao invés do trabalho que pode realizar com um ou outro colega. O foco pretendido foi o que um corpo pode fazer com todos e não o que o meu corpo faz com A ou B.



Este exercício de exploração corporal continuou com a colocação de um elemento num extremo da sala e o outro no outro extremo. Nesta variante foram propostos temas de improvisação, por exemplo, '*É um duelo*'. A partir desta sugestão cada par teve que

desenvolver toda a atitude corporal inerente ao tema. A única condição para o desenvolvimento do exercício foi a impossibilidade do toque. Desta forma, cada um pode desenvolver as suas propostas havendo uma focalização no que poderia fazer como reação ao que o colega propunha.

Foram propostos vários temas de improvisação entre o par: demonstrar um grande amor, como seduzir o outro, um amigo que é encontrado após muitos anos, o encontro com o nosso ídolo, o responsável pelo assalto à minha casa, uma notícia terrível que tem que ser dada e a venda de um objeto.



Neste momento as propostas dadas implicavam, na interação com o outro, o contacto e o uso da voz.

A improvisação foi progredindo havendo o acrescento de novos elementos à improvisação. Começando apenas pela expressão corporal, o exercício foi-se desenvolvendo culminando no uso de todas as possibilidades expressivas disponíveis: corpo, voz, objetos e o espaço disponível.

O exercício terminou com a proposta para a improvisação onde houve a criação de interesses diferentes dentro do par. Ou seja, um elemento teve como objectivo vender um produto ao colega, enquanto este tinha como objetivo seduzir. Os temas foram assim distribuídos de forma a provocar reações em campos diferentes. A situação criava assim um conflito de interesses dentro do par.



Quanto à minha colocação no espaço, mantive sempre uma posição central que permitia ao mesmo tempo ser visto por todo o grupo e não interferir no espaço da ação.

A última proposta foi interrompida por mim. Sem que houvesse tempo para esgotar as possibilidades para a improvisação, resolvi interromper a ação. Pedi que todos se sentassem e desenhei um quadrado no chão da sala. Sem outra indicação, pedi a um dos pares que continuasse a ação que estava a desenvolver no momento anterior, só que, teriam que ter em conta os limites e o contexto dado pelo espaço que fora desenhado no centro da sala.

Usei, deste modo, uma mesma atividade para desenvolver a ação dramática para uma nova situação. Esta estratégia revelou, no meu entender, ser um bom meio para que a

dinâmica da situação não se perdesse, ou perdesse interesse. Revelou ser igualmente uma boa metodologia para que a estrutura da ação seja fluida e não acontecem cortes que bloqueiem o jogo.



Como toda a sessão foi idealizada em torno da improvisação foi necessário criar estas ligações entre os exercícios. Criar uma ligação quase natural entre os diversos momentos e, em paralelo, partir do mais simples para o mais complexo. Os elementos foram introduzidos passo a passo de forma gradual tornando as condições da situação mais complexa.

O sujeito, com a entrada neste momento da improvisação, estava no momento da sessão que classifiquei como central da sessão: a expressão/ comunicação suportada na improvisação.

Este momento central foi orientado tendo sempre presente o que cada um tinha desenvolvido no exercício anterior. Assim, a cada nova entrada cada um já tinha um contexto definido, faltava, somente adaptar-se ao momento em que a situação estava a decorrer.

O elementos foram entrando na ação sem que esta parasse. O próprio espaço foi ganhando novas identidades. O quadrado ora era uma casa, ora era um restaurante. Para esta mudança de identidade do espaço continuei a desenhar novos elementos no solo que davam a indicação do tipo de espaço que pretendia introduzir.

Esta estratégia de alterar o espaço ou introduzir novos elementos num mesmo espaço fez com a ação fosse continuada. Para além disso, levou a que o sujeito que observava a ação se mantivesse em estado de alerta e de disponibilidade para a ação.



Uma das formas encontradas para possibilitar a entrada na ação de outros elementos foi a paragem da ação que estava a desenrolar. À indicação 'Stop' os elementos fixavam a ação e outros ocupavam os seus lugares.

Outra forma de estimular a ação foi a alteração dos objetos desenhados. Uma mesa passou a uma campa, ou, o restaurante afinal era um autocarro.

Como proposta final de improvisação pedi aos discentes propostas que se poderiam realizar no espaço. A sugestão dada acabou por ser uma discoteca onde todo o grupo participava.

Deixei a ação avançar uns momentos e pedi que todos parassem. Interroguei todos os elementos sobre a ação que estavam a desenvolver. Esta situação foi repetida várias vezes para que todos os participantes pudessem estar a par do que os outros estavam a desenvolver e ao mesmo tempo poder falar sobre o que estavam a fazer.

A improvisação em colectivo revelou ser muito confusa. Apesar de haver situações que são acrescentadas e desenvolvidas existem aspetos que são descurados como: alguns elementos ficam baralhados com toda a informação, outros apenas se limitam a ver, outros ainda trocam de funções dentro da improvisação sem chegar a desenvolver algo de concreto.



No final da improvisação todos puderam partilhar a sua versão da situação vivida em conjunto.

Questionados sobre os reflexos da atividade, os discentes, referiram a falta de objectivos, a desorganização, o não cumprimento dos limites do espaço, o sentimento de desorientação.

Questionei se sentiram que tinham desenvolvido a situação. A resposta foi: *'não'*, ou '*um pouco'*. No entanto, houve referência ao facto de alguns elementos terem desenvolvido a situação particular em que estavam envolvidos. Fiz questão de frisar as várias situações que foram desenvolvidas pelos participantes como meio de mostrar que a situação foi desenvolvida e aconteceram vários episódios.

Na retroação decidi começar por ser eu a realizar a síntese, resumo ou descrição de tudo o que foi realizado. Quis com isto relembrar os passos que foram dados para que os discentes se concentrassem e aprofundassem as suas reflexões sobre as vivências de toda a sessão. Normalmente verifico uma tendência para o sujeito começar por fazer uma descrição dos momentos da sessão, resultando na falta de aprofundamento da componente reflexiva das atividades e na falta de objectividade na referência às diferentes partes da sessão.

Dei igualmente o meu parecer sobre evoluções, tendências e atitudes dos diferentes sujeitos que participam na ação. Considero cada vez mais importante fazer este balanço, não só da sessão, mas também da entrega, participação e atitude dos discentes nos diferentes exercícios. Quis aprofundar o que em Expressão Dramática se denomina de avaliação formativa. Ou seja, levar à tomada de consciência por parte do sujeito da sua evolução, das novas conquistas e conhecimentos e da progressão da sua atitude face às

práticas realizadas.

Assim, os discentes falaram de aspetos como:

- *'o trabalho de concentração e perceção visual, a reação e a improvisação'*;
- *'coletivo e o espírito de grupo'*;
- *'a atenção e a concentração'*;
- *'vergonha'*;
- *'melhora na entrada no jogo, em comparação com o início das aulas e maior à vontade'*;
- *'igual'*;
- *'quanto estou no ponto principal não faço'*;
- *'saiu das cascas hoje'*;
- *'exploração do espaço'*;
- *'senti o que estava a representar'*;

Como nota final, e trazendo a lume a planificação estabelecida, verifico, mais uma vez, o não cumprimento dos exercícios descritos inicialmente.

b) Depois da ação

A reflexão sobre a ação da presente sessão leva-me a considerar vários pontos que considero relevantes.

O primeiro refere-se ao primeiro momento da sessão - a indução. As atividades aqui propostas devem ser idealizadas de forma a estimular o encontro de todos na plataforma dramática. Isto é, começar por orientar a sessão no intuito de colocar todos no mesmo nível, no mesmo ponto de partida. A igualdade de todos e a igualdade entre todos. Do mesmo modo iniciar o trabalho a partir do conceito holístico de *um* faz parte do *todo*. Onde o *coletivo* é a junção dessas partes num *todo*, e onde *um* é em si um *todo*.

Outro aspeto a realçar aponta para a presença e colocação no espaço. Verifiquei que a colocação no espaço condiciona a atitude, atenção e concentração do sujeito. Notei que a minha colocação no espaço no decorrer desta sessão se alterou consoante a atividade que estava a decorrer. Querendo com isto dizer que, a minha colocação, em atividade iniciais, é o espaço interior do grupo e à medida que a ação vai avançando ocupo posições mais exteriores ao grupo mas onde sou sempre visto e ouvido por todos os elementos.

Observei, a par da colocação, como a minha participação direta nas atividades também sofre alterações. Aqui, a mudança é mais forte. Isto é, a minha participação no início é sempre mais envolvente e interventiva, onde faço parte como elemento do jogo, e à medida que a ação vai avançado essa participação direta vai dando lugar à função de orientador. Onde, já não participo no jogo e assumo o papel de observador, sendo a minha intervenção remetida para a (re)orientação da sessão, para a tomada de decisões e para a transmissão de indicações.

Um quarto aspeto remete-me para a forma como a própria sessão foi orientada. Ao analisar a videogravação verifiquei que toda a sessão foi fluida, continuada, não houve paragens ou quebras. Todos os exercícios acabarem por ser encadeados de forma progressiva e complementar, o seguinte acrescentava ao anterior. Senti que, em termos metodológicos, a sessão funcionou como um grande exercício, composto por diversas componentes. Neste caso, a improvisação foi gradativa, ou seja, os elementos foram sendo acrescentados do mais simples para o mais complexo. Verifiquei a existência de uma exploração segmentada (não verbal, verbal, contato, espaço, objetos, tema) que confluiu num todo.
Esta estratégia revela ser a mais eficaz neste tipo de práticas. No meu entender o grau de envolvência de quem faz, e de quem orienta, acaba por ser maior. Parece existir uma maior auto implicação quando é transmitido ao sujeito a ideia de que a ação nunca para e de que pode ir sempre mais longe.

Um quinto aspeto concerne o momento da retroação onde dei alguns pareceres a alguns discentes sobre o seu trabalho no decorrer da sessão. Verifiquei que esta forma de balanço realizada conjuntamente com o sujeito pode levar à tomada de consciência do seu progresso. A retroação pode funcionar como reflexo da atitude de um sujeito em práticas de Expressão Dramática, elevar o seu estado de maturação e a quebra com dúvidas sobre a sua prestação nas atividades. Ao mesmo tempo, permite a realização do seu balanço interior, o olhar sobre a sua conduta, um atualizar semana a semana do seu trabalho e envolvência no jogo.

Por fim, a planificação das atividades que é criada para cada sessão.
Esta sessão voltou a trazer a questão do planeamento que não é seguido. Esta situação acaba por não ser novidade o que me leva à questão: *'Qual o nível de profundidade de uma planificação em Expressão Dramática?'*

Até que ponto posso planificar uma ação onde a componente emocional e afetiva entra em jogo?

Penso que os exercícios trazem consigo finalidades que têm sempre uma base geral que pode ser aplicada em cada situação. Os exercícios propostos funcionam um pouco como o primeiro passo. O caminho a seguir é então medido, momento a momento, mediante as reações do sujeito, criando-se um processo continuado e cíclico.

Vejo a planificação como uma matriz, o trampolim para a ação, onde posso antever formas de orientar um ou outro exercício, refletir sobre a minha atitude e interesse nas atividades e, acima de tudo, o que elas contribuem para atingir as competências que pretendo desenvolver no sujeito.

O desbloqueio antes da ação





A procura da expressão





Improvisação num espaço







Bibliografia de apoio

Abbot, J. (2007). *The improvisation book*. London: Nick Hern Books Limited.

Barret, G. (1990). *Fichas pedagógicas de expresión dramática*. Quebec: Recherche en Expression.

Cabral, A. (2002). *O mundo fascinante do jogo*. Lisboa: Editorial Notícias.

Dayton, T. (1990). *Drama games. Techniques for self-development*. New York: Health Communications, Inc.

Fast, J. (2001). *A linguagem corporal*. Lisboa: Edições 70.

Johnston, C. (2009). *The improvisation game*. London: Nick Hern Books Limited.

Koudela, I. (1984). *Jogos teatrais*. 4ª. Edição. Coleção Debates. Brasil: Editora Perspectiva.

Levy, G. (2005). *112 Acting games*. USA: Meriwether Publishing Ltd.

Manes, S. (2003). *83 jogos psicológicos para a dinâmica de grupos*. 3ª. Edição. Apelação: Paulos Editora.

Pickering, K. (1997). *Drama improvised*. USA: Theatre arts.

Rodari, G. (2002). *Gramática da fantasia*. 4ª. Edição. Lisboa: Editorial Caminho.

Rooyackers, P. (2002). *101 Jogos dramáticos*. Colecção: Práticas Pedagógicas. Porto: Asa editores, S.A.

Sternberg, R. & Williams, W. (1991). *Como desenvolver a criatividade do aluno*. Colecção Cadernos do CRIAP, nº. 6. Porto: Asa editores II S.A.

Wiertsema, H. (2001). *100 jogos de movimento*. 4ª. Edição. Colecção: Práticas Pedagógicas. Porto: Edições ASA.

ANEXOS

ANEXO I

MÓDULO DE INTRODUÇÃO À EXPRESSÃO DRAMÁTICA

INTRODUÇÃO

Pensamento criativo, criatividade, uma sequência natural do desenvolvimento da atividade da segunda perspectiva formativa. Sendo um factor com que permanentemente nos vamos confrontar, a criatividade é efetivamente o ponto de contacto entre os diferentes intervenientes que reivindicam uma prática global, harmoniosa e criativa para a formação do aluno.

O seu desenvolvimento, que passa necessariamente pelo estimular e o fortalecer uma estrutura de pensamento divergente, assenta num certo número de princípios/ critérios.

Critérios, propriedades ou qualidades fundamentais do *criador* que contemplam a sensibilidade perante o mundo, a fluidez e mobilidade de pensamento, a originalidade pessoal, a aptidão para transformar as coisas, o espírito de análise e síntese e a capacidade de organização coerente.

Sempre que um indivíduo realiza um ato criativo, descobre em si capacidades até então desconhecidas. E ao fazer esta descoberta entra mais dentro de si, conhece-se mais profundamente, aumenta a capacidade de ver e de se realizar com o mundo. É esta realização de conhecimento indivíduo/ mundo que a dinâmica do processo de criação desbloqueia. A descoberta de novas capacidades e potencialidades, a compreensão do mundo circundante e o alargamento do raio da ação, do horizonte quotidiano.

COMPETÊNCIAS GERAIS

- Revela sensibilidade e compreende a disciplina através da **vivência prática** **(**individual e grupo);

- Desenvolve e progride na expressão/ comunicação, revelando um estado de disponibilidade à criação;

- Procura a descoberta de atitudes autênticas recorrendo cada vez menos à imitação e mais às referências e observações próprias;

- Desenvolve a imaginação e a criatividade;

- Toma consciência da importância da atividade lúdica no processo de aprendizagem e de formação;

- Desenvolve o sentido e a expressão estética no domínio das várias formas de expressão e comunicação;

- Revela a interiorização de capacidades sensoriais, físicas, afectivas e cognitivas, no relacionamento com o meio, a fim de renovar a sua ligação a este meio e a enriquecer a sua expressão e criatividade;

- Utiliza uma variedade de instrumentos e materiais que estimulem ideias e linguagens artísticas;

- Compreende os instrumentos teóricos e reflete sobre as práticas que aprofundam e ampliam a expressão e a comunicação;

- Desenvolve e aprofunda a retroação e a reflexão interpessoal do conhecimento prático e criativo.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

- Revela capacidades de cooperação e de socialização;

- Desenvolve e revela capacidades de atenção ao estímulo (Meio);

- Progride nas suas capacidades de escuta do Meio e de si próprio;

- Move-se à vontade (individual e grupo);

- Transmite confiança ao(s) outro(s);

- Conquista a confiança do(s) outro(s);

- Toma consciência do **corpo** a fim de explorar e desenvolver todas as possibilidades de expressão e de criatividade;

- Explora e aperfeiçoa as diferentes possibilidades expressivas do seu corpo;

- Compreende a natureza do movimento;

- Amplia e fortalece a sua memória sensorial;

- Torna presente a sua memória afectiva;

- Toma consciência da **voz** a fim de explorar e desenvolver todas as possibilidades de expressão e de criatividade;

- Explora diferentes variedades de sons e de qualidade de emissões sonoras;

- Toma consciência do **espaço** (meio) a fim de o utilizar de várias formas ao serviço da expressão e da criatividade;

- Desloca-se à vontade no espaço em situações de interação simples e complexas;

- Explora atitudes, gestos e movimentos para expressar sensações, emoções e ideias (individual e grupo);

- Explora e melhora a sua sensibilidade a uma linguagem não verbal para uma melhor expressão e criatividade;

- Explora simultaneamente a função de emissor (gesto, movimento) e de receptor (escuta do outro) em situações de expressão/ comunicação não verbal;

- Explora as relações entre emissor (quem fala) e receptor (quem escuta) em situações de expressão/ comunicação verbal;

- Explora simultaneamente a utilização da voz, da palavra, do corpo e do meio tal como da atenção e a escuta do(s) outro(s) para uma expressão/ comunicação espontânea e de interação criativa;

- Explora a linguagem dramática;

- Reflete sobre a linguagem dramática;

- Explora ou identifica meios de avaliação.

Conteúdos Programáticos

1 - **O colectivo**

1.1 conhecimento de si e do(s) outro(s);

1.2 relacionamento interpessoal e de confiança;

1.3 relacionamento intrapessoal

1.4 socialização.

2 - **O corpo**

2.1 - tomada de consciência corporal;

2.2 - atenção global;

2.3 - atividades sensoriais;

2.4 - respiração (tipos e funções);

2.5 - relaxamento;

2. 6 - concentração;

2.7 - segmentação e globalidade corporais.

3 - **O corpo como elemento sonoro**

3.1 - caixa de ressonância;

3.2 - máscara facial;

3.3 - volume vocal/ extensão vocal;

3.4 - sons orgânicos;

3.5 - sons do meio;

3.6 - variações com base em emissões sonoras;

3.7 - alternância sons/ silêncio;

3.8 - formas de expressão/ comunicação sonoras excluindo a palavra;

3.9 - formas de expressão/ comunicação sonoras utilizando a palavra, frase e textos.

4 - **O espaço**

4.1 - relações, apropriação e transformação do mesmo;

4.2 - espaço envolvente;

4.3 - espaço próprio - o território;

4.4 - orientação;

4.5 - organização espacial.

5 - **O movimento**

5.1 - o corpo em movimento;

5.2 - tempos e ritmos;

5.3 - força e energia;

5.4 - peso;

5.5 - coordenação;

5.6 - cinestesia;

5.7 - factores motores, formas e qualidades do movimento.

6 - **A dança**

6.1 - improvisações a partir de estímulos sonoros;

6.2 - recriação a partir de ritos;

6.3 - dança criativa;

6.4 - coreografias simples e complexas.

7 - **O jogo como expressão/ comunicação**

7.1 - jogo mímico;

7.2 - jogo de imitação;

7.3 - jogo simbólico;

7.4 - jogo tradicional;

7.5 - jogo de regras;

7.6 - jogo dramático.

8 - **A avaliação**

8.1 - o perceber;

8.2 - o fazer;

8.3 - o reagir.

METODOLOGIA

Um percurso disciplinar encerra um conjunto de conhecimentos a adquirir pelas experiências variadas no domínio de uma disciplina. Neste programa descreveremos o processo no sentido de se compreender melhor as etapas.

O ser pelo contacto sensorial com o mundo exterior, faz uma imagem da realidade graças à sua imaginação. Esta imagem repleta de emoções, de sensações, de intuições é alterada a todo o momento por novas *percepções* e está em constante transformação. É através da *realização* que ela se torna visível.

Perceção-reação, fazer-realização, reflexão-retroação constituem os elementos interativos do processo.

Perceber
Que visa desenvolver no aluno uma consciência do sensível, pessoal e atuante face ao enquadramento e à qualidade do seu Mundo (meio envolvente).

Fazer
Que visa a aquisição de um certo número de instrumentos e técnicas por parte do aluno indispensáveis à sua livre expressão que lhe permitam agir como praticante.

Reagir
Que visa traçar por meio de uma pedagogia aberta um programa de formação da sensibilidade no aluno; a aptidão perante o contacto com uma forma, um objecto, uma obra, uma espécie particular de emoção: a emoção estética.

Refletir
Que visa o aprofundamento criativo, crítico e de pesquisa sobre valores e atitudes pessoais e do meio que o envolve.

Uma metodologia assente no sujeito que interage, coopera e desenvolve a pesquisa do seu conhecimento prático na linguagem e situação dramática.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, sendo dado ênfase à assiduidade, autonomia, iniciativa, entrega e reflexão crítica sobre as atividades individuais e colectivas propostas.

Avaliação de registo escrito (jornal de bordo), produto das reflexões individuais realizadas durante o semestre.

BIBLIOGRAFIA

Barret, G. (1989). Para uma Definição de Expressão Dramática. Em *Percursos*. Cadernos de Arte e Educação (p. 17-31). Editor Associação Portuguesa de Expressão Dramática e Teatro na Educação. Aveiro.

Barret, G. (1989). *Pedagogia de la Expresion Dramática.* Québec: Editions Recherche en Expression.

Barret, G. (1995). *Pedagogia de la Situación en Expresión Dramática y en Educación*. Ediciones Recherche en Expression. Quebec: Biblioteca Nacional.

Barret, G. (Dir.) (1991). *Les Activités Dramatiques en Éducation. Former les Formateurs.* Graduel. Groupe de Recherche en Activitiés Dramatiques Université de la Sorbonne Nouvelle. Montreal: Editions Recherche en Expression.

Barret, G. (Dir.) (1993). *Recherche sur les modeles didactiques. Actes du séminaire franco.québécois.* Théâtre Éducation. Montréal: Edition Recherge en Expression et GRADUEL.

Boal, A. (2005) *Jogos Para Atores e Não-Atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Courtney, R. (1987). *Dictionary of Developmental Drama*. USA: Charles Thomas Publisher.

Kase-Polisini, J. (1985). *Creative Drama in a Developmental Context*. USA: University Press of America.

Koudela, I. (2002). *Jogos Teatrais*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Landier, J-C & Barret, G. (1999). *Expressão Dramática e Teatro*. Coleção Práticas Pedagógicas. Porto: Edições ASA.

Nicholson, H. (ed) (2000). *Teaching drama 11-18.* London, New York: Continuum.

Nóvoa, A. (1988). *O Método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Cadernos de formação.

ANEXO II

DEPARTAMENTO de ARTE e COMUNICAÇÃO

NOTAS SOBRE A ESCRITA DO REGISTO

O diário de bordo

O que se pretende que o aluno faça, no seu documento, é uma reflexão escrita, um registo, que siga naturalmente a prática das atividades, das discussões e de tudo o que se passa ou passou durante a aula, de forma a que o registo a possa prolongar, desenvolver e personalizar.

A reflexão quando é feita de uma forma verbal ganha uma dimensão exterior a si própria com a interferência que ela produz consigo mesma e com o(s) verbo(s), contudo, quando essa mesma reflexão passa à escrita, torna-se mais pessoal, íntima, profunda, confidencial e melhor sentida.

O documento quer-se assim como uma espécie de "jornal de bordo" no qual cada aluno regista e transcreve os acontecimentos mais relevantes que vive o seu pensamento, quer seja na realidade, quer seja nos sonhos tidos ou desejados, nas experiências da *praxis* que desenvolve nas aulas .

Pelo registo o aluno poderá comparar o passado e o presente, o real e o imaginário, o possível e o irrealizável, ele faz, pela escrita, surgir do fundo da *memória*, lembranças ainda vivas, confrontando *vivências* presentes e passadas, transformadas pelo *espaço* e pelo *tempo*.

No documento o aluno analisa as situações vividas, pedagógicas e não só, dá conta dos exercícios, descreve ou reencontra o desenrolar das **estruturas**, relembra os momentos de *prazer*, discute as afirmações, prolonga a reflexão, dá a sua opinião, comenta o seu **agir** em relação a si próprio, como em relação entre si próprio e o(s) outro(s), **identifica**, retém e acentua os detalhes, agarrando-se ao que é essencial.

O registo aprecia, de uma forma que se quer **crítica,** os vários momentos da aula, selecionando no terreno das vivências, as plantas raras do que é significativo no ervanário de recordações de cada um.

O registo joga sobre a paleta dos sentidos uma sinfonia multicolor em que o olhar se deixa levar para uma linha única ou numa imagem que forme um quadro no caixilho da vivência em que o ouvido regista uma palavra que fala ainda no silêncio ou na mão que guarda ainda a impressão quente de uma outra.

O registo deixa-se assim deslizar nas colinas suaves do sonho, da ficção, da divagação voluntária e quem sabe maravilhado, num desejo assumido de graça, de sublimação, de poesia e de **autenticidade.**

O documento traz consigo uma observação **única** e **crítica** que o aluno faz de si próprio, anuncia mudanças, cartografa metamorfoses, sublinha limites, verifica evoluções. No registo avalia-se o grau de realismo ou de lucidez da consciência do eu dando conta das suas novas descobertas, das intenções, dos projetos que visa e alcança.

O documento recomenda questionando, propõe na pergunta, sugere, *ele é o que está lá dito*, mesmo nas entrelinhas: revolta, queixa, sorriso, piscar de olho, confidência, seca, reencontro, refúgio, relatório, clarão, atenção, maturação, jogo, urgência, caminhos...

O registo é dividido em 4 partes distintas que formam um todo:

1-A estrutura da ação

Enunciado didático e metodológico.

Objectivo, esquemático, sem utilizar verbos. Não descritivo.

2-As finalidades

Questionamento sobre as intenções.

Não descritivo. Uso de verbos.

3-A vivência

Análise crítica e reflectida .

Escrita na 1ª pessoa do singular – **EU**

4-Comentários

J.M. Fraga
(Professor Coordenador)